

A crise que reacende a esperança
O "arrastão que (ainda) não aconteceu
Ética? Que ética?

Pobreza

Fermento e sal

Poema

Os cristãos "inquietos" das classes médias

Ciência e fé fazem as pazes

Carisma e poder

A Constituição e a TV

O anúncio do Reino de Deus

Sabedoria do povo indígena

A força dos sacramentos

O dinamismo do amor

Pais responsáveis

Guia de Leitura dos Evangelhos

Um certo movimento...

Libertação pela fé

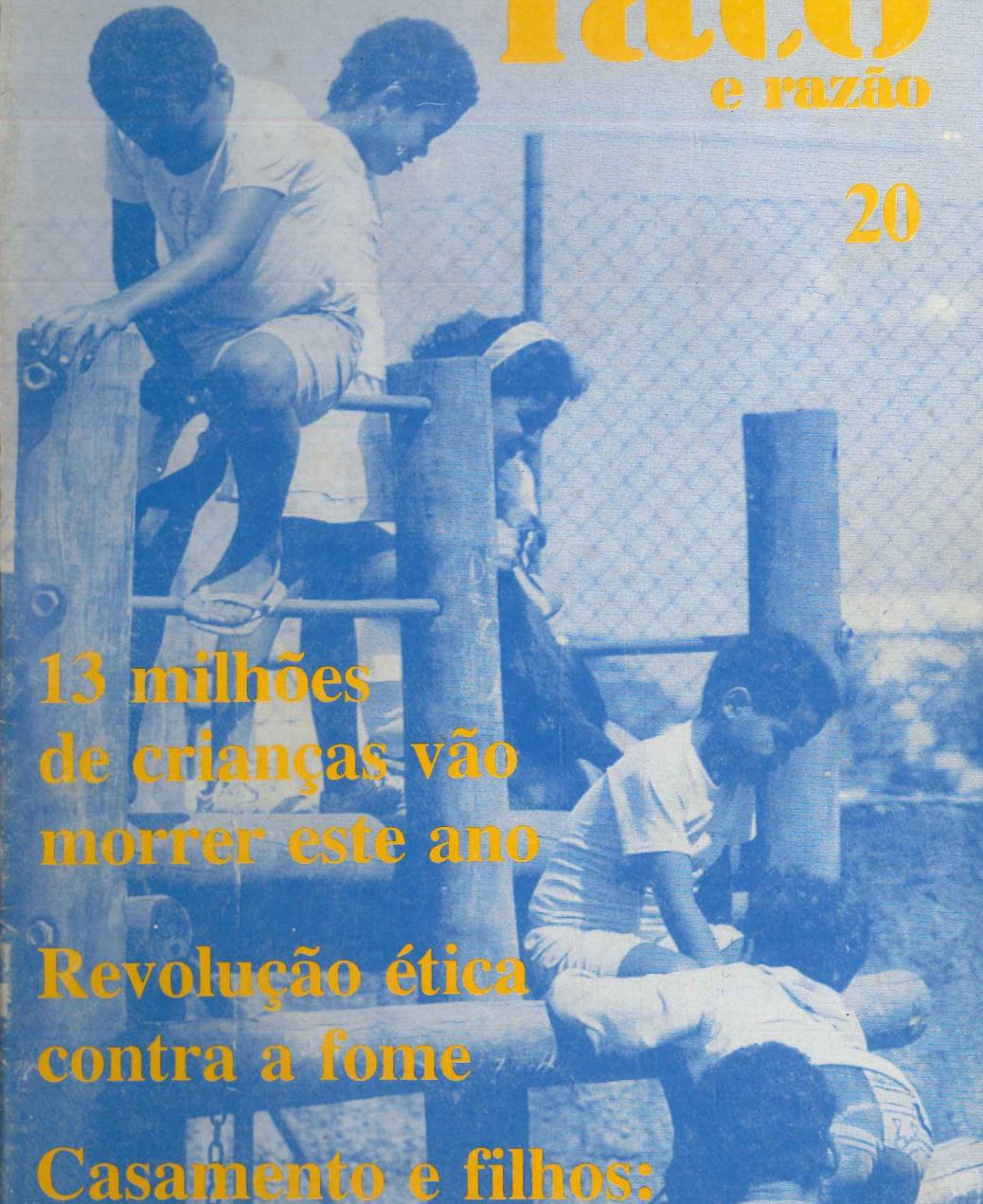
A fome é imoral!

ONU convoca mundo para salvar crianças

Educação dos filhos: responsabilidade
saborosa e... complicada

fato
e razão

20



13 milhões
de crianças vão
morrer este ano

Revolução ética
contra a fome

Casamento e filhos:
sempre novos desafios

Recado ao leitor

Este número da sua revista chega às suas mãos, caro leitor, pouco depois da verdadeira revolução ética que mudou a vida política do país.

Por isso, abrimos espaço amplo para analisar o que aconteceu e pensar sobre as consequências desses fatos.

Mas ainda na esteira dessa revolução ética, percebemos os efeitos dos desmandos na administração pública e da insensibilidade social das classes dirigentes do nosso país e, quem sabe, da nossa própria insensibilidade. Está aí, diante dos nossos olhos, o aumento da miséria e da fome, mais imorais que a corrupção que levou o povo às ruas.

Essa deverá ser a prioridade para a ação dos cristãos, na atualidade deste país rico, de maiorias miseráveis. É imperativo ético e moral, urgente e comprometedor.

Assim, retomamos, neste número, o tema da pobreza, sob diferentes enfoques. São matérias para a reflexão do leitor, individualmente ou em grupos.

É claro que não nos esquecemos desses pequenos e grandes problemas da vida familiar, às vezes dolorosos, que não escolhem classes sociais. Também procuramos trazer aos jovens casais, alguns temas de seu interesse. Você encontrará, caro leitor, artigos sobre vida conjugal e educação de filhos. Podem ser úteis para reuniões de grupos de casais.

Aliás, começamos, neste número, uma experiência que submetemos à sua crítica. Estamos oferecendo, no final de cada artigo da revista, uma bateria de perguntas para animar uma reunião de grupos que queiram discutir o assunto nele tratado.

Assim sendo, **Fato e Razão** toma a feição de um verdadeiro temário de reuniões e debates.

Esperamos, como sempre, sugestões e comentários.

S. & H.A.



fato e razão

Sumário

Edição Movimento Familiar Cristão

Conselho Diretor Nacional

José e Ione Assis
Arthur e Elza Diniz
Antonio e Sebastiana Leão
Mário e Ilma Silva
Margarida Rego
Carlos e Maria Nilza Mendes
Antonio e Marcolina Sanitá
Helio e Clara Lucia Martins
Newton e Lenir Pedroso
Lorici e Ermelinda Probst

Equipe de Redação

José e Beatriz Reis
Helio e Selma Amorim

Consultoria

IBRAF – Instituto Brasileiro
da Família

Distribuição e Correspondência

Livraria MFC
Rua Espírito Santo, 1059/1109
Tel. (031) 222-5842
30160 Belo Horizonte-MG

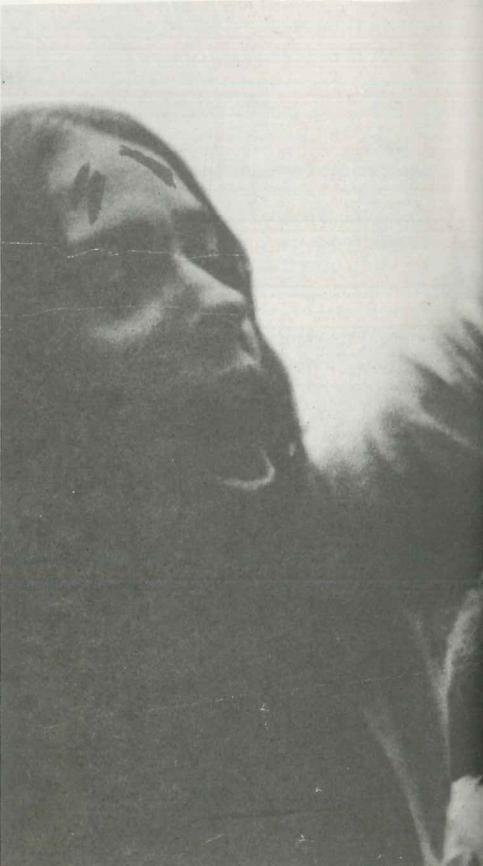
● A crise que reacende a esperança	2
● O "arrastão" que (ainda) não aconteceu	5
● A fome é imoral!	6
● Ética? Que ética?	8
● Os cristãos "inquietos" das classes médias	16
● Pobreza	20
● Fermento e sal	24
● Ciência e fé fazem as pazes	29
● Carisma e poder	30
● A Constituição e a TV	33
● O anúncio do Reino	37
● Sabedoria do povo indígena	45
● A força dos sacramentos	48
● O dinamismo do amor	51
● Educação de filhos: responsabilidade saborosa e... complicada	56
● Guia de leitura dos Evangelhos	64
● Um certo movimento	75
● Libertação pela fé	78
● ONU convoca o mundo a salvar crianças da morte	80

A crise que reacende a esperança



A humanização do Homem supõe que sejam humanizadoras as estruturas sócio-econômicas, políticas, culturais e religiosas em que o Homem está inserido; estruturas sociais humanizadoras configuram uma antecipação do Reino de Deus, irrompendo na história humana, como anunciado por Jesus. Essa é a Boa Notícia ou Evangelho.

Essas estruturas estão hoje em crise profunda e multifacetada, no mundo e, particularmente, no Brasil. O fantástico desenvolvimento da ciência e da técnica não tem sido orientado para o aumento do potencial humanizador dessas estruturas, porque a crise em que estão imersas é essencialmente ética e moral – mais que simplesmente sócio-política e econômica. Ela atinge profundamente o quadro de valores éticos e morais, as culturas e os comportamentos individuais e coletivos.



Como se manifesta a crise atual

Algumas manifestações particularmente perversas e degradantes dessa crise ética, no Brasil, podem ser destacadas, por seu potencial desumanizador:

- os homens públicos parecem considerar os bens da nação como seu patrimônio pessoal e familiar, deles dispondo segundo seus interesses particulares;

- difunde-se por todas as camadas sociais, a busca de vantagem em tudo, sem qualquer prurido ético e com absoluto cinismo;

- a monótona repetição de fatos escandalosos vai esvaziando a capacidade de indignação frente às injustiças, à corrupção e ao desrespeito à dignidade humana;

- a onda de permissividade sem limites, orquestrada por interesses comerciais e ideológicos, atropela valores culturais, morais e religiosos, moldando gerações sem um quadro referencial de princípios éticos;

- o desalento, o ceticismo e a desesperança vão tomado conta daqueles que não aderem ao cinismo institucionalizado.

Por que essas coisas acontecem?

As causas mais evidentes, embora não as únicas, da atual crise ética estão claramente identificadas:

- o modelo sócio-econômico altamente concentrador de riqueza, gerador de disparidades sociais absurdas, intoleráveis e desumanizadoras, contrárias ao projeto de Deus; o modelo neo-liberal não oferece quaisquer perspectivas de reversão desse quadro, por sua perversidade intrínseca;

- o modelo eleitoral baseado em campanhas milionárias somente viabilizadas mediante apoio de grupos econômicos poderosos e consequentes alianças que favorecem a corrupção, com a subordinação do desempenho político aos interesses dos mesmos grupos;

- a impunidade decorrente da excessiva lentidão ou imobilismo da justiça, que vence pelo cansaço e esquecimento a indignação ética capaz de reclamar punição dos responsáveis por atos desonestos e comportamentos desumanizantes;

- o excessivo poder concentrado nas mãos de poucos detentores dos instrumentos de formação da opinião pública (especialmente as grandes redes de TV) capazes de deformar e moldar culturas e impor valores segundo os interesses dos seus patrocinadores com a propaganda continuada e extremamente eficaz do hedonismo, do consumismo, da busca desenfreada de prestígio social, poder, vantagem nas relações sociais; com o incentivo à permissividade, à violência, à competição, à relativização de valores essenciais de honestidade, justiça e fraternidade.

O que fazer

As ruas e praças do país voltaram a ser o cenário das manifestações de indignação do povo contra essa insuportável degradação de costumes e crescente injustiça social.

Uma verdadeira revolução está desencadeada. Não uma revolução de ódio e sangue. Ao contrário, essa formidável pressão popular é alegre e festiva.

- Que outros sinais dessa crise ética e moral percebemos na cidade e nos ambientes que frequentamos?

- Como podemos contribuir para vencer essa crise e recuperar o valor da honestidade?

Talvez aí esteja a sua força; na alegria em que exprime a sua indignação e exige mudanças radicais nas práticas políticas e nas estruturas sócio-econômicas injustas.

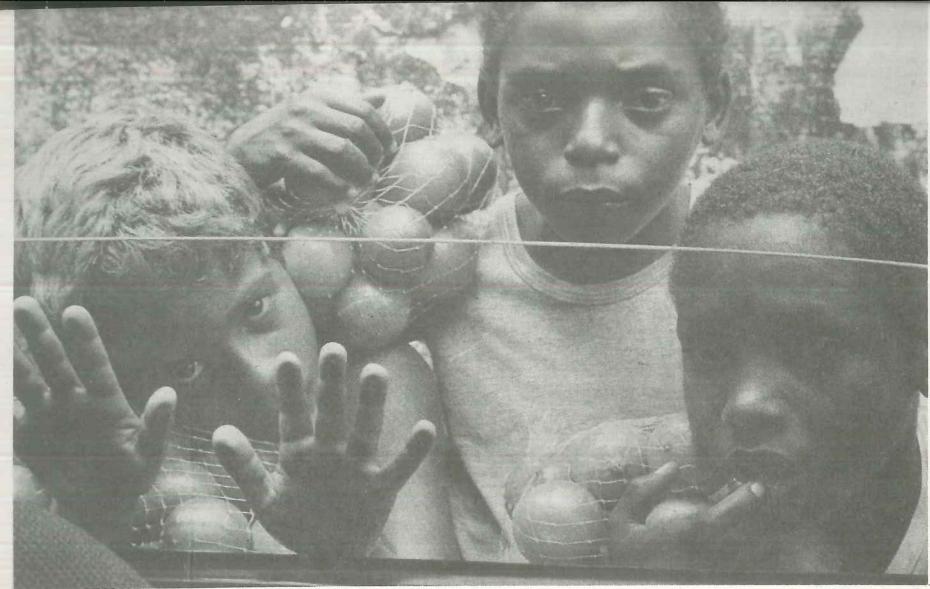
Essa pressão deve continuar, até que as medidas exigidas sejam adotadas e as mudanças se tornem realidade. Todos são convocados a participar ativamente dos atos que alimentam essa pressão da cidadania reconquistada.

E não se trata de apenas exigir da classe política as medidas que mudem esse país. Cabe a cada cidadão participar efetivamente dessas estruturas sociais nas quais se desenvolve a consciência crítica e se elaboram propostas alternativas de mudanças. São as associações de bairro, os diretórios de estudantes nas escolas e universidades, os sindicatos e partidos políticos, os movimentos de Igreja mais comprometidos com a busca da justiça – e tantas outras formas de organização popular.

Os acontecimentos recentes renovam as esperanças antes adormecidas especialmente pela mobilização dos jovens, que antes pareciam alienados e omissos. Ao contrário, ressurgem como sucessores alegres, da geração que os precedeu, nos "anos rebeldes", relembrados pela novela que um cochilo do patrulhamento ideológico das redes de TV deixou passar.

Recupera-se, assim, a consciência de serem todos corresponsáveis pelas tarefas da humanização.

Para os cristãos, isto significa aderir ao plano de Deus e participar da edificação do seu Reino.



O "arrastão que (ainda) não aconteceu

Cinegrafistas competentes gravaram tudo e as redes de TV transmitiram, com dose máxima de sensacionalismo, o que seria o início da grande revolução social ou do assalto à cidade por gangs selvagens. O cenário de superprodução foram as praias da Zona Sul do Rio de Janeiro, em domingo de sol quente.

Horas depois, o observador mais atento já percebia que nada havia acontecido, a não ser uma grande correria de jovens e adolescentes esquálidos e de pele morena compondo uma coreografia inusitada naquele cenário. Algumas camisas e sandálias furtadas durante a confusão, não mais que nos dias normais, sequer levaram queixosos às delegacias de polícia. Portanto, nem assalto de bárbaros, nem revolução. Por enquanto.

E se já estivesse acontecendo,

não deveria ser surpresa para o bom observador. Se se avaliam as perversas disparidades sociais que convivem e se tocam nas praias cariocas, a surpresa é constatar o discreto nível de violência, irrelevante em relação à institucionalizada em forma de sistema socio-econômico que produz aqueles atores de triste figura.

No fim da tarde, tudo estaria reduzido a comentários nas mesas dos bares da Zona Sul, se não fosse o festival de tolices transmitido pelos mesmos canais de TV, nas entrevistas com famílias do bairro, políticos-candidatos e agentes de turismo. A festa incluía a pena de morte, o exercício nas ruas, a suspensão das linhas de ônibus que ligam os subúrbios aos bairros nobres do litoral, barreiras policiais nos trens da Central e outras pérolas com que muitos so-

nham para institucionalizar o apartheid social, já antecipado pelas grandes e alarmes dos elegantes condomínios em que vivem acuados.

O susto maior foi a foto dos jornais de segunda-feira: jovens bonitos e musculosos, de pelo dourada, posando uniformizados com boinas vermelhas, formando brigadas de voluntários para defender a paz do seu pequeno mundo contra a ameaça daquela gente feia e desordeira. Uma foto aterrorizante. À noite, a TV mostrava esses jovens em exercícios científicamente orientados por instrutores, em elegantes academias de ginástica e artes marciais.

Agora se sabe que o "arrastão" que não houve, não passou de um confronto inconseqüente de dois grandes grupos rivais de jovens e adolescentes, motivado pelo furto de um par de tênis. Esses grupos estão se multiplicando nos bairros pobres e favelas do Rio, tendo como motivação a busca de relacionamento mais humano em meio à selva urbana. Criam lugares de reunião, geralmente em terrenos baldios, que transformam em espaço de festa, música e bailes "funk". Formam-se como que famílias substitutas unidas por laços de solidariedade. A violência muitas vezes se instala a partir da rivalidade entre essas famílias ou bairros.

Mas aquele domingo foi uma advertência e uma descoberta. Que os social e politicamente cegos abram os olhos para reconhecer a iniquidade institucionalizada porque os expoliados descobriram o seu poder, naquela coreografia de praia. Em outros lugares já se ensaiam movimentos. Chegará o tempo em que a injustiça social moverá os excluídos num arrastão incontrolável e os cinegrafistas não chegarão a tempo.

(S & HA)

A fome é imoral!

Os grupos que se associaram no grande Movimento pela Ética na Política, são os verdadeiros responsáveis pela revolução moral que se instalou no Brasil dos anos 90.

O Movimento, a princípio descrente de sua própria força, acabou ganhando as ruas e acordando parlamentares adormecidos. Deu no que deu. Um governo eleito democraticamente, acaba caindo democraticamente, por trair seus compromissos.

Gente corrupta e poderosa está sendo processada e vai acabar mal. A maldita Lei de Gerson, aquela de levar vantagem em tudo, começa a perder prestígio.

E o brasileiro honesto recupera o orgulho de se proclamar honesto...

Agora, esse grande Movimento redireciona as suas baterias para outra questão mais grave: a fome que mata milhões de brasileiros, num país rico e grande exportador de alimentos.

Na reunião em que essa decisão foi tomada, D. Luciano Mendes de Almeida lançou o grito que marcará essa luta: **"A fome é imoral!"**

Surgiram idéias e multiplicaram-se denúncias. Cristóvam Buarque demonstrou a perversidade do que chama "apartheid social", no Brasil.



Nando Neves / Imagens da Terra



O brado de D. Luciano deveria ser carimbado em todo os papéis e documentos que se produzem, repetido em todas as celebrações, reuniões e debates de cristãos ou não cristãos, em todos os lugares em que estejam presentes homens e mulheres de boa vontade, para que se recupere a capacidade adormecida de indignação e inconformismo.

"A fome é imoral!"

Ética? Que ética?

José e Beatriz Reis

Começo de Conversa

Vivemos no Brasil, uma crise de vastas proporções. O povo se viu de repente, colocado ante um grande processo de corrupção que assustou a todos. O âmbito por ela dominado, a profundidade de suas raízes, o entrelaçamento de seus ramos, sua infiltração em vários e diferentes camadas provoca uma reação de náusea, de espanto e quase diríamos, de desesperança.

O povo saiu pelas ruas, reclamou, e cobrou de seus dirigentes, por ele eleitos, uma atitude de homens honestos, capazes de enfrentar a crise e de levar o país a dias melhores e mais saudáveis. Acontece no entanto que muitos desses homens por ele eleitos têm estado comprometidos com a crise que abala a todos, manejando-a em proveito próprio, ignorando todas as exigências – mesmo as mais elementares – de uma ética humana e política.

De nada adianta relacionar aqui os aspectos da crise que eclodiu como uma bofetada na face do povo. Os meios de comunicação social seguem apresentando, cada dia, comentários diversos. Manifestam-se tanto os mais conscientes, quanto aqueles que, como diz o salmista, têm olhos e não vêem, têm ouvidos e não ouvem, têm o olfato e o paladar embotados, porque lhes convém.

Se queremos sair dessa crise como homens conscientes, honestos

e adultos, teremos que encará-la de frente, teremos que enfrentá-la assumindo compromissos diante dos desafios que ela nos coloca – a todos e a cada um de nós – e não apenas aos juízes, procuradores e parlamentares.

Para começo de conversa seria bom nos lembrarmos de que existem três palavras, derivadas da mesma raiz: crise, critério e crítica. Isso indica que toda crise pode ser caminho de mudança e de crescimento quando nos leva a uma crítica lúcida, adulta e responsável diante de um critério claramente percebido, adultamente adotado como indicador dos caminhos a serem eventualmente seguidos.

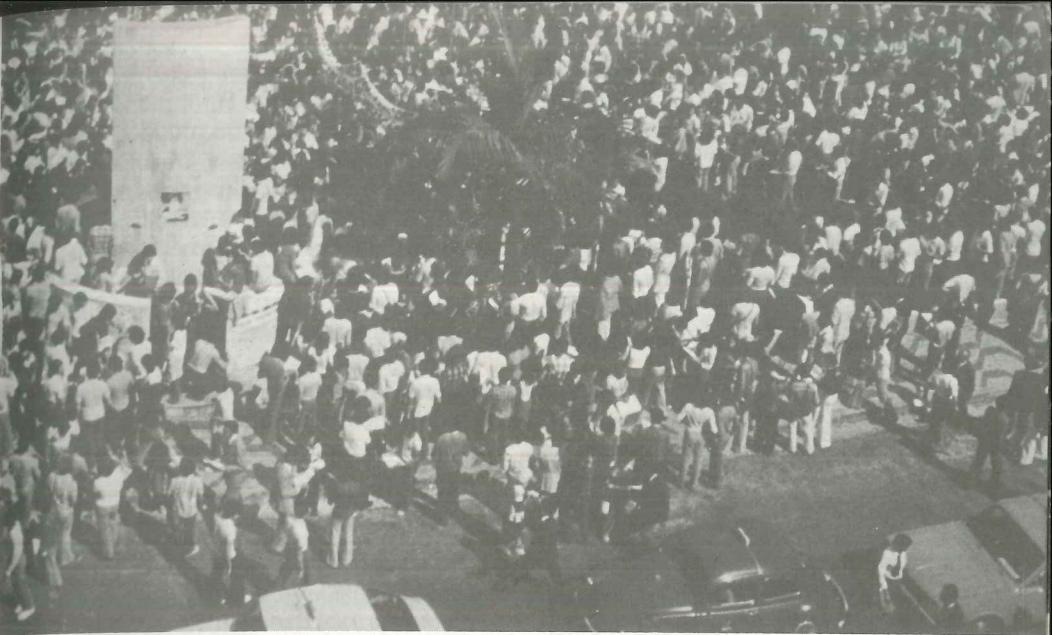
Colocando os pontos nos ii

É bom deixar claro que essa reflexão se baseia em nossa missão, em nosso ofício de homens e de homens cristãos.

É a partir da realidade histórica que hoje vivemos, bem como das exigências de nossa fé que a elaboramos.

E preciso deixar claro também que a fé pode tanto nos orientar para uma postura realista e humanamente madura e adulta, quanto para uma postura infantil e ingênua. Depende de como a compreendemos e vivemos.

Antigamente a fé era apresenta-



da como uma exigência de se desprezar as realidades terrestres para nos dedicarmos mais eficientemente a conseguir nossa salvação eterna.

Hoje, com o avanço das ciências humanas e sociais, a fé nos revela outra faceta – sua outra face, antes invisível, como a face oculta da lua.

Uma das causas da dificuldade que muitos experimentam para compreender as novas proposições que a fé nos apresenta hoje provém da concepção que têm da criação.

Consideram-na como um acontecimento fixista, realizado e terminado de uma vez para sempre e que continua a existir, tal qual como no princípio, independente da ação dos homens. E Adão aparece então como o grande e único responsável por tudo o que acontece no mundo.

Hoje a criação nos aparece como um processo dinâmico e evolutivo que se perfaz ou se desfaz cada dia, segundo os caminhos que constroem a história.

Compreendemos então que o mundo é entregue à responsabili-

de dos homens – responsabilidade chamada a atuar em cada geração, diante de desafios concretos e mutáveis – e, portanto, sempre desafiantes e sempre atuais.

E assim, paulatina e constantemente, procurarão os homens construir a história, colocando a serviço dessa construção seus acertos e desacertos, suas possibilidades e suas limitações.

Isto dá um valor insubstituível e definitivo à responsabilidade humana, encarregada de levar nas mãos o destino do mundo, o destino dos homens, de todas as épocas e culturas.

"Se analisarmos a história (diz Juan Luis Segundo em seu livro "O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré") veremos que o progresso se torce e se volta contra o homem, que as revoluções, mesmo as mais humanitárias e prometedoras se desviam; que o consenso social, prenda de toda democracia, tem, dentro de si, uma força massiva esmagadora, pela qual as ideologias de liberdade,

fraternidade e amor se esclerosam e burocratizam; que os martírios se perdem no esquecimento e na incompreensão, que os sacrifícios a longo prazo se fazem em vão". (2º volume, pag. 545 – E.P. 1985).

Na América Latina essa realidade é por demais evidente para que possa passar inadvertida e desculpar assim aqueles que nada querem perceber.

Em consequência surge a Teologia da Libertação. "Ao deslocar em direção à história e suas tarefas humanizadoras o acento que a teologia (mal chamada clássica) vinha pondo na salvação ultramundana, a nova corrente percebeu que a libertação do homem de sua condição infrahumana, pelo menos neste continente, devia atacar o fator nela mais decisivo, o das estruturas políticas, tanto nacionais quanto internacionais". (id. pág. 616).

Aqui gostaríamos de lembrar o que os evangelhos nos dizem, nas entrelinhas, a respeito de Jesus: Ele procurou pôr em prática, na Palestina de seu tempo, um novo sistema de valores decorrentes do plano de seu Pai sobre o destino do homem e do mundo, pregando sobre os meios teóricos e práticos de implantar esses valores em seu ambiente histórico-cultural concreto. Condenaram-no e assassinaram-no então por ser conflitivo, por tomar partido por uns contra outros, por colocar em confronto a realidade histórica, sócio-política e religiosa de seu tempo e de sua terra com o projeto de Deus que estava encarregado de revelar. Como imaginar então hoje, um Jesus mundo, indiferente, descompromissado, ante a crise que vivemos?

A fé nesse Jesus supõe o assumir, como nossa, sua missão. Supõe que acreditemos não apenas nele, mas naquilo em que ele acreditava,

naquilo por que deu sua vida.

Então, a fé assim compreendida, longe de nos afastar do mundo e de seus problemas e crises, transforma o modo como conhecemos, interpretamos, criticamos e situamos os acontecimentos históricos, abrindo nossos olhos para que sejam capazes de aprender de modo realista o que acontece, modificando, como consequência, pelo menos em certa medida, nossa conduta e nossas atitudes frente a desafios concretos.

Realismo da fé

A perspectiva que nos é apresentada pela fé mergulha profundamente na realidade concreta e mostra que o homem, vocacionado a construir uma história plenamente humana, vive num mundo constituído por leis e princípios próprios e autônomos que, por isso mesmo, se apresentam como constantes desafios.

Essa percepção leva-o portanto, a situar-se de modo lúcido e crítico nesse mundo que o ignora ou que procura instrumentalizá-lo ou mesmo destruí-lo ou sufocá-lo quando sua ação de homem cria dificuldades à consecução dos objetivos que lhe são próprios.

Essa visão realista o faz perceber ainda as exigências de sua missão de homem, bem como a realidade cultural e histórica em que essa missão se deve realizar, libertando-o assim de perspectivas e posições assumidas de modo ingênuo, desencarnado, desvinculado da marcha do mundo.

Torna-se assim o homem, fiel à perspectiva que a fé lhe revela, capaz de analisar, identificar, criticar e julgar esses mecanismos procurando, ao mesmo tempo, através de uma ação consciente, colocá-los a seu

serviço ou substituí-los. E nesse processo assumido de modo consciente e constante o homem tentará modificar esse mundo que tem suas próprias leis e seus próprios mecanismos, apresentando constantemente projetos livres, criativos, tendo por objetivo criar condições de humanização para os homens, colocando-se a seu serviço e, portanto, a serviço do plano de Deus.

Esses projetos esbarrarão sempre num poder escravizador, identificado como Pecado, isto é, como uma realidade constantemente opressora, desumanizadora e destruidora, presente em todos os tempos e culturas e que se manifesta de diversas maneiras, seja através de instituições e estruturas criadas no decorrer dos tempos, seja através de atitudes pessoais e particulares.

Até bem pouco tempo o Pecado era identificado apenas em suas manifestações, em seus sintomas traduzidos em transgressões diversas, fruto, muitas vezes, desse condicionamento central e abrangente que sufoca o homem.

Por isso, quando se fala hoje no Pecado com maiúscula, ou quando se fala em Pecado estrutural, muitos consideram essa colocação como invenção da mente moderna.

No entanto, esse Pecado sempre existiu e, apesar de nossos protestos de inocência, sempre o acolhemos em nosso coração e em nossa vida tornando-nos, mesmo de modo pouco consciente, seus cúmplices, auto-enganando-nos para poder legitimá-lo e aceitá-lo cada dia.

E assim, nos vamos tornando cada vez mais escravos do Pecado. Instala-se dentro de cada um de nós um processo de mentira que nos cega, fazendo-nos prisioneiros de nosso próprio engano.

Estabelece-se assim a suprema-



cia do Pecado: dominando o homem e a cultura por ele criada, essa supremacia, manifestada de formas variadas, torna os homens cada vez mais incapazes de se libertarem, pois os habita a viverem como instrumentos colocados a serviço do próprio sistema que os opõe.

Os próprios cristãos são condicionados pelos mecanismos do Pecado: "há uma corrupção, uma 'morte' latente no mundo", envolvendo o homem e seus projetos de libertação, fazendo-o calar sua voz mais autêntica e "justificar, com raciocínios intrincados que obscurecem seu júizo", levando-o, em última instância, a trocar o Deus verdadeiro e seu projeto de salvação por um ídolo complacente que justifica sua deserção e sua cumplicidade. (idem, cf pág. 582).

Do Pecado, à procura de possíveis respostas

Depois de tudo o que temos refletido não nos será difícil compreender a importância e o sentido da história – dessa história que, de modo certo ou errado, vamos construindo – “longa história que é a arena da atividade humana e única dimensão em que o homem pode se tornar criador”. (id. pág. 592).

É nessa história, – nesse mundo condicionado por mecanismos desumanos e desumanizadores – que somos chamados a construir o Reino de Deus, como resposta ao seu plano de salvação.

É a partir do aqui e agora concretos e limitados que cada homem é chamado a libertar-se libertando todos os outros, por meio da proposição de projetos criadores, livres e originais, projetos que procurem concretizar o plano de Deus, e que não se detenham diante da necessidade de atacar o Pecado em seu próprio cerne – nas próprias instituições e estruturas que condicionam e instrumentalizam os homens.

É claro que, nessa tentativa de encontrar respostas válidas, Pecado e Fé se enfrentarão e como consequência, haverá sempre grande distância entre a intenção ou proposição do homem e a realização concreta dos projetos por ele apresentados. Isto exige que, na apresentação de seus projetos, o homem seja capaz de distinguir, não apenas o **lícito** do **ilícito**, mas aquilo que, em determinado momento e diante de determinado desafio, seja mais ou menos **conveniente**. Essa conveniência consiste, não apenas na relação de determinado projeto com os meios de que dispomos para realizá-lo, ou na possibilidade de realizar o que entre-

vimos, no meio dos princípios e mecanismos que o procuram interceptar, mas também na possibilidade de encontrarmos, no momento exato, a resposta mais cabível e, ao mesmo tempo, mais aberta ao único projeto definitivo, parâmetro de todos os outros: o plano de salvação de Deus.

E aqui cabe uma reflexão: todos sabemos que nossos projetos são sempre parciais e limitados, pois procuram responder a desafios determinados e concretos. Por isso mesmo, jamais poderemos apresentar projetos que sejam respostas definitivas, válidas e oportunas para sempre.

Existe apenas um projeto válido para sempre: o plano de salvação de Deus. Mas, mesmo assim, esse plano se realiza em plena história, sofrendo condicionamentos e enfrentando desafios concretos.

É portanto diante das exigências centrais desse plano que poderemos descobrir, em cada época e cultura, em cada momento histórico aquilo que, em nossas tentativas de resposta, deve ser considerado mais conveniente.

Em qualquer situação concreta, no entanto, só o amor – revelado por Jesus quando pregava o projeto de Deus – se pode apresentar como critério único da validade ou da conveniência de qualquer projeto. Só ele levará o homem a se colocar no meio do mundo concreto, como herdeiro de uma criação que não lhe pertence mas que foi colocada, indefesa em suas mãos. Ele o levará também a colocar-se a serviço do Projeto que se apresenta como parâmetro de todos e de cada um dos projetos humanos levando-o, ao mesmo tempo, a assumi-lo como seu. Colocando-se incondicionalmente a seu serviço, o homem denunciará o Pecado que se levanta sobre e contra tudo o que é

humano. Denunciará seu poder total estabelecido para durar e escravizar, privando o homem de sua liberdade criadora, inutilizando-o e matando-o, às vezes fisicamente, a maioria das vezes o destruindo em todos e em cada um de seus projetos mais significativos e mais esperançosos. (id. cf. pág. 629).

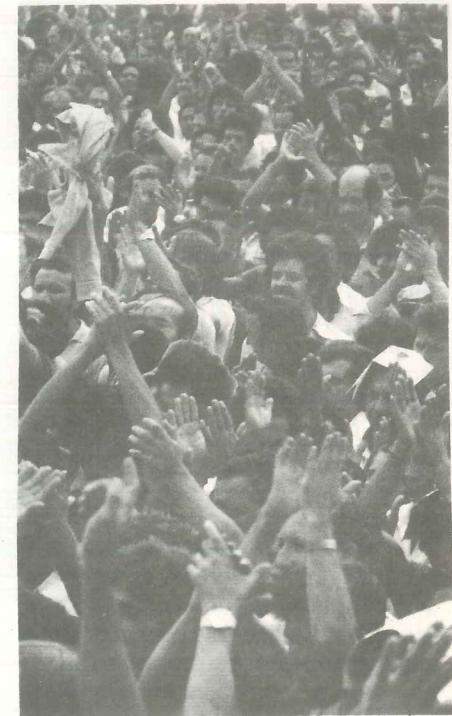
Mesmo assim, jamais poderemos responder plenamente à nossa vocação de, cooperando uns com os outros, realizar de modo pleno e total, o plano de Deus – pela própria exigência de serem respostas concretas a desafios determinados, nossas tentativas serão sempre delimitadas por condicionamentos concretos e destinados a servirem a determinado tempo e lugar. E, em sua pobreza e provisoria, encontrão sua maior riqueza e sua adequação a situações concretas e vivenciais.

Crise brasileira

Lembrando-nos do que explicitamos acima sobre três palavras construídas sobre a mesma raiz-crise, critério e crítica – vamos continuar nossa reflexão.

A crise brasileira não está superada. Por mais que alguns queiram ocultá-la ou legitimá-la, seus contornos são claramente perceptíveis. A denúncia da crise, começada de modo estranho, se alastrou, tomou conta dos meios de comunicação social, passou pelas instâncias oficiais e despertou o povo, sempre meio adormecido. Manifestações de rua, programadas ou espontâneas, ocorreram em várias partes do país. E todos discutiam, bem ou mal informados, sobre o processo do impeachment.

Temos a impressão do despertar de um gigante, quase sempre adormecido em berço esplêndido.



E a crise se apresenta como desafio à nossa crítica, despertando-nos para tomadas de posição, não apenas agora, mas a médio e longo prazo.

Todos nós estarrecidos, defrontamo-nos com o escândalo sem precedentes. E, no nosso espanto e indignação podemos, mesmo sem o perceber, nos deixar prender pelos sintomas mais aparentes que agora se apresentam em toda a sua nudez, fixando, apenas neles, nossa atenção e nossa indignação. Podemos esquecer-nos de que, em sua gravidade incontestável, tudo o que vem acontecendo é apenas sintoma de um mal mais profundo e por isso mesmo, menos perceptível à visão daqueles que se habituaram a viver mais superficialmente.

De fato, por traz da crise que hoje enfrentamos, está o que cha-

mamos Pecado com letra maiúscula – com suas estruturas escravizadoras e permanentes, instrumentalizando e destruindo os homens e suas culturas.

Isto exige que nossa crítica não se esgote nos sintomas aparentes – por graves, escandalosos e penosos que sejam – mas, passando por eles, atinja esse Pecado sempre presente e sempre atuante – e portanto, pronto a reaparecer em novas formas, em novos estilos, depois que essa crise tiver sido resolvida.

Que critério nos servirá de guia nesse caminho a ser percorrido? Nossa missão de homens, nossa missão de cristãos? Bem compreendida e assumida, essa missão nos levará de etapa em etapa, de denúncia em denúncia, de anúncio em anúncio, qualquer que seja a atividade que desempenhemos no âmbito social.

Com a interdependência crescente dos homens, o único mandamento cristão, o do amor, para ser eficaz

e real, terá que passar, cada vez mais, por mediações políticas que, iluminadas e criticadas pela perspectiva apresentada pela fé, possam orientar nossa mente para o encontro de soluções plenamente humanas (cf. G.S. 11) nas ordens política, econômica e social e diante de qualquer desafio que se lhe apresente.

O desafio central que vivemos hoje é esse: sem perder de vista a gravidade dos sintomas que se apresentam, sem deixar de tomar posição e de assumir os compromissos necessários diante dos sintomas que hoje configuram a crise, não nos esquecermos de atacar, de modo direto e constante, o Pecado que realmente escraviza, neutraliza e destrói os projetos que julgamos convenientes, simplesmente porque não correspondem ou não se adaptam aos princípios e mecanismos que levam o mundo a procurar caminhos desumanos e desumanizadores.

- *Quais são as causas da crise de valores que estamos vivendo? Onde começa a desvalorização da honestidade e da justiça?*
- *As famílias podem ter culpa nessa crise atual? O exemplo dos pais é sempre construtivo para a formação da consciência ética dos filhos? Exemplos contra e a favor.*
- *Que pecado estará na origem dessa crise ética? Terá relação com a prática da justiça e do amor? Estará referido ao Reino de Deus?*
- *O que poderíamos fazer concretamente para a recuperação desses valores permanentes: a honestidade, a justiça, a fraternidade, o amor ao próximo, o respeito pelas coisas públicas, a disponibilidade para o serviço ao outro...*

Leia e assine
fato
e razão



Poema

Eu vivo a vida
como quem dança
ao som da flauta
do meu Senhor

Eu amo a vida
como criança
quando descobre
o som e a cor

Eu dô a vida
como quem ama
do sol nascente
ao sol se pôr

Eu choro a vida
como quem parte
deixando atraç
um grande amor

Retorno à vida
como quem sente
na noite escura
nascer a flor

Os cristãos "inquietos" das classes médias

Frei Clodovis M. Boff, O.S.M.

Da opção pelos pobres como imperativo categórico humano e cristão

A "opção pelos pobres" é uma opção de tipo **elementar**. Ela se impõe quase como um "imperativo categórico", antes e independentemente de qualquer justificativa teológica e mesmo simplesmente humana. Os pobres, especialmente quando se apresentam como massa, representam uma interpelação potente à consciência ética da humanidade e, com maior razão, das igrejas. Mesmo na hipótese de os pobres não serem **sujeitos históricos** da transformação social (em favor de outras classes, ainda que fosse das classes médias modernas), eles permanecem sempre **sujeitos humanos** (pessoas), cuja dignidade se encontra esmagada, não reconhecida. É a esse título primário que devem ser amados e receber a solidariedade de todos. Trata-se, nesse caso, sempre do amor ao **pobre-sujeito** e não ao **pobre-objeto**.

A "opção pelos pobres" não é algo de facultativo; é um imperativo humano e mais ainda evangélico. Não é também algo de histórico ou conjuntural; é uma opção permanente. Se a consciência moral da humanidade pode em princípio compreender tal exigência, a fé cristã por sua parte leva tal exigência a uma claridade toda particular e por isso a

uma exigência sem igual.

Portanto, a classe média não pode perder essa referência axial – os pobres – e concentrar-se sobre si mesma, sobre os problemas próprios de classe, ainda que estes devam também ter seu lugar, como diremos logo. Seja como for, para um cristão, a opção pelos pobres (sempre evangélica e preferencial) representa uma balisa segura (embora não única), da qual não é lícito se afastar, sob a pena de trair a própria fé em Jesus Cristo. Evidentemente, o lugar de Jesus Cristo é primeiríssimo e único. Retomando uma fórmula conhecida, pode-se dizer: o pobre é "o primeiro depois do único".

Combinar os interesses dos pobres com os da própria classe

Mas as pessoas das classes médias seriam, nessa perspectiva, apenas pessoas-para-os-outros (no caso, os pobres) e não pessoas-para-si? Como colocar pessoas em função de outras? Não seria cair na instrumentalização? Com efeito, toda pessoa humana, inclusive das classes não-pobres, só pode ter razão de fim e nunca de meio – como afirmou Kant.

Mas isso constitui um problema apenas na medida em que se considera a opção pelos pobres de modo absoluto, quando na verdade é uma opção "preferencial", "não exclusi-



va". Sem dúvida, a "opção pelos pobres" é uma dimensão integrante de toda a pastoral. Ela exprime a seu modo o aspecto de "serviço" de todo ser cristão, para não dizer de todo ser humano, como pessoa, a qual efetivamente só se realiza abrindo-se no amor. Na visão cristã, a idéia de autorealização pelo serviço é claríssima. O exemplo e as palavras de Jesus estão aí para prová-lo: "Quem dentre vós quiser ser o primeiro, seja escravo de todos, pois também o Filho do Homem não veio para ser servido mas para servir e dar a vida pela libertação de todos" (Mc 10, 44-45). Evidentemente, trata-se de um servi-

ço livre e não imposto; feito no amor e não a contragosto.

Portanto, na visão cristã, as diferenças são apenas funcionais. Quem tem mais, dê mais; quem pode mais, faça mais; quem sabe mais, ensine mais. Assim, a classe média: se possui competências técnicas, educativas, organizativas, políticas, etc., deve pô-las a serviço do bem de todos, particularmente dos pequenos. Portanto, as classes mais favorecidas têm o dever de se colocar ao serviço das menos favorecidas pela simples e boa razão de que, tendo mais condições, devem dar uma maior contribuição.

Por outro lado (e essa é a segunda parte da questão), a "opção pelos pobres", não sendo exclusiva, não absorve todo o interesse de quem quer que seja. Por isso permanecem de pé os problemas específicos de cada pessoa e grupo, os quais merecem um tratamento igualmente específico. Há efetivamente questões próprias ou pelo menos mais afins às classes médias, como sua função específica na sociedade e em sua mudança, suas preocupações maiores, especialmente as que concernem a modernidade: tecnologia, subjetividade, e assim por diante. Esses problemas, embora sentidos particularmente por elas não são exclusivos delas; são problemas humanos, universais. Dende a necessidade de uma evangelização das pessoas de classe média atender inclusive a essas questões. Naturalmente, trata-se de reforçar interesses da classe média (sentido ético) e não interesses de classe média (sentido ideológico).

De resto, sem uma identidade própria, ou seja, sem se possuir, pessoa alguma pode se dar verdadeiramente. Evidentemente, esses dois aspectos (solidariedade com os oprimidos e preocupação com a problemática humana própria) estão entrelaçados e devem ser tratados um a luz do outro.

Dos destinatários e dos sujeitos da evangelização da classe média

Falando-se em pastoral ou evangelização das classes médias, há que levantar a questão dos **destinatários**. Pergunta-se: a quem esta atividade se dirige? A "classe média inquieta" ou à "massa" da classe média em geral? É sem dúvida às duas, mas sempre de modo combi-

nado.

No caso que nos ocupa – evangelização das classes médias – por onde começar? De imediato o que importa fazer, antes de tudo, é articular os "inquietos", consolidando sua posição na igreja e na sociedade. É um trabalho, reconhecidamente, voltado mais para os problemas próprios de uma classe média que se quer comprometida tanto na fé como no compromisso. De fato, como os "inquietos" poderão evangelizar eficazmente os "quietos" (no plano da fé e do compromisso social) sem uma organização mínima?

Mas evidentemente o trabalho não pode ficar nisso. É impossível se reunir exclusivamente para reforçar o próprio compromisso, tanto religioso como social, deixando de lado a missão evangelizadora, especialmente o **apostolado**. Os "inquietos" têm que despertar os "quietos". É assim que a classe média evangeliza a classe média. É preciso, pois, passar para o kerygma, o anúncio de Jesus Cristo e seu Reino.

E isso é tanto mais verdade hoje, quando, em nosso mundo secularista, não se pode, dar mais por descontado que a classe média seja cristã, como no passado. Agora a classe média (mas também as outras classes) é largamente secular, secularista e mesmo neo-paganizada. Antes, em razão e a partir da suposição de que fosse cristã, se tratava apenas(!) de cobrar dela o compromisso pela justiça, a opção pelos pobres. Hoje, a fé não é mais pressuposta e é preciso, pois, garantí-la.

Deste modo se realizam os dois momentos clássicos de toda a evangelização: o momento do discipulado (didascália) e o momento do apostolado (kerygma). É claro que as duas coisas podem andar na realidade juntas, mas do ponto de vista lógico,

o discipulado (ouvir – fé) tem precedência sobre o apostolado (falar – missão).

Portanto, do ponto de vista do conteúdo, a pastoral da classe média não pode se contentar em despertar o compromisso com o pobre. Ela precisa também despertar o compromisso com Jesus Cristo. O Reino do Senhor, sim, mas também o Senhor do Reino. Naturalmente, a missão evangelizadora junto aos companheiros de classe envolve, com o anúncio de Jesus Cristo, o compromisso com a libertação. E vice-versa.

Os **sujeitos** dessa evangelização são, em primeiro lugar, os **pastores** (e para isso é preciso pensar numa verdadeira "pastoral das classes médias", e com padres e bispos que entendam dessas classes), mas também os próprios **leigos**. E isso tanto no momento do **discipulado**, quando realizam uma espécie de "evangelização mútua" (melhor que auto-evangelização), como especialmente no momento do **apostolado**, quando se dirigem – sempre em contexto de diálogo – aos próprios companheiros de classe.

Evangelização das classes médias: nova frente de trabalho?

Trata-se então de abrir uma nova frente de evangelização na igreja? Não propriamente. Pois sempre houve como continua havendo por todos os lados esforços no sentido de evangelização, seja mais oficial, seja mais autônoma, de gente das classes

- *Como será possível aos cristãos das classes médias viver uma verdadeira opção pelos pobres? Exemplos.*
- *O que estamos dispostos a fazer para apoiar os mais pobres, na sua luta contra a pobreza? Que ações concretas nos propomos começar? Ações assistenciais, promocionais, políticas? O que será mais urgente?*



médias. O novo esteja talvez na articulação: articular esses esforços entre si e articulá-los no seio do processo eclesial maior.

Pois o que se percebe é o fato da atomização das iniciativas. É certo que a Igreja do Brasil, tal como se exprime pela CNBB, não possui ainda um caminho balisado de evangelização das classes médias na ótica que lhe é própria (profética, participativa). Não há para elas documentos orientadores tal como existem para os índios, lavradores, CEBs, religiosos, etc.

Mas a articulação nessa área pode ser dupla: seja especificamente **pastoral** (levada em frente pelos pastores) ou **autônoma** (levada em frente pelos próprios leigos). As duas podem coexistir e se auxiliar mutuamente.

Pobreza

A palavra parece desgastada ou machuca demais. Mas é preciso olhá-la plenamente e soletrá-la: PO-BREZA. Somente assim purificaremos suas ressonâncias interiores em nós, dissiparemos pré-conceitos e daremos a densidade que tem para nós: faz parte de nossa Missão.

Somos chamados a viver a prática de Jesus com os traços próprios do lugar e do tempo, da cultura e da história, como desafios e esperanças, como povo e como Igreja.

Nossa missão é a do amor comprometido com os mais abandonados desta Terra, especialmente os pobres. Um amor político, claro:

- a) a solidariedade como expressão real desse amor;
- b) a fraterna igualdade efetiva em casa;
- c) pobre com os pobres, quando junto a eles.

Nada de jogo de cena. Longe de nós o querer "passar por pobre". Também, longe de nós as formas de "pobreza" sempre definidas face à "riqueza", em busca de garantir um quantum-de-ter. Tais buscas trazem, quase somente, as marcas rigoristas da tristeza e de privações impostas; de irritações com os outros e de causticidade interminável.

A nossa referência ineludível: a bem-aventurança que Jesus nos propõe (Lc 6,20 e Mt 5,3). O sentido-chave é este que se encontra na alegria e na transparência daquele cuja segurança está posta em Deus, o Senhor da Vida. Somos criatura: recebemos a essência e a existência,

20

P. Dalton Barros

dependendo de Deus, recebemos tudo como dom.

A pobreza evangélica tem corpo e alma, uma face interna e uma face externa; é espiritual e material ao mesmo tempo. É a disposição de seguir despojadamente o Cristo nu. É uma relação mística e empírica. É da alma de cada um e ganha um caráter comunitário e social concreto.

A pobreza evangélica é desapego afetivo. É partilha. É sobriedade. A comunidade dos bens não se refere apenas à posse e ao uso dos bens materiais. Os bens postos em comum são todos os bens M-E-S-M-O: materiais, espirituais, alegria, penas, sucessos, crises... A condição para o amor fraterno tem aqui sua pedra de toque.

Em relação às coisas criadas temos em nós as mesmas disposições de Jesus. Ele nada despreza e acolhe para si o necessário unicamente. Uma sobriedade livre que o deixará disponível para o essencial, centro de seu viver: realizar o Reino que o Pai lhe pedia. No mais, simplicidade e pobreza próprias a um caminhante.

O risco que estamos correndo: ir aumentando e generalizando as possibilidades de conforto de toda espécie.

Viver a pobreza com alegria é um ato de fé e confiança. Precisamos estar interessados em nos revisar para que a remuneração dos trabalhos, a segurança social e o conjunto de apoios que buscamos ter não estejam nos desfibrando nesta fé con-

fante de entrega nas mãos de Deus, recebendo tudo que nos advém como dom seu.

Vejo dois des-vios mais evidentes nos solicitando e podendo gerar duas categorias de irmãos: os gastadores e os avarentos. Tais palavras são fortes, sei. Mas a realidade, quando percebida, é igualmente gritante e dói nos olhos e na alma da gente.

Trata-se de um antagonismo ante o real e que deixa traços para todos os lados e entrelaça-se com os desvãos da vida.

Por parte de uns o exagerado esmero em reforçar as garantias humanas para o seu dia-a-dia e para o futuro. Por parte de outros uma cobrança exasperada de economizar, não gastar, não viajar, não comer, não usar... que outra realidade não pode ser senão avareza disfarçada.

Se há pecados nossos por ter coisas demais ou por esbanjamento, também os há – e mais do que pode parecer! – por uma util avareza, disfarçada de austeridade. Quanta mesquinharia e estreiteza; por isto mesmo, quanta falta de amor e de caridade.

Tudo tem seu começo, quase sempre pela necessidade de pequenas garantias de bem-estar e, vez por outra, em vista da saúde, por assim dizer. Reserva-se isso e aquilo e mais outra coisa: objetos, remédios, livros, roupas, etc... Coisas objetivamente pequenas, talvez(!), mas saudavelmente injustificáveis. São as pulsões de segurança, repouso e desconfiança da vida. É hora de reagir com uma nova entrega de si, bem explícita, ao Deus Vivo e Verdadeiro.

Para esses males, antes que deitem raízes, valha-nos a tomada de consciência, em primeiro lugar. A seguir, e imediatamente, vamos banir a preocupação de pôr à nossa disposi-



ção e como reserva para nós essas tantas e pequenas coisas que atraem as nossas casas, o coração e a alma. Conservemos mais espaços livres nas nossas casas; conservemos na alma e no coração uma constante disponibilidade para doar, emprestar, repartir com quem pede e precisa. (Cfr. Mt. 5,42).

Pobreza evangélica. Quantos fatos pedindo-nos um incremento para nossa ascese. Uma listagem, entre outras possíveis:

1. Confessar-nos criaturas amadas, sujeitos de amor. Amor-risco-liberdade são inseparáveis. É nossa pobreza radical sermos criaturas livres. É nossa riqueza essencial sermos filhos no Filho. Cabe-nos a sabedoria de viver como cristãos.

2. Desentranhar de nós a insaciável fome de bens. Perder as entradas de posse. Sermos dadivosos.

3. Estar a serviço dos mais abandonados. Pede de nós competência e coerência.

4. Comunidade de bens. Partilha. Usar as coisas, os bens, para a evangelização em primeiro lugar.

5. Conquistar a liberdade de não depender disso ou daquilo para existir com segurança interior. A vida e a verdade vêm de dentro.

6. Padrão de vida simples. É coisa muito concreta e se refere ao meio-ambiente de vida. Comungar com a realidade. "O Brasil tem hoje mais fome, pior educação, mais crianças abandonadas, menos confiança no futuro, mais desigualdade do que há trinta anos".

7. Ser solidário com a luta de liberdade dos pobres. Solidário com o povo e suas organizações e conquistas. Interceder junto ao Pai. E atuar.

8. Rever as acomodações e os jeitinhos. São modos sorrateiros, individual e comunitariamente, de possuir e estar mais próximo de famílias ricas, fora do testemunho de vida cristã.

9. Os que vivem mais de perto um caminho de vida e destino com o povo dos abandonados, os pobres, o façam com a alma serena e sem rancores.

● Temos alguma convivência com pessoas e famílias muito pobres ou mesmo miseráveis? Vamos contar um pouco dessa experiência?

● Os mais pobres vêm o mundo de modo diferente do nosso modo de ver? O que parece ser mais importante para os mais pobres coincide com o que consideramos muito importante? Alguns exemplos.

● Os pobres são vistos com simpatia pelas pessoas das classes médias? Exemplos que confirmam as opiniões de cada um.

● A austeridade é valorizada nas classes médias? Ou é vencida pelo consumismo? A austeridade poderia ser assumida como expressão de solidariedade com os mais pobres?

● As famílias das classes médias, em geral, partilham seus bens generosamente com as famílias mais pobres? Em que proporção? Exemplos.

● Conhecemos exemplos de cristãos das classes médias empenhados nas lutas das classes pobres contar a pobreza?

● E nós, o que estamos fazendo? Ou dispostos a fazer?

A pobreza evangélica em seu vigor virtuoso nos tira da esfera das necessidades e nos lança na esfera da liberdade, campo fecundo para a cultura da gratuidade: esperança, entrega e vibração existencial.

A pobreza evangélica se concretiza comunitariamente também no cultivo do belo, da convivência, do humor, do lazer, das celebrações: a alegria serena de gente feliz e celebrativa; a bondade e a gentileza no trato, excluídos a afetação e todo fingimento; o afeiçoamento e a gratidão; a resistência nas dificuldades; a paciência e o realismo de vida. Não há moleza, não!

Na verdade verdadeira, a prática da virtude da evangélica pobreza nos faz gente aberta, sem truncamentos.

A virtude da pobreza restaura em nós a paixão pela verdade, pela justiça e pela liberdade. Com a paixão retornada à sua casa entramos com mais facilidade no aprendizado da solidariedade. Afinal, só se pode ser solidário quem se reconhece livre e igual. O que nos torna acessíveis e acolhedores.

A pobreza é leve como a pena. Mas quem pode carregá-la? (CHANG-TZU).



Bem-aventuranças da Conciliação Pastoral

D. Pedro Casaldáliga

Bem-aventurados os ricos, porque são pobres de espírito.

Bem-aventurados os pobres, porque são ricos de Graça.

Bem-aventurados os ricos e os pobres, porque uns e outros são pobres e ricos.

Bem-aventurados todos os homens, porque, no fundo, são todos iguais...

Enfim, bem-aventurados os bem-aventurados que, pensando assim, conseguem viver tranqüilos... porque deles é o reino do limbo!

Fermento e sal

Ainda recordamos a catequese da nossa iniciação cristã, já lá se vão mais de quarenta anos. Aprendemos a conhecer um Deus que policiava zelosamente todos os nossos comportamentos e não hesitaria em encaminhar-nos ao fogo dos infernos se tropeçássemos em algum dos seus mandamentos sem recorrer depressa ao confessionário.

Para não nos esquecermos da sua presença vigilante em nossas vidas, lá estava, em cada sala ou banheiro do colégio, a frase emoldurada, em letras grandes: "Deus me vê". Esse olho fiscalizador e onipresente nos assustava e evitava, pelo medo, alguns deslizes e tentações.

Mas o que mais nos assustava era a terrível sentença: "Fora da Igreja não há salvação". Quer dizer, quem não pertencesse à Igreja iria certamente ser torrado pelos demônios que os esperavam nas profundezas daquele universo sobrenatural, habitado por anjos bons e maus, retratados nas admiráveis obras dos grandes pintores da Renascença.

Essa sentença nos angustiava. Quantos amigos e parentes queridos viviam afastados da Igreja, sem saber da condenação antecipada ao fogo! Antevíamos, em cada amigo protestante, judeu ou ateu, a triste sorte que os esperava, e rezávamos ardente por sua conversão à fé católica que o trouxesse para dentro da Igreja.

Como essa conversão não acontecia, a nossa tristeza era infinita.

E os bilhões de africanos e asiáticos não batizados, que sequer ti-

Helio e Selma Amorim

nham jamais ouvido falar em Jesus Cristo? Estariam todos condenados, por estarem fora da Igreja? O inferno teria que ser gigantesco para abrigar tantos infelizes!

Teólogos bondosos desenvolveram, então, a generosa e criativa hipótese da existência de um limbo, lugar misterioso em que os não batizados de bom comportamento ficariam esperando a visita de um anjo enviado por Deus para batizá-los em tempo de entrar no céu, pela entrada ainda que tardia, na Igreja da Salvação.

Essa concepção, que hoje nos parece tão fantástica, foi a que prevaleceu até recentemente, e só foi definitivamente corrigida pela *Gaudium et Spes*, o inspirado documento do Concílio Vaticano II sobre a presença da Igreja no mundo. No nº 22 da GS lemos a bela descrição do caminho que nos leva à salvação, através da prática do amor. E acrescenta: "isto vale, não só para os cristãos, mas para todos os homens de boa vontade".

Compreendemos, portanto, que a pertença à Igreja não é condição de salvação mas a prática do amor, que supõe a justiça. A velha sentença, cunhada no norte da África, no século II, e que excluía da salvação os que permanecessem fora da Igreja, ficava, assim, formalmente revogada. Foi ela responsável pela ação de tantos missionários de boa vontade que tudo fizeram para trazer multidões de pagãos para a Igreja, batizando-os, às vezes, à força.

É o que tem estado em discussão na celebração dos 500 anos de

Importantes culturas pré-colombianas foram destruídas por uma concepção equivocada de evangelização colocada a serviço dos colonizadores europeus.

evangelização na América. Terá sido sempre uma verdadeira evangelização ou muitas vezes a simples preocupação de batizar para trazer pagãos à Igreja, único lugar de salvação? Uma cultura pagã não poderia ser evangelizada sem ser destruída? Homens e mulheres de tão diferentes culturas não poderiam receber a Boa Notícia da salvação pela prática do amor e da justiça sem que seus valores culturais e seus costumes ou estilo de vida tivessem que ser drasticamente modificados?

Sabemos, hoje, que houve de tudo um pouco, na ação da Igreja, na América Latina: da verdadeira evangelização à conversão forçada e, mesmo, sangrenta. Nações indígenas foram destruídas por uma perversa superposição de zelo missionário e interesses espúrios dos colonizadores invasores.

Não foram originais. Apenas traduziram para o século XVI a prática do "catolicismo guerreiro" da cristandade franco-germânica, descrita pelo bispo D. João Terra, em recente artigo.



Eis como se passaram essas coisas entre os séculos V e VIII, na Europa, no seu relato:

A conversão dos gauleses ao cristianismo e a incorporação deles à Igreja Católica foram um processo tipicamente guerreiro. Numa batalha contra os alamanos, Clodoveu ou Clóvis, rei dos francos sálicos, prometeu tornar-se cristão, se conseguisse esmagar o inimigo. Obtida a vitória, fez-se batizar com todo seu exército no dia de Natal de 496.

O jovem e ambicioso rei merovíngio sabia que com esse gesto conquistaria o apoio autorizado da Igreja e de seus bispos. Os outros reis francos imitaram imediatamente o exemplo de Clodoveu.

Assim nasceu a França, primogênita da Igreja, com a fusão do germanismo e do cristianismo num único corpo político.

O único povo germânico, que ainda se opunha ao cristianismo e à hegemonia dos francos, eram saxões, que dominavam desde o Elba até o Reno e desde o rio Eider até a Turíngia e ao Hesse.

Carlos Magno, rei dos francos, decidiu esmagar a oposição. Mas ele dizia que era "impossível fundir, num único povo, francos e saxões sem a comunhão numa mesma fé". Desse modo empreendeu a guerra saxã "como uma missão religiosa levada a cabo com a espada". Começou em 772 e com algumas interrupções durou mais de 30 anos.

Já no primeiro ataque de Carlos contra os angrivários foi destruído o santuário nacional dos saxões, seus sacerdotes foram degolados e a coluna sagrada de Irminsul foi demolida (772). Depois de nove expedições (772-776), os saxões se renderam e, como garantia de sua submissão, os soldados e todo o exército foram batizados. No dieta de Paderborn (777) o cristianismo foi declarado obrigatório para todos os saxões. Multidões imensas foram batizadas em poucos dias. Os templos pagãos foram destruídos. Os sacerdotes que recusaram o batismo foram decapitados. Mas em 782 o indomável povo se rebelou, sob a guia do heróico nobre vestfaliano Vitiquindo (Windikind), que se insurgiu com uma revolta veemente em defesa da antiga crença pagã. As igrejas cristãs foram incendiadas, os missionários expulsos ou mortos, os saxões que tinham passado para o cristianismo foram opressos e escravizados.

Essas insurreições foram violentamente vingadas por Carlos que em 782 fez executar num só dia, perto de Verden, 4.500 prisioneiros saxões. Essa horrível carnificina acirrou mais ainda o povo todo para uma nova batalha, mas nos combates travados em Detmold ao longo do rio Hase (783), Vitiquindo foi vencido. Reconhecendo a inutilidade da resistência perante a superioridade esmagadora do exército de Carlos Magno, depois de tanto derrama-

Nesta pintura, Leão III coroa Carlos Magno como Imperador Romano, no ano 800, criando a tradição dos Reis por direito divino.



mento de sangue, Vitiquindo se fez batizar com todo seu exército e todos seus sequazes, em Altighy, na Champanha (785). O próprio Carlos Magno serviu de padrinho para o herói vencido; todos os generais com seus soldados se fizeram batizar.

Carlos Magno estendeu à Saxônia a legislação eclesiástica do reino franco e promulgou a **Capitulatio de partibus Saxoniae**, que se resumia na sangrenta fórmula: abraçar o cristianismo ou morrer. A idéia de uma conversão livre foi deliberadamente descartada. O cânon 8 do **Capitulatio** continha esta truculenta disposição: "Doravante todo membro do povo saxão que ficar clandestinamente não batizado e resistir ser levado ao batismo preferindo permanecer pagão, seja condenado à morte". Um dilúvio de sangue afogou a Saxônia. Com espantosa monotonia se repetiam as palavras: **morte moriatur** ("seja condenado à morte"). Eram condenados

à morte não só quem recusava o batismo, ou cometia atos de violência contra clérigos e cristãos, mas também quem cometia faltas contra prescrições rituais, como o jejum na quaresma, ou contra prescrições do dízimo, ou violava o repouso dominical etc.

Carlos destruiu os príncipes saxões, dividiu a Saxônia em zonas de missão, confiando-lhes o governo a um bispado ou uma grande abadia.

Atendendo a um apelo do Papa Adriano, ele empreendeu uma expedição contra a Lombardia e assumiu o título de rei dos lombardos. Fez doação ao Papa de cidades, territórios e três quartos da Itália, criando assim os Estados Pontifícios.

Como autor da "renascença carolíngia" empreendeu uma vasta reforma disciplinar e litúrgica da Igreja. Em 789 promulgou a reforma da liturgia e dos ritos sacramentais. Impôs na França a liturgia Romana. Le-

gisou uma **ammonitio** de 60 artigos destinada a disciplinar os bispos e abades.

Carlos Magno representa no Ocidente o exemplo mais frisante do Cesaropapismo. Ele nomeava bispos, regulava a entrada nos mosteiros, prescrevia os jejuns, reunia os sínodos e examinava suas conclusões. Promovia também as reformas dogmáticas. Introduziu na missa o canto do Credo com o acréscimo do **Filioque**. Nas controvérsias dogmáticas impôs suas decisões na questão do adopcionismo e no culto das imagens. Convocou o Concílio ecumênico de Francoforte, presidido por ele mesmo e ao qual o próprio Papa enviou dois representantes (794).

Quando Leão III foi eleito Papa, em 795, enviou legados a Carlos Magno para lhe tributar a promessa de fidelidade e lhe entregar as chaves da confissão de S. Pedro e o estandarte de Roma. No ano seguinte, na

basílica de S. Pedro, antes da missa, Leão III corou Carlos Magno rei de Roma.

Depois disso houve ainda novas insurreições na Saxônia motivadas por extorsões exorbitantes dos dízimos eclesiásticos (804). Mais uma vez, Carlos Magno sufocou com sangue a revolta religiosa.

Mas depois que milhares e milhares de famílias saxãs foram transplantadas para território franco no Ocidente e outros tantos colonos franceses foram tomar posse de antigas propriedades saxãs no Leste, a *pax christiana* se estabeleceu no cristianíssimo império, onde Carlos Magno foi proclamado per *misericordiam Dei rex Francorum, Longobardorum, Germanorum, Saxonum, Frisionum, Thuringorum ac Romanorum*.

Em 1996, a Europa cristã celebrará triunfalmente o glorioso sesquimilenário da conversão da França recordando o batismo do heróico rei dos Francos, Clóvis, junto com todo seu exército e todos seus súditos franco-gauleses, no Natal de 496.

Até aqui, o relato é de D. Terra.

São acontecimentos distantes, no tempo e na geografia.

Entretanto, ainda somos às vezes tentados a retomar velhos métodos de evangelização de inspiração parecida, embora não sangrentos e arrazadores de culturas. É a tentação

• *Se a Igreja não é o único lugar de salvação, qual será a sua verdadeira função?*

• *Como pode a Igreja se fazer presente em diferentes culturas? Sua mensagem é válida para todos os povos? Qual é a essência dessa mensagem?*

• *Qual é, afinal, a condição para salvação? (Mt 25, 31-46).*

• *Que papel cabe de modo especial aos leigos, na missão comum da Igreja?*

• *Como preparar-se para essa missão?*

• *Como anunciar o Reino de Deus, num mundo em que prevalece a injustiça e a competição?*

• *Como fazer com que a nossa fé se traduza em ações concretas em favor da justiça e da fraternidade?*



João I pontífice de 523 a 526 fortificou a Igreja convertendo os bárbaros ao cristianismo.

de cristandade, a concepção de Igreja-massa, rebanho único de um só pastor, que emerge de uma leitura superficial do evangelho. E essa retomada pode até se apresentar sob o rótulo de "nova evangelização".

Não é essa a proposta do Concílio. A Igreja da nova evangelização é a Igreja-sinal, fermento e sal, capaz de dar uma qualidade nova a toda a massa sem se confundir com ela. Igreja de minorias atuantes e comprometidas com a transformação do mundo, segundo os desígnios do Senhor, convertendo todos os homens não necessariamente à pertença ao Povo de Deus, mas à prática da justiça e do amor.

Igreja reabilita Galileu, 359 anos depois

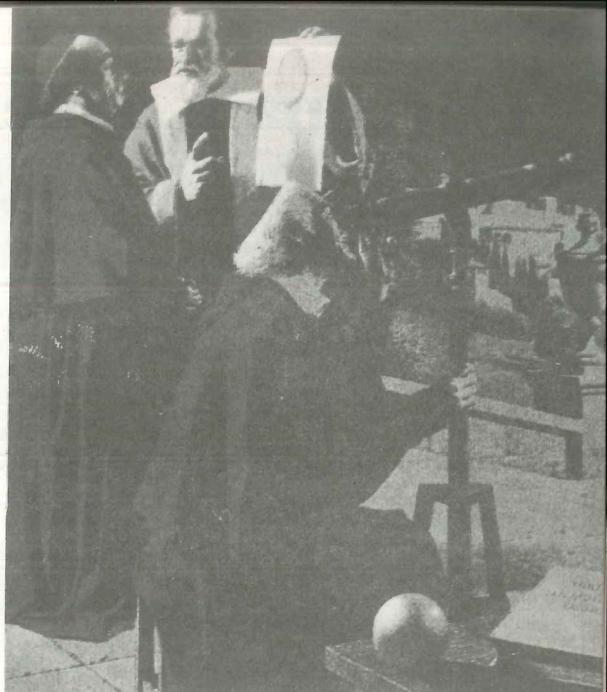
Ciência e fé fazem as pazes

Em uma cerimônia especial em Roma, o papa João Paulo II formalmente reabilitou Galileu Galilei, o astrônomo e pioneiro da física moderna que foi condenado pela Inquisição em 1633 por afirmar que a Terra girava em torno do Sol.

A reabilitação de Galileu é um elemento novo na concepção dogmática da igreja sobre sua infalibilidade. A admissão das descobertas de Galileu significa que a Santa Sé concorda com que a Igreja daqueles dias estava errada e que o cientista de Pisa estava certo.

Galileu caiu em desgraça após publicar em 1632 seus famosos Diálogos sobre os Sistemas Ptolomaicos e Copernicanos. Sua defesa e exposição da visão de Copérnico de que a Terra orbitava o Sol junto com outros planetas do sistema solar ia na direção oposta à doutrina da Igreja baseada na idéia de Ptolomeu de que a Terra estava em uma posição fixa.

Não contente em demolir a



doutrina eclesiástica a esse respeito, Galileu ainda provocou uma polêmica teológica ao tentar explicar as incongruências de certas passagens bíblicas à luz de sua teoria. Apesar de seus amigos poderosos, Galileu já era nessa época um homem velho de saúde fraca e, diante da pressão concordou em renegar suas "heresias".

Em 1979, o papa anunciou que uma comissão da Academia de Ciência do Vaticano iria estudar a reabilitação de Galileu. O julgamento da comissão, após doze anos de deliberações, é de que os juízes de Galileu o julgaram com boa-fé, mas estavam errados.

Seus livros foram removidos do Índice em 1757 com o reconhecimento de suas descobertas por cientistas. O caso Galileu permaneceu até a chegada de João Paulo II como o mais controvérsio símbolo da luta entre a ciência e a fé cristã, um tema immortalizado pela peça de Brecht.

Carisma e poder

Muitos cristãos se perguntam: o que terá provocado a forte repressão romana a Leonardo Boff que resultou na sua decisão de deixar o magistério ordenado? Terá sido o conjunto de sua obra teológica, com muitas dezenas de livros publicados em inúmeros idiomas? Parece que não. Seus livros circulam sem oposição e são citações obrigatórias em toda produção teológica católica atual.

A causa da repressão não é, portanto, a sua contribuição marcante para os avanços da teologia em nosso tempo, tomada em seu conjunto. Terão sido, algumas idéias ou intuições muito específicas e bem determinadas, presentes em parte da sua obra, e que a Congregação para a Doutrina da Fé julgou ameaçadoras?

Essa parece ser a resposta, que se confirma pela leitura da famosa notificação de 1985, do ex-Santo Ofício. O bispo D. Boaventura Kloppenburg, em artigo recente, facilita a nossa pesquisa, enunciando, em quinze tópicos, as idéias que desencadearam a repressão.

Essas afirmações ou intuições muito ricas, parecem antecipar o rosto renovado da Igreja do futuro e a própria compreensão e vivência da fé cristã. Vale a pena conhecê-las e refletir sobre elas:

1. A Igreja como instituição não estava nas cogitações de Jesus histórico: ela surgiu como evolução posterior à ressurreição, particularmente com o progressivo processo de desescatologização.

2. A hierarquia da Igreja é o re-

sultado da férrea necessidade de se institucionalizar uma mundanização no estilo romano e feudal.

3. A Igreja está sujeita à mutação substancial permanente.

4. Hoje deve emergir uma Igreja nova, com nova encarnação das instituições eclesiás na sociedade.

5. O cristianismo está sujeito ao processo dialético de afirmação e de negação e não sabemos o que seja, já que somente sabemos aquilo que se mostrar no processo histórico.

6. O cristianismo romano (catolicismo) é, ao lado do cristianismo protestante, uma mediação incompleta.

7. A única Igreja de Cristo pode subsistir também em outras Igrejas cristãs.

8. Na sua formulação o dogma tem valor relativo e é válido para determinado tempo e circunstância e está sujeito ao processo dialético da história.

9. No Novo Testamento há posições doutrinárias contraditórias entre si.

10. O eixo organizador de uma sociedade coincide com o modo específico de produção que lhe é próprio; este princípio deve valer também para a Igreja, sujeita ao esquema "produção e consumo".

11. Na Igreja houve um processo histórico de expropriação dos meios de produção religiosa por parte do clero em prejuízo do povo cristão, que, em consequência, foi privado de sua capacidade de decidir, de ensinar etc.

12. O poder sagrado foi grave-



mente deformado na Igreja católica, caindo nos mesmos defeitos do poder civil em termos de dominação, centralização e triunfalismo.

13. Deve surgir um novo modelo de Igreja, no qual o poder está concebido sem privilégios teológicos, como puro serviço articulado de

acordo com as necessidades da comunidade.

14. A hierarquia tem simplesmente a função de coordenar e propiciar a unidade e a harmonia entre os vários serviços, de manter a circularidade e impedir as divisões e sobreposições.

15. A subordinação imediata de

todos aos hierarcas deve ser descartada da função de hierarquia.

Estas são as quinze afirmações que desafiam os cristãos à reflexão.

A liberdade de criação teológica, estimulada pelo Concílio Vaticano II, vem assim permitindo aos cristãos crescerem na compreensão de sua fé e do que significa ser Igreja. Cada vez menos se aceitam as antigas concepções de Igreja reduzidas à instituição, à rígida estrutura autoritária, aos mecanismos de exercício de poder e preceitos imutáveis, nem sempre evangélicos.

Talvez por isso, as idéias que questionam esses aspectos da vida da Igreja sejam as que provocam as mais severas reações repressivas dos centros de poder da instituição.

A Igreja do futuro

Vale a pena recordar a palavra luminosa do Cardeal Koenig, profetizando sobre os caminhos para a Igreja que queremos ser, fundada nos carismas dos cristãos que conformam o Povo de Deus.

"Ano 2000! Qual será o aspecto da igreja? Não o sabemos. Mas nossa fé e nossas experiências nos permitem um certo número de dados.

A Igreja do futuro, em muitos domínios, será mais honesta e mais simples; professará a fé sem grandes frases; não julgará nem decidirá sobre "tudo", quando não for competente. Teremos uma religião de liberdade, que não limitará as características particulares do homem, porque, onde opera o Espírito do Senhor, afi está a liberdade. Diante das

- Como vemos a questão do exercício do poder no interior da Igreja?
- Existem problemas nas relações entre leigos e hierarquia? Se existem, quais serão as razões? Exemplos.
- O que seria possível fazer para solucionar problemas que existem?

pressões da opinião pública, em face das manipulações feitas com a ajuda dos meios de comunicação social, a Igreja se colocará à disposição da liberdade, para defender os direitos humanos.

A Igreja do porvir será aberta sobre a condição humana. Mais claramente que no passado, verá o homem em todas as suas dimensões, inclusive a corporal; verá nele grandeza e fragilidade, como um ser sempre a caminho. A Igreja de amanhã poderá discernir melhor o que é essencial do que é acidental. Tomará maior consciência de sua missão profética. O Cristo não a fundou para dizer sempre "Amém", mas para ser sinal de contradição. Não será a Igreja das grandes demonstrações, mas das pequenas comunidades, que se engajarão numa renovação contínua.

A Igreja do porvir se empenhará ardente mente no domínio ecumênico para atingir a unidade, conforme as palavras de adeus de Cristo. Não suprimirá os conflitos, mas saberá conviver com eles, porque compreenderá que estes fazem parte da vida. Tendo confiança em Deus, saberá separar o joio do trigo.

Acreditamos na Igreja do futuro porque temos fé na Providência que conduz os homens. A fé é a virtude mais profunda; o amor a virtude maior e a esperança a virtude mais próxima de nossas aspirações, da nossa pequenê e do nosso sofrimento humano. Devemos ter confiança. O futuro da Igreja é o futuro do homem. Deus lançou os homens em direção ao por-vir. E lançou a Igreja, que é o porvir do homem, para uma nova era de justiça e paz."

A Constituição e a TV

José Carlos Barbosa Moreira

Se o leitor se recorda de nossa anterior conversa sobre o assunto, terá em mente: 1º) que a programação da TV deve obedecer a critérios estabelecidos na Constituição, os quais, entre outras coisas, impõem preferência por "finalidades educativas, artísticas, culturais" e "respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família" (art. 221, nºs I e IV); 2º) que a própria Constituição alude a "meios legais que garantam à pessoa e à família a possibilidade de se defenderem de programas ou programações" desobedientes àqueles critérios. Existindo, pois, os ditos meios legais, não ficamos condenados ao melancólico gesto de renúncia consistente em desligar pura e simplesmente os nossos aparelhos, se nos parece intolerável à medida que se afasta dos parâmetros constitucionais o produto derramado através da telinha em nossos olhos e ouvidos.

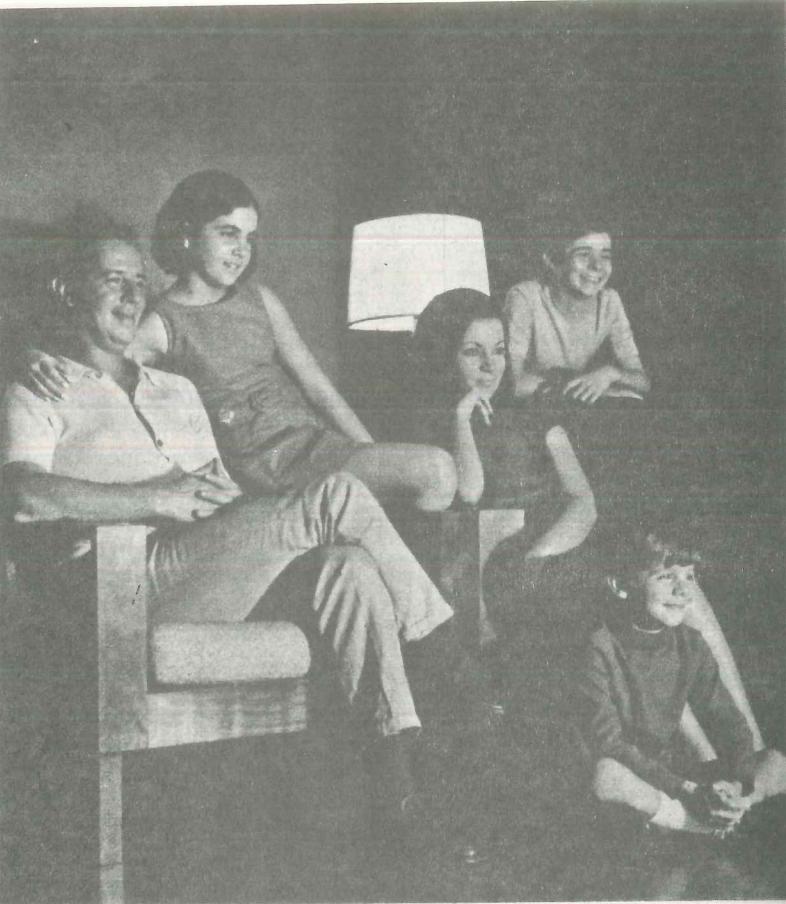
Ora, ou muito me engano, ou existe, sim, um meio legal apropriado ao caso. A Lei nº 7.437, de 24.7.

O autor é Professor da UERJ é Desembargador (aposentado) do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro.

Este é o segundo de dois artigos do autor, publicados no "Jornal do Brasil". No primeiro, faz uma leitura cuidadosa da Constituição Brasileira, para demonstrar o que resume do início deste artigo.

1985, criou um remédio processual chamado "ação civil pública" e destinado justamente a responsabilizar em juízo as pessoas físicas ou jurídicas que causem dano ao meio ambiente, ao consumidor, a bens e direitos de valor artístico, estético, histórico, turístico e paisagístico, e ainda "a qualquer outro interesse difuso ou coletivo" (art. 1º, nº IV, acrescentado pelo art. 110 da Lei nº 8.078, de 11.9.1990. Entendem-se por interesses difusos, ajunto, "os transindividuais, de natureza indivisível, de que sejam titulares pessoas indeterminadas e ligadas por circunstâncias de fato" (Lei nº 8.078, art. 81, parágrafo único, nº I).

A linguagem técnica do direito, às vezes meio esotérica, pode assustar os não iniciados. Mas aqui não parece difícil explicar de que se trata. O interesse em que as emissoras de TV respeitam as finalidades e os valores indicados na Constituição é, evidentíssimamente, "transindividual", não pertence, de modo particularizado, a mim, ao leitor ou a qualquer outro telespectador atual ou potencial, e sim a um conjunto indeterminado – e, ao menos para fins práticos, indeterminável – de seres humanos. Esses seres humanos acham-se ligados entre si pela mera "circunstância de fato" de possuírem aparelhos de televisão ou costumarem tomar uma carona no aparelho do amigo, do vizinho, do namorado,



do clube, do bar da esquina ou do salão de barbeiro. E não há dúvida de que é indivisível o objeto de se-melhante interesse, no sentido de que cada canal, num dado momento, transmite a todo o mundo a mesma e única imagem, o mesmo e único som, nem se concebe modificação que se dirija só ao leitor, ou só a mim. Mais não preciso dizer para demonstrar o cabimento de ação civil pública em que se pedisse ao juiz, por exemplo, que proíba, ou limite a determinados horários, a exibição de tal ou qual programa; ou ainda, em termos genéricos, que ordene à

emissora reformular sua programação para afeiçoá-la aos critérios constitucionais.

Aqui se prevê com facilidade uma objeção. Dirá alguém que muitos telespectadores gostam do que vêem na telinha, assim como está: prova disso são os altíssimos índices que o Ibope consigna para certos programas contundentemente re-fratários às diretrizes da Constituição. É um fato, que se deve lamentar, mas que seria absurdo deixar de reconhecer. Acrescento que o fato é corriqueiro em matéria de interesses difusos. Interessa preservar a Mata

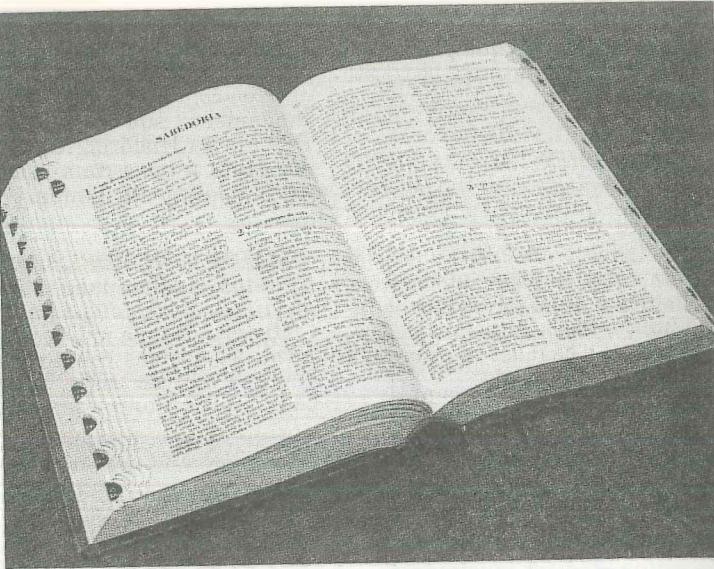
Atlântica, ou o que dela resta; também pode interessar, contudo, a abertura de estrada que permita melhor escoamento dos produtos da região, e que será impossível construir sem abater umas quantas árvores. A expansão desta ou daquela indústria, essencial ao desenvolvimento econômico, é suscetível de pôr em risco a pureza da atmosfera ou de poluir as águas de um rio – e aí temos, de novo, dois interesses difusos em conflito. O ideal, em situações do gênero, é encontrar uma via me-dia capaz de conciliar, na medida do possível, ambos os interesses, com o mínimo sacrifício para cada qual.

Isso pressupõe, todavia, que os interesses conflitantes – como nos exemplos acima – sejam igualmente dignos de proteção jurídica. Não é o que acontece no assunto de que estamos cuidando. A Constituição optou em termos categóricos, e diante de sua opção nossas predileções tornam-se irrelevantes. Não encontra apoio no texto constitucional o interesse dos que se divertem com pro-gramas deseducativos. Todos temos, é verdade, um lado vulgar – ou, se quiserem, “grosso” – capaz de rir, até com estrépito, de coisas que sa-bemos mais próprias para fazer-nos chorar, mas não nos é lícito invocar a Constituição para acobertar a nossa “grossura”. Talvez nos deleitemos secretamente, no recesso das nossas cavernas, com o espetáculo dos ca-dáveres ensanguentados que os rambos da vida vão amontoando ao longo de seu caminho; nenhum direito nos assiste, entretanto, de pedir para o nosso sadismo a bênção constitucional. Há em cada um de

nós, patente ou latente, um **voyeur** disposto a excitar-se com a contem-plação de cenas de sexo, explícito ou implícito (vá lá) que seja; se quisermos obsequiá-lo, em vez de arranjar boa companhia para a noite – o que pelo menos seria, com toda a proba-bilidade, bem mais gratificante –, somos livres de fazer passar em nos-so vídeo quantas fitas pornô conse-guirmos comprar ou alugar, ou de contratar os serviços dos casais que se anunciam nas páginas de classifi-cados sob o título impróprio (e injurioso) de “massagistas”. O que decidi-damente não podemos é pretender que a Constituição, com uma pisca-delâ cumplice e maliciosa, nos ga-ranta a satisfação confortável do nos-so **voyeurismo** por intermédio da TV.

Voltando à ação civil pública: nos termos do art. 5º da Lei nº 7.437, le-gitimam-se a propô-la o Ministério Pú-blico, a União, os Estados, os Mu-nicípios, as autarquias, as empresas pú-blicas, as fundações, as sociedades de economia mista, ou ainda – aten-cão, leitor! – as associações civis constituídas no mínimo há um ano, que incluam, entre suas finalidades institucionais, a proteção ao meio ambiente, ao consumidor, ao patri-mônio artístico, estético, histórico, turístico e paisagístico, ou a qual-quer outro interesse difuso ou coletivo. Se nenhum dos órgãos pú-blicos enumerados se dispõe a agir, não haverá por aí uma “Asso-ciação dos Telespectadores Insatis-fetos” que se anime a tomar a ini-ciativa? Caso haja, queira receber desde já, com estas linhas, o meu re-querimento de inscrição.

- *Quais os aspectos positivos da TV? Exemplos de programas construtivos e de lazer sadio e programas destrutivos de valores humanos, sociais e familiares.*
- *Como aproveitar melhor os aspectos positivos e posicionar-se frente aos ne-gativos?*



Preparando a celebração

1. Na **Revisão da Vida**, os participantes serão convidados a ficarem descalços e, depois, tentarão calçar um sapato de outro. Na introdução desse gesto, pedir, com delicadeza, a melhor concentração e seriedade de todos, para que compreendam a profundidade do simbolismo.

2. Para a **Celebração da Partilha**, várias pessoas serão escolhidas para trazerem cestos ou sacolas com pequenos pães ou pedaços de pão. Estarão dispersos na Assembléia. A quantidade de pães será maior que o número total de participantes da celebração.

Na mesa do Celebrante haverá alguns cestos vazios. No início do simbolismo da partilha, algumas pessoas tomarão esses cestos e circularão, recolhendo pães de quem os tem e distribuindo-os a quem não tem.

Depois que todos tiverem recebido e comido o pão, os cestos retornarão, com os restos da partilha, e serão deixados sobre a mesa do Celebrante.

3. No final da **Oração pela Paz**, algumas pessoas se colocarão de frente para a assembléia, tendo, nas mãos, pequenos recipientes com perfume, no qual depõem pétalas de flores, tomadas de uma cesta, na mesa do celebrante. Cuidar para que todos esses gestos sejam vistos por todos.

Em seguida, todos os participantes são convidados a se aproximarem, para receber a unção de perfume, em sua frente, simbolizando a Paz que a todos é oferecida.

O anúncio do Reino de Deus

CANTO DE ENTRADA

"Os devotos do Divino"

1. Os devotos do Divino
vão abrir sua morada
pra bandeira do divino
ser bem-vinda, ser louvada.
2. Deus nos salve esse devoto
pela esmola em Vosso nome
dando água a quem tem sede
dando pão a quem tem fome
3. A bandeira acredita
que a semente seja tanta
que essa mesa seja farta
que esta casa seja santa.
4. Que o perdão seja sagrado
que a fé seja infinita
que o homem seja livre
que a justiça sobreviva.
5. Assim como os três reis magos
que seguiram a estrela guia
a bandeira segue em frente
atrás de melhores dias.
6. No estandarte vai escrito
que ele voltará de novo
e o rei será bendito
ele nascerá do povo.

Celebrante

Irmãos:
Estamos aqui reunidos
em nome do Pai + do Filho
e do Santo Espírito.

Assembléia

Amém.

Celebrante

Elevemos a nossa prece ao Pai,
como o Filho nos ensinou, —

Assembléia

Evocando a Luz
do Espírito Santo

Celebrante

Pai nosso, que estás no céu.

Assembléia

Pai de todos nós,
paternidade que nos faz todos

irmãos.

Desarma nossos espíritos,
sensibiliza nossos corações,
para vencermos o egoísmo
e vivermos,
a fraternidade verdadeira,
solidários especialmente,
com os nossos irmãos mais pobres,
carentes de bens necessários,
de afeto e de respeito.

Celebrante

Santificado seja o teu nome.

Assembléia

Que o teu nome seja exaltado
pelas obras de justiça e amor
praticadas pelo teu povo.

Celebrante

Venha a nós o teu reino.

Assembléia

Promessa e dom gratuito
da tua misericórdia.

Celebrante

Seja feita a tua vontade,
na terra como no céu.

Assembléia

Porque este, Senhor,
é o teu plano para a criação.
O Reino,
desde sempre para nós preparado,
por toda a eternidade,
já se faz presente
aqui na terra

cada vez que a justiça e o amor
vencem a opressão e o desamor.
Esta, Senhor,
é a tua vontade:

O Reino anunciado por teu Filho,
vindo a nós,
aqui na terra,
como no céu.

**Celebrante**

Então te pedimos,
o pão nosso de cada dia.

Assembléia

Que o pão nosso,
e todos os frutos da natureza,
e o produto do trabalho dos homens
sejam repartidos entre todos,
como sinal do Reino anunciado.

Celebrante

Perdoa as nossas ofensas,
como perdoamos a quem nos
ofende.

Assembléia

Pois não há fraternidade
sem perdão sincero.

Celebrante

E não nos deixes cair em tentação.

Assembléia

Na tentação do comodismo,
de esquecer o anúncio do Reino,
de colaborar na sua edificação,
desde aqui e agora,
na terra como no céu.

Celebrante

Mas livra-nos do mal.

Assembléia

De sermos obstáculo
à vinda do Reino.
Assim seja! Amém!

Comentarista:

Ouçamos, agora, a palavra de Jesus,
nossa irmão, que anuncia o Evangelho

Iho, a Boa Notícia de que o Reino já
está presente entre nós.

Celebrante

Leitura do Evangelho, narrado por
Lucas.

Assembléia

Glória a ti, Senhor.

Celebrante

Os fariseus perguntaram a Jesus sobre o momento em que chegaria o Reino de Deus.

Jesus respondeu: "O Reino de Deus não vem ostensivamente. Nem se poderá dizer: Está aqui, ou está ali, porque o Reino está no meio de vós. Então uma pessoa importante perguntou a Jesus: "Bom mestre, o que devo fazer para receber, em herança, a vida eterna?"

Jesus respondeu: "Por que você me chama de bom? Só Deus é bom, e ninguém mais.

Você conhece os mandamentos: Não cometa adultério; não mate; não roube, não levante falso testemunho; honre seu pai e sua mãe". O homem disse: "Desde jovem tenho observado essas coisas". Ouvindo isso, Jesus disse: "Falta ainda uma coisa para você fazer: venda tudo o que você possui, distribua o dinheiro aos pobres, e terá um tesouro no céu. Depois, venha e siga-me". Quando ouviu isso, o homem ficou triste, porque era muito rico".

– Palavra de Salvação.

Assembléia

Glória a ti, senhor.

Celebrante

Que venha, então o teu Reino,
segundo a tua vontade.

Assembléia

E seja agora,
aqui na terra,
como um dia no céu,
para sempre, amém!

Ato Penitencial

CANTO

'Sera que eu falhei?"

Não é esta aí, a natureza que eu quis,
Que tomba indefesa, perdendo a beleza,
Trazendo a tristeza, na terra que eu quis.

Não é esta aí a Terra que eu quis,
Desfeita em pedaços por grandes ricaços,
Por mãos criminosas do homem que eu fiz.

Não é este aí, o homem que eu quis,
Que vive oprimido, que anda perdido,
Que cai abatido no mundo que eu fiz.

Será que eu falhei? – Me digam vocês!
Será que eu pus muita água no mar?
Será que é o calor do meu sol a queimar?

Se acaso é assim, perdão, eu errei!

Agora eu lhes digo o mundo que eu quis:
As estrelas não brigam, o sol não se afasta,
O mar não socobra na terra que eu fiz.

Agora eu lhes digo a terra que eu quis:
Sem ódio, sem guerra, sem tanta injustiça,
Que ferem meu filho, o homem que eu fiz.

Agora eu lhes digo o homem que eu quis:
Um homem liberto, fraterno e aberto,
Fazendo da vida um canto feliz.

Será que eu falhei, sendo bom demais?
Será que o Amor, a Justiça e a Paz
Não valem mais nada neste mundo meu?

Se acaso é assim, perdão, eu errei!

Celebrante

Meus irmãos.

Estamos celebrando,
a alegria do anúncio,
do Reino de Deus,
já presente entre nós.

Homens

É a celebração
da Boa notícia
de que Deus é nosso Pai
e a todos nos ama.

Mulheres

Para selar a paternidade
que a todos nos faz irmãos,
enviou-nos seu Filho
de quem somos,
medrosos seguidores.

Homens

E o Filho entregou a própria vida
por fidelidade à missão
de anunciar o Reino,
e denunciar tudo aquilo
que ao Reino se opõe.

Mulheres

Porque nos amou
na vida e na morte,
e morte de cruz.

Homens

E nos foi enviado o Espírito,
que nos impele à luta
por um mundo mais justo,
fraterno e humano,
no seguimento de Jesus.

Mulheres

Celebrar o amor de Deus,
é celebrar a sua justiça.

Homens

Ser cristão é, portanto,
buscar a justiça,
na construção de uma sociedade
em que o homem não explore o
homem

Mulheres

Em que o forte
não esmague o fraco,
e os poderosos
não oprimam o povo

Celebrante

Por nossa fragilidade e nossos
medos,
por nossa infidelidade e nossas fugas

ao seguimento de Jesus,
vamos pedir perdão ao nosso Deus,
que libertou o seu povo
da escravidão do Egito,
e o encaminhou à Terra Prometida.

Assembléia

À Terra
onde a liberdade é verdade
e a dignidade humana
é exaltada e respeitada,
prenúncio do Reino definitivo.

Celebrante

Confessemos as nossas faltas,
pessoais e coletivas,
a Deus e aos irmãos.

Comentaria:

Vamos agora vivenciar uma experiência simbólica profunda, de revisão de vida, penitência e reconciliação.

Reunidos em grupos pequenos, vamos tentar despojar-nos de nosso egoísmo e do apego às coisas que nos dividem e nos afastam de Deus e dos irmãos.

Vamos simbolizar esse despojamento ficando descalços, por alguns momentos.

Enquanto nos formamos em grupos, cantemos:

CANTO

"Viola Enluarada"

1. A mão que toca um violão
se for preciso faz a guerra
mata o mundo, fere a terra
a voz que canta uma canção
se for preciso canta um hino
louva a morte.

2. Viola em noite enluarada
no sertão é como a espada
esperança e vingança
o mesmo pé que dança um samba
se for preciso vai à luta – capoeira.

3. Quem tem de noite a companheira
sabe que a paz é passageira
pra defendê-la se levanta
e grita: eu vou.

4. Mão, violão, canção, espada
e viola enluarada
pelos campos e cidades
porta-bandeira capoeira
desfilando vão cantando – Liberdade.

Revisão de vida

Voz:

- Temos sido capazes de ouvir os outros, profundamente? Na família? No trabalho? No Movimento? Na Igreja? (Pausa).
- Estamos sempre disponíveis para ajudar os outros? (Pausa).
- Ou somos surdos, para não nos deixarmos envolver com os problemas e angústias dos outros? (Pausa).
- Ficamos absorvidos pela rotina e assim nos justificamos de nossas omissões? (Pausa).
- Quem sabe, mesmo lá em casa, há alguém esmagado pela angústia, e nem percebemos? (Pausa).
- Quando nos encontramos, em nossas muitas reuniões, partilhamos nossos fardos, ou discursamos sobre coisas distantes? (Pausa).
- Somos juízes severos? Pregadores de lições de moral, para os outros, cegos às nossas próprias fraquezas? (Pausa).
- Estamos fechados na própria família, fechados aos problemas do mundo? (pausa).
- Ou nos comprometemos de tal maneira nas lutas sociais e políticas, a ponto de sufocar a afetividade e arruinar a vivência familiar? (Pausa).

Comentaria:

Agora, nos grupos, cada um tentará calçar um sapato do outro, para simbolizar o esforço de colocar-se no lugar e na situação do outro. Dirá, então o que sente, nessa experiência.

CANTO: "Fica mal com Deus"

Fica mal com Deus quem não sabe dar
fica mal comigo quem não sabe
amar. (bis)
Pelo meu caminho vou,
vou como quem vai chegar
quem quiser comigo ir tem que vir do
amor.
Tem que ter pra dar,
Vida que não tem valor,
homem que não sabe dar
Deus que se descuide dele
um jeito a gente ajeita dele se acabar.

Celebrante

Irmãos,
agora, todos juntos,
peçamos perdão a Deus.

Celebrante

Por não termos tido coragem
de viver a bem-aventurança
da pobreza evangélica.

Assembléia

Perdoa-nos, Senhor.

Celebrante

Por não termos amado bastante
para descobrir-te nos irmãos.

Assembléia

Perdoa-nos, Senhor.

Celebrante

Por não termos sido capazes
de descobrir que contribuímos
para que morressem nossos irmãos

Assembléia

Perdoa-nos, Senhor.

Celebrante

Por não termos descoberto
o quanto são opressivas
as estruturas que destroem

Assembléia

Perdoa-nos, Senhor.

Celebrante

Por não termos gritado e protestado
contra uma sociedade
desumanizante

Assembléia

Perdoa-nos, Senhor.

Celebrante

Por não termos denunciado,
situações de injustiça.

Assembléia

Perdoa-nos, Senhor.

Celebrante

Por não termos anunciado,
com a nossa vida,
que o Reino está entre nós.

Assembléia

Perdoa-nos Senhor.

Celebrante

Por não termos lutado
pela justiça e fraternidade,
sinais do teu Reino

Assembléia

Perdoa-nos, Senhor.

Celebrante

Por não termos descoberto
a tua face, na face dos pobres,

Assembléia

Perdoa-nos, Senhor.

(Seguem-se pedidos espontâneos de perdão)

(Momento de silêncio)

Celebrante

Senhor,
que te revelaste a nós como Amor,
fizeste do Amor
o caminho para te conhecer,
abre nossos olhos e nosso coração,
desata nossos pés e nossas mãos.

Assembléia

Para que
com toda a tua Igreja,
caminhemos e lutemos,
com nossos irmãos,
hoje despertos,
colocando-nos a seu serviço
para juntos apressarmos
a irrupção do teu Reino,
no meio de nós.
Amém!

Celebração da partilha

Celebrante

Liberados das nossas faltas,
que nos afastavam
de Deus e dos irmãos,
nos defrontamos
com vivos sinais do Reino.

Homens

O Reino de Deus
a nós prometido,
é dom e tarefa.

Mulheres

Dom gratuito de Deus,
nunca fruto dos nossos méritos.

Homens

Mas ao mesmo tempo,
tarefa atribuída aos homens
colaboradores de Deus
na luta pela justiça,
fundamento do amor.

Mulheres

Toda vez que a injustiça
vence a opressão,
e derrota a exploração
do homem pelo homem,
– af estão, sinais do Reino.

Homens

Toda vez que o amor
vence o ódio
e derrota a competição
do homem contra o homem
– af estão, sinais do Reino.

Mulheres

Toda vez que a paz
vence a guerra,
e derrota a violência,
do homem contra o homem,
– af estão, sinais do Reino.

Homens

Toda vez que o pão,
o tempo e o saber,
a esperança e a vida
são partilhados,
– af estão, sinais do Reino.

Celebrante

Para simbolizar a partilha dos bens
da natureza, os frutos do trabalho do
homem, e a nossa disposição de par-
tilhar o que temos, o que sabemos, o
que somos, o nosso tempo, a nossa
fé a nossa vida, – partilhemos o pão
entre
nós.

(Aproximam-se pessoas com cestos,
recolhendo pães de quem possui e
redistribuindo-os a todos. Durante a
distribuição, o celebrante recorda,
sem ler, o episódio evangélico da
multiplicação dos pães e, após seus
comentários, retorna o diálogo com a
Assembléia.

Celebrante

O milagre dos pães repartidos não
está no acontecimento sobrenatural
da multiplicação, mas na vitória so-
bre o egoísmo de quem possui o que
falta aos irmãos e se dispõe a parti-
lhar. Assim como o fizeram aqueles
que possuíam alguns peixes e pães.

Homens

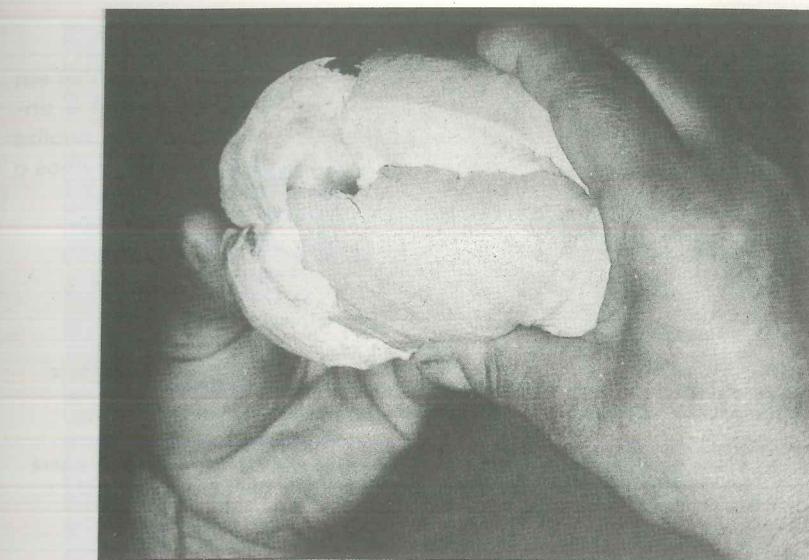
Somos chamados
ao seguimento de Jesus.
Mas como fazer, o que ele fez?
Não sabemos multiplicar.

Mulheres

Somos chamados
ao seguimento de Jesus.
Podemos segui-lo.
Sabemos dividir.

Homens

Estes são sinais do Reino.
Os bens partilhados
saciarão todas as fomes
e sobrarão cestos cheios,
de solidariedade e fartura.



Mulheres

E haverá paz.
Não a paz dos mortos
mas a que surge da luta
pela justiça e o amor.

Assembléia

Assim seja! Amém!

CANTO

"Quero entoar um canto novo"

1. Peregrino nas estradas
de um mundo desigual,
espoliado pelo lucro e ambição do
capital.
Do poder do latifúndio enxotado e sem
lugar,
já não sei pra onde andar...
De esperança eu me apego ao mutirão.

Ref.: Quero entoar um canto
novo de alegria
ao raiar aquele dia
de chegada ao nosso chão.
Com meu povo
celebrar a alvorada
minha gente libertada
lutar não foi em vão.

2. Sei que Deus nunca esqueceu
dos oprimidos o clamor
e Jesus se fez do pobre solidário e
servidor.

Os profetas não se calam
denunciando a opressão.
Pois a terra é dos irmãos...
E na mesa igual partilha tem que haver.

3. Pela força do amor o universo tem
carinho
e o clarão de suas estrelas
ilumina o meu caminho
nas torrentes da justiça
meu trabalho é comunhão.
Arrozais florescerão...
E em seus frutos liberdade colherei.

Oração pela paz

Celebrante

Senhor Jesus Cristo
queremos ser construtores da tua
Paz.

Assembléia

Mas como semear essa Paz,
no chão da injustiça?
Como fecundar fraternidade
no chão da desigualdade?
Como brotar o amor,
no chão da opressão?

Celebrante

Nossos irmãos marginalizados
têm queixas justas
contra a ordem social
que lhes impusemos.

Assembléia

Como crescer a justiça,
no frio da discriminação?
Como frutificar a igualdade
na seca dos privilégios?

CANTO**"Asa Branca"**

1. Quando olhei a terra ardendo
qual fogueira de São João
eu perguntei a Deus do céu, ai
por que tamanha judiação.

2. Que braseiro, que fornalha
nem um pé de plantação
por falta d'água perdi meu gado
morreu de sede meu alazão.

3. Até mesmo a asa branca
bateu asas do sertão
então eu disse adeus Rosinha
guarda contigo meu coração.

4. Hoje longe muitas léguas
numa triste solidão
espero a chuva cair de novo
pra eu voltar pro meu sertão.

5. Quando o verde de teus olhos
se espalhar na plantação
eu te asseguro, não chores não viu
que eu voltarei viu, meu coração.

Celebrante

Também nós conservamos viva
a nossa esperança.

O verde há de voltar.

Assembléia

E se multiplicarão
os sinais do Reino
até que ele se torne visível,
pelos séculos dos séculos.
Assim seja! Amém!

"Milhões de pessoas que sonham com a imortalidade não sabem o que fazer de suas vidas numa tarde de domingo chuvoso". (Suzan Ertz)

Comentarista:

Convidamos todos a caminhar em procissão, para receberem a unção com o perfume que simboliza a Paz. Em seguida nos daremos o abraço da Paz.

CANTO FINAL**O Que é o que é**

Viver e não ter a vergonha de ser feliz
Cantar e cantar e cantar
A beleza de ser um eterno aprendiz
Ai meu Deus eu sei, eu sei
Que a vida devia ser bem melhor e será
Mas isso não impede que eu repita
Que é bonita é bonita e é bonita

E a vida,
E a vida o que é diga lá meu irmão
Ela é a batida de um coração
Ela é uma doce ilusão? é ô
Mas e a Vida?
Ela é maravilha ou é sofrimento?
Ela é alegria ou lamento?
O que é o que é meu irmão
Há quem diga que a vida da gente
É um nada no mundo
É uma gota é um tempo
Que nem dá um segundo
Há quem fale que é um divino
Mistério profundo
É o sopro do criador numa atitude repleta
de amor

Você diz que a luta é prazer
Ele diz que a vida é viver
Ela diz que melhor é morrer
Pois amada não é e o verbo é sofrer
Eu só sei que confio na moça
E na moça eu ponho a força da fé
Somos nós que fazemos a vida
Como der ou puder ou quizer
Sempre desejada, por mais que seja
errada

Ninguém quer a morte só saúde e sorte
E a pergunta roda e a cabeça agita
Fico com a pureza
Das respostas das crianças
É a vida é bonita e é bonita.



Sabedoria do povo indígena

"Eu sou índio do Brasil e vim conversar com vocês. Nos últimos 500 anos, os índios sempre procuraram falar, gritar, dizer dos seus problemas, e os ouvidos do mundo nunca escutaram. Nós sabemos que alguma coisa está errada com o chamado desenvolvimento de vocês. A história da humanidade está mostrando isso. É por isso que vocês

O Índio Terena falou aos dirigentes de mais de 120 países na Conferência Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento no Rio de Janeiro em 1992 em nome de 92 organizações e nações indígenas.

vieram ao Rio de Janeiro, dos mais diversos lugares, para discutir o que fazer com o planeta Terra, o que não era necessário. Esse código de vida que nenhum cientista conseguiu descobrir, aquilo que vocês estão procurando aqui, é a sabedoria dos povos indígenas.

Não é mais necessário vocês gastarem milhões de dólares com novas pesquisas. Nós, os índios, queremos oferecer nossa sabedoria e nossa ciência para a civilização de vocês. Mas vocês estão preparados para isso? Será que o mundo moderno está preparado para ouvir isso depois de 500 anos de silêncio im-

posto pela colonização e a catequese?

Nós somos os conhecedores da natureza e o desenvolvimento sustentado. Isso, para nós, sempre foi uma coisa do dia a dia e não vida alternativa.

Respondam por que fazem isto com a gente? Eu estou usando a mesma roupa que vocês. Poderia estar com uma gravata. Posso aprender inglês, francês. Nós temos uma política própria, um sistema de governo próprio. Mas nem por isso se justifica sermos considerados como pessoas selvagens, como uma revista de vocês afirmou. Nós não somos selvagens, por que nós não matamos as nossas crianças, nem temos favelas. Não temos hospitais psiquiátricos nas nossas aldeias.

O que, então, significa viver?

Quando a ministra da Noruega diz nosso futuro comum, o que vocês querem dizer com isto? Como se pode gastar milhões e milhões de dólares para fazer uma conferência dessa e não ouvir o que a terra tem a dizer?

A natureza está sendo destruída a cada momento. Cada jato que cruza o Atlântico, que cruza o Pacífico, está destruindo a natureza. Cada vez que se desembolsa dinheiro para pesquisar em nome da paz, mais armas de guerra, estão destruindo a natureza, estão destruindo a própria vida. Não é só a vida do índio.

Por isso nós ficamos pensando. Será que nós vamos ser ouvidos? Será que vamos sensibilizar a cabeça de vocês, o coração de vocês, como gente, como pessoas?"

Grande Canoa

"Nós não viemos aqui para agradar os dirigentes, mas para lutar

pela vida, pela nossa sobrevivência, mas também para salvar o planeta. O mundo é uma grande canoa, onde tem índio, negro, branco. Quando o pulmão de vocês não aguentar mais respirar esse ar, o corpo de vocês e o nosso também vai ficar doente. Quando não tiver mais água para beber? E quando vocês não puderem mais matar a sede com a água dos nossos rios, não tiverem mais florestas, o que vocês vão fazer? Talvez vocês inventem uma pílula para matar a sede. Mas nunca vai ser saborosa como as águas que nós acostumamos a beber na floresta.

Nós tínhamos muito mais o que falar da sabedoria indígena, mas vocês precisariam estar preparados para nos ouvir.

Biodiversidade? Nós temos a nossa, por isso lutamos pela demarcação de nossas terras. Por trás da luta territorial está a luta patrimonial, estão os remédios que a natureza nos dá. Por isso nós estamos dizendo: vocês poderiam tentar escutar o que dizemos aqui: para nós é muito importante estarmos aqui falando diretamente com vocês. Você é representante de seus governos e nós, o que somos para vocês?

É preciso que vocês deixem o coração aberto. Há mais de um ano estamos acompanhando os trabalhos de preparação desta conferência (Prepcons). Quantas vezes fiquei encabulado quando vimos os países pequenos do chamado Terceiro Mundo correndo atrás dos ricos, do Primeiro Mundo, para pedir dinheiro. Isto não é soberania. Isto não é dignidade. Queremos tratamento sério.

Um dia, quem sabe, teremos assento na ONU, não como populações, mas como nações. Isto, quando a cabeça do homem branco abrir e entender que nós não somos ameaça à civilização de vocês.

Nós temos valores e gostaríamos de influenciar a vida de quem mora na cidade. Vocês falam em desenvolvimento sustentado, mas o que é isso? Vocês falam em transferência de tecnologia, mas o que é isso? O que significa ser desenvolvido para vocês?

Quando eu saí da minha aldeia e cheguei na cidade, fui considerado um menino pobre. Eu não sabia o que era pobreza. Eu não sabia o que era ser rico. Na minha aldeia não tinha moeda. Mas tínhamos comida, tínhamos a liberdade, como dos pássaros e dos animais. Aqui, as crianças, que são o nosso futuro, estão cada vez mais sendo extintas.

Estar sendo escutado por vocês, cada um de vocês, onde vocês estiverem, é muito mais importante do que os fatos políticos que saem nas primeiras páginas dos jornais. Porque queremos dizer para vocês: durante 500 anos nós seguramos a biodiversidade, as riquezas e os recursos da nossa gente. Nós não queremos fazer isso sozinhos. Queremos fazer isso em conjunto com vocês. Você tem a máquina. Nós temos a sabedoria da natureza. Será que é possível sonhar com isso?

Nós acreditamos que sim. E vocês?

Todo o nosso futuro é projetado nos rostos dos nossos antepassados. Isso é a nossa cultura. É a nossa força. É a força espiritual que a humanidade está perdendo. Força que se transforma em força religiosa e força política. Não brinquem com o espírito. O seu espírito é sagrado? O seu espírito é a sua força, e não a força dos outros.

Por isso, todo o planejamento da

- Como é a nossa atitude diante das agressões à natureza? Será assunto para o governo resolver? Contribuimos para aliviar ou agravar o problema?
- Entramos na onda do consumismo, das coisas descartáveis, do desperdício?
- O que terá o consumismo que ver com a destruição da natureza e a miséria?



nossa estrutura de relacionamento com o homem branco até agora tem de ser nesta base. É preciso estabelecer uma nova relação entre os povos. Mas é preciso repensar também o que foi a economia para vocês. É preciso estabelecer uma nova ordem econômica entre o índio e o seu colonizador.

Por isso, uma das propostas mais polêmicas, não para nós, mas para os governos, é criar um fundo indígena. Eles têm medo disso. Nós não temos medo de nada, porque nossa luta é pela vida, pela sobrevivência. A nova ordem econômica entre o índio e o colonizador pode nascer aqui, deste cenário.

Quando assinarem os tratados, pensem nisso. Você tem de ser nossos aliados, têm de ser aliados do futuro. O que pedimos é tão óbvio como a vida de vocês, a vida das crianças e as cores do arco-íris.

Não tenham medo de nós, porque o futuro dos índios é o futuro de vocês também. É o futuro do planeta".

A força dos sacramentos

Sacramento é sinal

O ser humano se exprime e se comunica através de sinais, de símbolos e ritos. Porque nem sempre bastam palavras para traduzir seus sentimentos e emoções.

Gestos simbólicos são mais fortes que longos discursos.

Coisas simples, um objeto ou flor, podem ganhar um forte significado simbólico e torna-se sinal de sentimentos profundos, se o ser humano assim o desejar.

Estamos todos cercados de inúmeros desses sinais e simbolismos. A velha mesa em que nos reuníamos, nas refeições, com nossos avós que já nos deixaram. A flor murcha e seca que há anos permanece guardada entre as folhas de um livro. Uma vela quase consumida que se ostenta no bonito candelabro, porque esteve acesa em todas as celebrações familiares do passado. Uma camisa rasgada guardada pelos companheiros do lavrador assassinado.

Cada um desses objetos, em si mesmo, não tem grande valor. Já teriam sido descartados se não tivessem adquirido um significado que os ultrapassa.

Tornaram-se sinais de outras coisas. Já não são mesa, flor, vela ou camisa. São **Sinais ou Sacramentos** da solidariedade e da união da família, do amor de um homem e uma mulher, ou da luta pela justiça.

48

O Sacramento tem força própria

Essas coisas simples, que ganharam um significado simbólico profundo, não são apenas sinais daqueles sentimentos ou simples recordações de certos acontecimentos.

Esses objetos que se tornaram **Sinais ou Sacramentos** têm o poder de alimentar, reavivar em nós aqueles sentimentos que eles recordam e significam.

Ao ver ou tocar esses objetos simples, sentimos, com renovado ardor, aquela solidariedade, o carinho e o amor, a indignação frente a injustiça – e somos impelidos a viver mais intensamente esses sentimentos, traduzindo-os em práticas concretas que os exprimam.

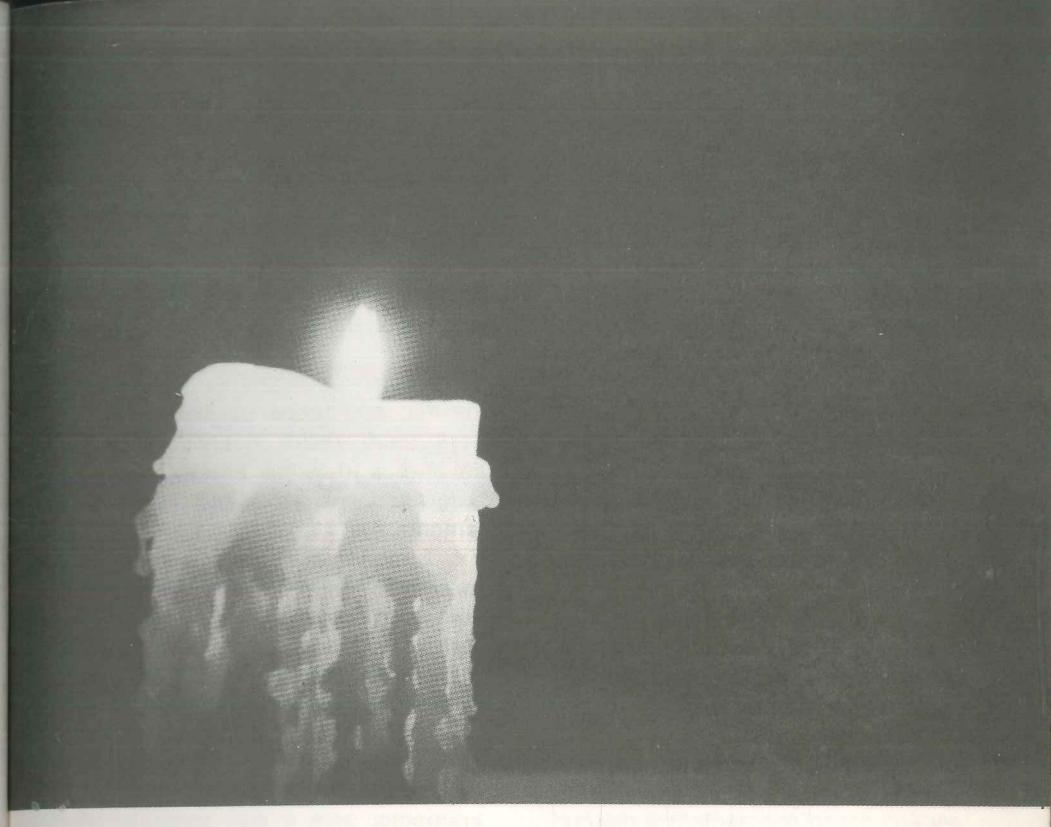
Por isso, podemos afirmar que esses sinais simbólicos ou sacramentais possuem uma **eficácia**, quer dizer, produzem aquilo que exprimem.

São Sacramentos Humanos.

Sinais da presença de Deus

Há sacramentos que são sinais da presença de Deus e do seu amor entre nós, na história humana.

Todas as coisas, que nos evocam Deus e o seu amor por seu povo são **Sacramentos Divinos**. Gestos e sentimentos humanos, que refletem esse amor, são, igualmente, sacra-



mentos de Deus, para os que nele crêem e assim o evocam.

Os Sacramentos mais marcantes

Alguns sacramentos do amor de Deus são especialmente apontados e celebrados pela Igreja, por corresponderem a realidades humanas muito marcantes.

Foram aprendidos no catecismo, em nossa infância.

O **Batismo** é a acolhida de alguém na comunidade dos que seguem Jesus Cristo, e que assim nasce para uma vida nova orientada para a busca da justiça e do amor, para a plena humanização dos homens e do mundo.

Mais tarde, conhecendo a res-

ponsabilidade própria do cristão, mais consciente da missão, será convidado a confirmar sua adesão, pelo **Crisma** ou **Confirmação**.

Pelas frequentes infidelidades aos compromissos dessa missão, o cristão se afasta do projeto de Deus, que então o convida amorosamente a reconhecer suas limitações e restaurá-lo essa amizade ferida, através do sacramento da **Reconciliação**.

Na luta pela justiça, vivendo a partilha de si mesmo e o amor-doação-serviço, o cristão busca coragem no encontro pessoal com o Cristo que se faz presente no pão e vinho partilhados, na **Eucaristia**. Pão e vinho que significam os produtos da natureza e do trabalho do homem, destinados a todos e não apenas a alguns.

49

A matéria do sacramento da **Ordem** é a resposta dos que são chamados por Deus para uma dedicação integral ao seu povo, a seu serviço, no exercício de funções especiais.

Na luta pela vida, na doença ou frente ao risco da morte, recorda-se o Deus da vida, que envia seu Filho para oferecer aos homens vida em abundância. Para recordar essa presença vivificante de Deus conosco, celebra-se o sacramento da **Unção dos Enfermos**.

Em todos esses sacramentos divinos, atua a Graça de Deus.

Assim, os sacramentos não são apenas sinais da presença de Deus, mas o fazem presente efetivamente entre nós.

Por isso se afirma que os **Sacramentos são sinais eficazes**, quer dizer, que realizam verdadeiramente o que representam.

E o casamento?

Também o casamento, ou **matrimônio**, pode ser um sacramento divino.

Talvez na maioria dos casamentos que se celebram nas igrejas não exista nada que pareça sacramento.

Mas muitos são, de fato, sacramento do amor de Deus.

Com efeito, se um homem e uma mulher se amam de verdade,

esse amor será um reflexo do amor de Deus por seu povo. Portanto um **sinal** ou sacramento desse amor divino.

Talvez um reflexo ainda pálido, ensaiando o que será, à medida que forem amadurecendo. Ou, quem sabe, já será desde o início, um reflexo luminoso do amor de Deus, tomado como modelo para o seu amor humano.

A densidade sacramental não é a mesma, em todos os casamentos. Será tanto maior quanto mais o amor dos dois se assemelhar ao amor de Deus, ainda que imperfeitamente.

Também não será sempre a mesma ao longo da vida-a-dois. Haverá momentos ou tempos em que será mais nítida a dimensão sacramental do casamento. Em outros, poderá ser quase imperceptível.

Isto significa que é preciso casar-se todos os dias, cultivar no dia-a-dia o amor que faz do casamento um sacramento.

Quanto maior e mais maduro o amor humano, mais atuante será a Graça de Deus na vida do casal e da família que constituíram.

Porque tanto maior será a sua dimensão de **sacramento**, canal da Graça de Deus, **sinal eficaz**, que produz aquilo que simboliza.

● *Quais são as atitudes, comportamentos e ações concretas que fazem crescer a sacramentalidade do nosso casamento?*

● *Ao contrário: o que faz diminuir essa sacramentalidade?*

● *Conhecemos uniões celebradas na igreja mas que não parecem ser sacramento do amor de Deus?*

● *Como está o nosso casamento, hoje, em termos de sacramentalidade? Em alta ou parado no tempo?*

● *Como nos colocamos diante de uniões não celebradas na igreja? Podemos perceber sinais de sacramentalidade nessas uniões? Em que sentido isso pode ser percebido?*

● *Casais em situações especiais não sacramentalizadas: como podem integrar-se na vida da Igreja?*

esse amor será um reflexo do amor de Deus por seu povo. Portanto um **sinal** ou sacramento desse amor divino.

Talvez um reflexo ainda pálido,

ensaiando o que será, à medida que

forem amadurecendo. Ou, quem sabe,

já será desde o início, um reflexo

luminoso do amor de Deus, tomado

como modelo para o seu amor hu-

mano.

A densidade sacramental não é a

mesma, em todos os casamentos.

Será tanto maior quanto mais o

amor dos dois se assemelhar ao

amor de Deus, ainda que imperfei-

tamente.

Também não será sempre a

mesma ao longo da vida-a-dois.

Haverá momentos ou tempos em que

será mais nítida a dimensão sacra-

mental do casamento. Em outros,

poderá ser quase imperceptível.

Isto significa que é preciso casar-

-se todos os dias, cultivar no dia-a-dia

o amor que faz do casamento um sa-

cramento.

Quanto maior e mais maduro o

amor humano, mais atuante será a

Graça de Deus na vida do casal e da

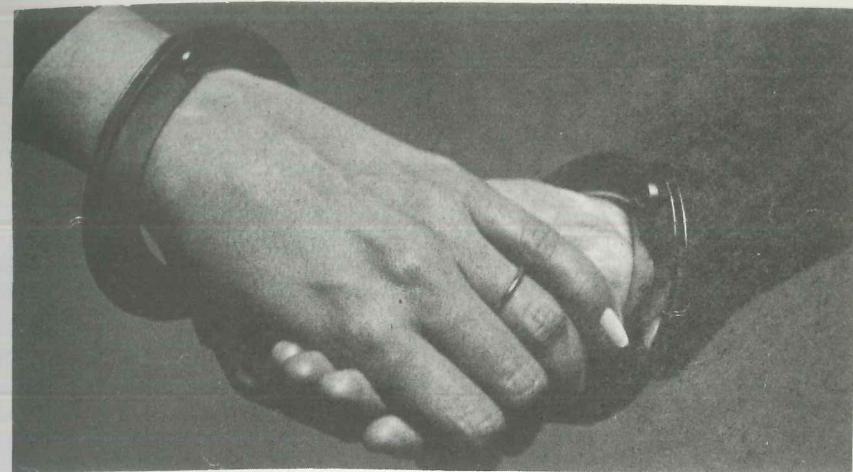
família que constituíram.

Porque tanto maior será a sua

dimensão de **sacramento**, canal da

Graça de Deus, **sinal eficaz**, que

produz aquilo que simboliza.



O dinamismo do amor

O amor não é algo estático e pronto. É dinâmico. Deve estar sempre em crescimento, ainda que às vezes aconteçam recuos e fases difíceis.

Esse crescimento supõe constantes adaptações, humildade e lucidez. E disposição de enfrentar cada nova dificuldade com vontade sincera de superá-la.

Cada situação difícil bem resolvida contribui para o crescimento do amor e o amadurecimento do casal.

As diferenças de educação podem atrapalhar

Não se pode perder de vista esse fato: tiveram educação diferentes. Talvez parecidas, mas no fundo diferentes. O simples fato de serem

homem e mulher, em nossa cultura, já aponta para diferentes educação.

Além disso, vieram de famílias diferentes e estão construindo uma família nova e original, que não tem que ser cópia de qualquer das suas famílias de origem.

Ora, a origem familiar e o tipo de educação determinam certos tipos de comportamento que não mudam de uma hora para outra.

E devem mudar?

Mudar apenas por mudar, não. Mas há comportamentos que colaboram para o crescimento do amor e do companheirismo. Outros que só atrapalham. Por isso, é necessário um certo esforço de ambos que para se libertarem de alguns hábitos, ajustarem certas atitudes e apurar comportamentos inadequados.

Também aqui o diálogo confiante e tranquilo é indispensável.

E temperamentos diferentes: que fazer?

O temperamento de uma pessoa pode ser hereditário, algo que não se muda sem mais nem menos. Essas marcas hereditárias são às vezes bem incômodas.

Mas o temperamento é apenas o revestimento da personalidade. Não é a personalidade. Não se confunde com a essência da pessoa. Ama-se uma pessoa, não obstante seu temperamento. Nem sempre é fácil. É preciso amar de verdade para ver o outro como ele é, em sua essência, através desse envoltório de tensões, inibições, defesas e outras manifestações do seu temperamento, que aliás já se conheciam antes do casamento...

Mas há características de temperamento que tornam muito difícil a convivência. Essas devem ser controladas, atenuadas ou modificadas, por que não? Ainda que se tenha que recorrer a tratamentos especializados.

O confronto de mentalidades diferentes

Essa dificuldade é um pouco mais complicada que a anterior.

A mentalidade é uma coisa que se foi formando aos poucos e vai-se tornando uma marca da pessoa. É claro que duas mentalidades diferentes podem conviver muito bem, cada um respeitando os valores do outro, sua maneira de ver o mundo, seus critérios de julgamento. Mas se são mentalidades antagônicas, valores que se negam mutuamente, critérios opostos...

De qualquer modo, todo homem ou mulher está sujeito a mudar de mentalidade, à medida que vai ama-

durecendo e vivendo experiências novas, que lhe abrem novas perspectivas. Todos conhecem pessoas que tenham passado por processos de profunda conversão, seja na fé, seja na maneira de ver o mundo.

Na vida a dois, se há amor e compreensão, ambos se ajudam mutuamente a rever suas convicções, suas óticas e ideologias, com respeito, sem se sentirem donos da verdade. Vão crescendo, amadurecendo, desenvolvendo a consciência crítica e, pouco a pouco, mudando e reformulando seu modo de encarar certas coisas. Em suma, vai-se processando uma lenta mudança de mentalidade, superando esquemas ingênuos ou infantis que atrapalham a vida a dois.

Desvios de comportamento

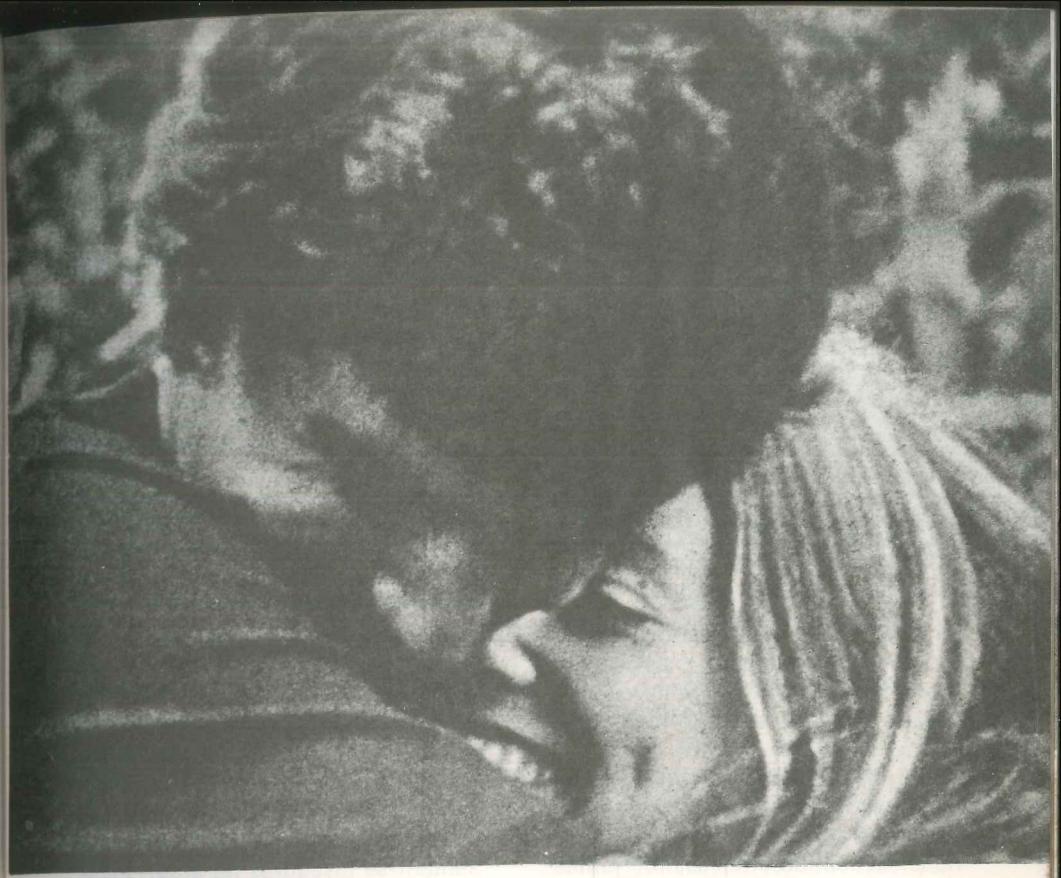
Ninguém é perfeito. Mas há maus hábitos toleráveis e outros intoleráveis.

Se um não fuma, por exemplo, é desagradável o cheiro e a sujeira provocados pelo outro fumante. Mas dá para suportar, com certo esforço, até que consiga convencê-lo dos males do fumo... e da despesa que esse hábito acarreta.

Mas o uso exagerado da bebida, que frequentemente resvala para o alcoolismo, não dá para suportar sem reagir. Se for o caso, com ajuda de tratamento especializado, porque pode ser uma doença, como qualquer outra.

O vício do jogo é igualmente intollerável. Quase sempre acaba levando à ruína do casamento e da família. Como a tendência à mentira, a leviandade ou à violência.

O diálogo é o primeiro instrumento de enfrentamento desses problemas.



O aconselhamento de pessoas ou profissionais especializados poderá ser necessário. Ou mesmo terapias mais profundas. O importante é que não se entreguem ao conformismo, sem nada fazer para vencer esses desvios com que uma pessoa se desumaniza e desumaniza aqueles com quem convive.

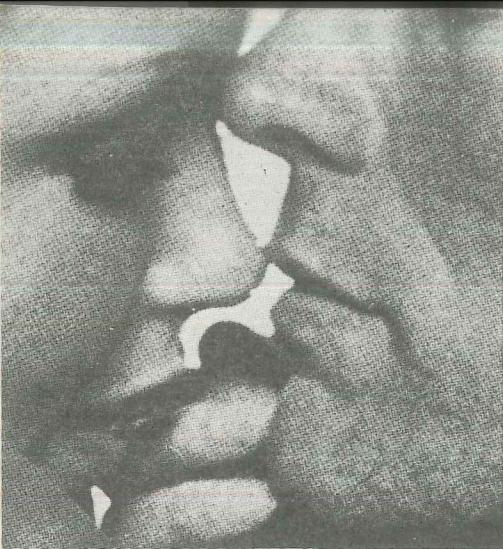
A necessidade de constante atualização

Não se trata de rejeitar, a cada momento, crenças e valores de antes, diante de qualquer idéia nova que surja. É preciso separar, com cuida-

do, o que são valores permanentes e o que são valores provisórios, próprios de determinada cultura.

Valores permanentes são, por exemplo, a justiça, o amor, a honestidade, a amizade, a família, e tantos outros. Desses não se abre mão. Ainda que a maneira de viver esses valores mereça ser revista em cada momento, a cada nova descoberta das ciências humanas ou da teologia. Ou mesmo do nível de compreensão que vão tendo desses valores, em sua essência, além das aparências.

Quanto aos valores provisórios, não vale a pena apegar-se a eles além do tempo em que permanecem válidos. São valores que se vão modificando. Costumes que mudam,



hábitos e comportamentos novos que às vezes assustam... mas acabam sendo assimilados e aceitos socialmente, sem que os valores essenciais sejam atingidos.

O diálogo do casal pode ser uma ajuda decisiva a esse processo de constante atualização frente ao que é novo. Refletindo e analisando juntos as coisas novas que surgem, os dois descobrirão o que podem aceitar e o que devem rechaçar. Saberão discernir e não confundir valores permanentes com valores provisórios, mantendo-se abertos ao novo, sem perder a riqueza do que lhes foi legado pelas gerações que os precederam.

A tentação da auto-afirmação

É um problema típico do mundo moderno. De um mundo desumano, no qual a ciência e a técnica se servem do homem em vez de servi-lo. Gera-se uma sociedade competitiva, em que predomina a dominação de uns sobre outros, com as consequentes atitudes de defesa e auto-

afirmação, quase inconscientes.

Então, o amor, que deveria ser o serviço ao outro, para ajudá-lo a crescer e realizar-se como pessoa, passa a ser uma forma de auto-afirmação e conquista. Pode levar a uma união marcada pela dominação de um e dependência do outro. Isso é mortal para o amor.

A realização pessoal, através do amor, não é fruto da posse ou domínio sobre o outro mas justamente o contrário. Cada um se realiza mais plenamente na medida em que é capaz de doar-se, apoiar o crescimento do outro, em suma, de amar de verdade.

A insegurança afetiva e emocional

Muitas pessoas amadurecem intelectualmente, na profissão, na vida social... mas permanecem crianças ou adolescentes na vida afetiva. Sentem-se inseguras no amor, incapazes de controlar suas emoções diante de situações críticas.

Essa insegurança é vencida pela vivência do amor, naturalmente. É um lento processo de amadurecimento. Esse processo é alimentado pelas manifestações simbólicas de carinho, de atenção, de ternura, de admiração, do prazer de estar juntos. E de modo muito especial pela expressão sexual do amor.

Tudo o que se realiza como expressão explícita de amor, por amor e com amor, faz crescer a capacidade de amar e vence a insegurança afetiva. E a paz que resulta desse processo de crescimento, torna o casal mais seguro emocionalmente, mais capaz de enfrentar situações difíceis que certamente surgirão em suas vidas.

Solidariedade

A solidariedade não pode faltar nas relações e na vida social do casal.

Ainda que um perceba que o outro se meteu em apuros por imprudência mantém-se solidário.

Haverá o momento propício para a crítica, depois. Mas na hora em que prevalecem as emoções, no calor dos acontecimentos, a solidariedade não deve faltar.

Aquele que errou estará mais aberto à crítica cordial, no momento certo, por reconhecer que na hora da crise não lhe faltou solidariedade de quem agora o critica.

Uma forma mais sutil de solidariedade é o elogio com que um exprime ao outro a sua admiração por suas qualidades ou por algo bom que tenha feito.

Essa admiração frequentemente existe. Apenas não é expressada por palavras. E isso faz falta. Incentiva e causa prazer, desde que sincera e espontânea. Depende, portanto, de um hábito desenvolvido, que se incorpora à convivência do casal. Não é uma estratégia para agradar mas uma manifestação transparente de sentimentos, muito natural e construtiva.

• *Como as diferenças de temperamentos podem estar influenciando as nossas relações no casamento e na família? Podem ser destrutivas? Construtivas? Incômodas? Criativas?*

• *E a diferença de mentalidade? Da maneira de ver o mundo? Das preferências políticas e ideológicas?*

• *Ao longo da vida conjugal e familiar, temos percebido mudanças de mentalidade de um ou de outro, dos filhos?*

• *Há dificuldades de relacionamento por diferença de níveis de maturidade?*

• *Que atitudes, comportamentos e ações contribuem para o desenvolvimento da maturidade pessoal, social, afetiva? E outras que retardam esse processo de amadurecimento?*

• *Há vícios e desvios de comportamento comuns nas famílias que conhecemos em nossa cidade? Exemplos. Como repercutem na vida das pessoas?*

• *Como podemos apoiar famílias em crise, na superação de suas dificuldades?*

O ajustamento de duas sexualidades

A sexualidade não é uma dimensão autônoma da vida a dois.

O ajustamento sexual é parte do ajustamento sexual, é parte do ajustamento global de duas personalidades que se adaptam a uma vida em comum sem se anularem.

Daí uma certa fragilidade desse ajustamento sexual, muito sensível ao estado de ânimo dos dois e à qualidade do seu relacionamento, em cada momento da vida conjugal. Qualquer desentendimento, preocupação ou cansaço demais podem perturbar, pelo menos momentaneamente o ajustamento sexual.

O inverso é verdadeiro. Tudo o que contribui para o bom ajustamento e o crescimento do amor dos dois também predispõe para uma plena harmonia sexual, transbordante de prazer e alegria. O ato sexual assim realizado, por sua vez, alimenta o crescimento do amor.

Por isso, esse dinamismo próprio da vida do casal merece a maior atenção e cuidado, para não se esvair ou cair na rotina.

Filhos: responsabilidade saborosa e... complicada

... "e então se casaram tiveram muitos filhos e foram felizes para sempre".

Assim terminavam, invariavelmente, as açucaradas histórias de amor de antigamente.

Pais orgulhosos de sua fecundidade exibiam, então, a clássica "escada", cujos degraus mais altos já produziam os primeiros netos antes dos mais baixos aprenderem a andar.

Muitas coisas mudaram, desde então.

Hoje, já não basta produzir filhos e alimentá-los até que se transformem em braços para o trabalho. É preciso garantir-lhes uma educação cada vez mais sofisticada para que se possam realizar plenamente como pessoas humanas, num mundo dominado pela ciência e pela técnica.

O apartamento pequeno, os salários apertados, o tempo absorvido por encargos e responsabilidades fora do lar, geram dificuldades para que o casal possa ter um número elevado de filhos.

A tudo isto, soma-se o egoísmo de muitos pais, que não querem saber de repartir com filhos o conforto que sonham possuir.

O casal generoso e equilibrado não se deixa levar pelo egoísmo, mas usa de modo responsável a sua própria fecundidade.

Aceita o número de filhos aos quais possa garantir um adequado desenvolvimento físico, intelectual e espiritual.

Ele sabe que a fecundidade plenamente humana não se mede pelo

número de filhos. Casais sem filhos podem realizar uma invejável fecundidade, na medida em que são capazes de crescer, pelo casamento e transbordar, aos outros, as mesmas possibilidades de crescimento.

Por isso, é tão desumano rejeitar a paternidade por egoísmo, como exercê-la de modo irresponsável.

Como dimensionar, então, a família?

É preciso considerar o bem dos pais, dos filhos que já nasceram e daqueles que irão nascer.

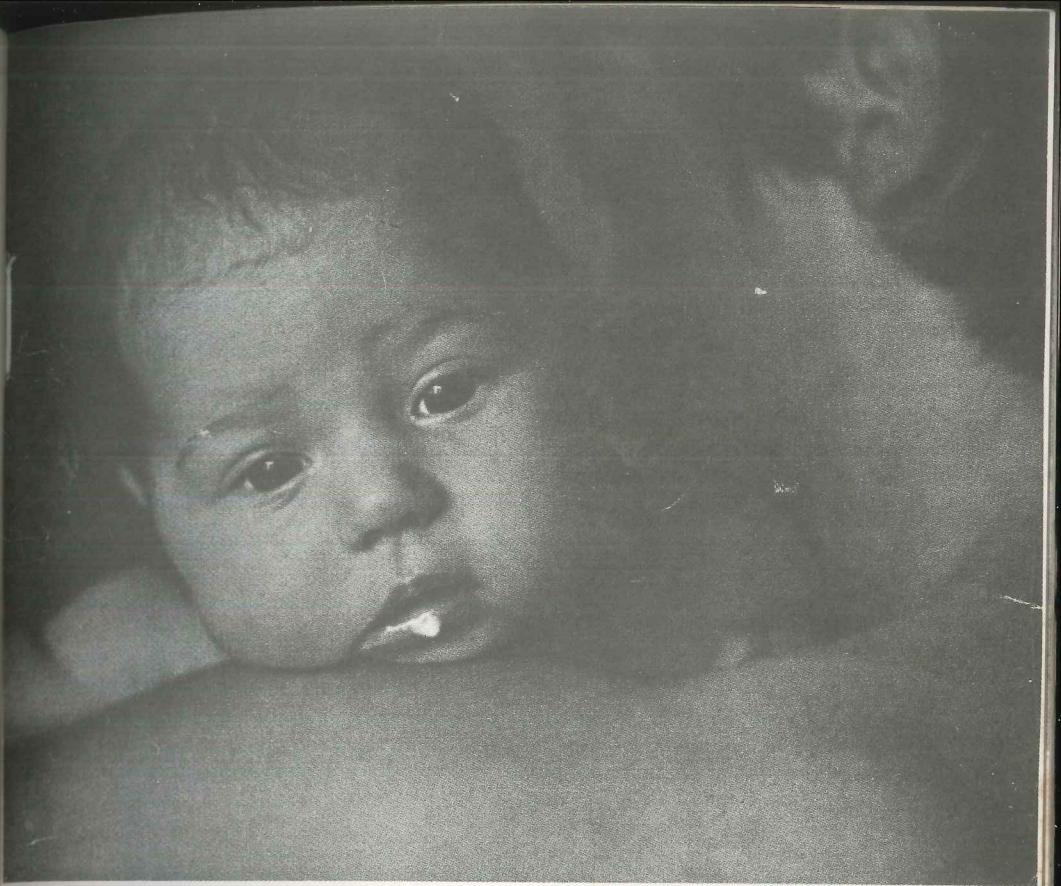
Família muito reduzidas tornam-se, muitas vezes, incapazes de assegurar um clima afetivo e emocionalmente equilibrado para o desenvolvimento integral dos filhos.

Um número de filhos maior talvez assegurasse, ao casal, melhores condições para o seu pleno desenvolvimento.

Famílias excessivamente numerosas, se os pais não dispõem de recursos financeiros mínimos, saúde física e psíquica, e disponibilidade de tempo compatível com as necessidades dos filhos, poderão ter problemas sérios.

A legião de menores abandonados, gravíssimo problema social das grandes cidades, é gerada, em parte, pela paternidade exercida, de modo irresponsável, ou por ignorância.

Sem um mínimo de convivência familiar, de educação e alimentação saudável, sem um ambiente afetivo e equilibrado para se desenvolverem, os filhos não terão condições para se formarem como pessoas humanas e



se ajustarem socialmente.

Assim, o planejamento do número de filhos deve ser livre e consciente, responsável e generoso.

É neste sentido que também a Igreja recomenda aos casais que a procriação não seja instintiva, mas que saibam interpretar conscientemente o plano de Deus.

Assim, caberá ao casal decidir o número de filhos que pode e deve ter.

Tal decisão não pode ser imposta por quem quer que seja.

O problema demográfico não apresenta características que justifiquem tal imposição que viria a interferir, de modo intolerável na liberdade do casal.

A população da América do Sul não atinge a 15 habitantes por km^2 , e no Brasil a densidade demográfica é de 17 habitantes por km^2 . Nem o Brasil nem a América Latina terão no ano 2000 a densidade demográfica que tem hoje a França, com 87,5 hab/ km^2 . O problema demográfico não é, pois justificativa na América Latina para controle de natalidade. É preciso que se dêem condições de vida ao povo, trabalho, alimentação, mais comida e não menos comensais.

O filho que chega

Aceitar o filho que vem reforçará

os laços que unem o casal. Desejar o filho é o primeiro passo necessário para a sua formação integral.

A psicologia tem localizado muitos problemas no desenvolvimento emocional da criança, na rejeição da mãe ao filho, durante a sua vida intrauterina.

Desejando-o, já inicia, a mãe, o processo que formará no filho uma pessoa humana integral; isto exigirá amor, dedicação e também conhecimento de alguns elementos básicos da psicologia infantil.

Educar é a mais exigente das tarefas humanas.

A inteligência da criança se manifesta bem cedo

Nos três primeiros meses de idade ainda não se percebem manifestações de inteligência.

Observam-se apenas emoções primárias, reações afetivas subordinadas a estímulos sensoriais: capacidade de tato, movimentações preliminares de lábios, pernas, braços e mãos. A visão vai, aos poucos, se formando mais nítida, secundada pela audição, que a vai capacitando a diferenciar sons.

A memória da criança pouco registra, a princípio; com o tempo, entretanto, vai-se desenvolvendo pela aquisição progressiva de idéias, em exercícios associativos.

Surge a curiosidade infantil

É a força que polariza os valores da inteligência, ansiosa por funcionar.

E a criança estranha tudo, pouco se admira, às vezes se assusta.

Familiariza-se com as pessoas mais próximas e constantes, e com

objetos mais simples; despreza os mais complicados, ou faz deles uma idéia singela.

Começa a lutar pela conquista de mais espaço, e procura, timidamente a princípio, a verticalidade. Isto exigirá intermináveis tentativas e esforços, êxitos e fracassos.

Ocorrem as primeiras tentativas de produzir sons intencionais e característicos.

Com o tempo começará a falar.

Produz e reproduz imagens, já começa a desejar alguma coisa que não está à vista.

Já abstrai o nome e a forma.

Procura satisfazer sua idéia de posse. Possuir causa-lhe euforia que, de certo modo, lhe enriquecerá a personalidade.

Desde o terceiro mês, a criança já dá início à fase das observações sobre fatos e exigências da vida familiar. Começará sua integração ao ambiente doméstico.

A criança e o ambiente

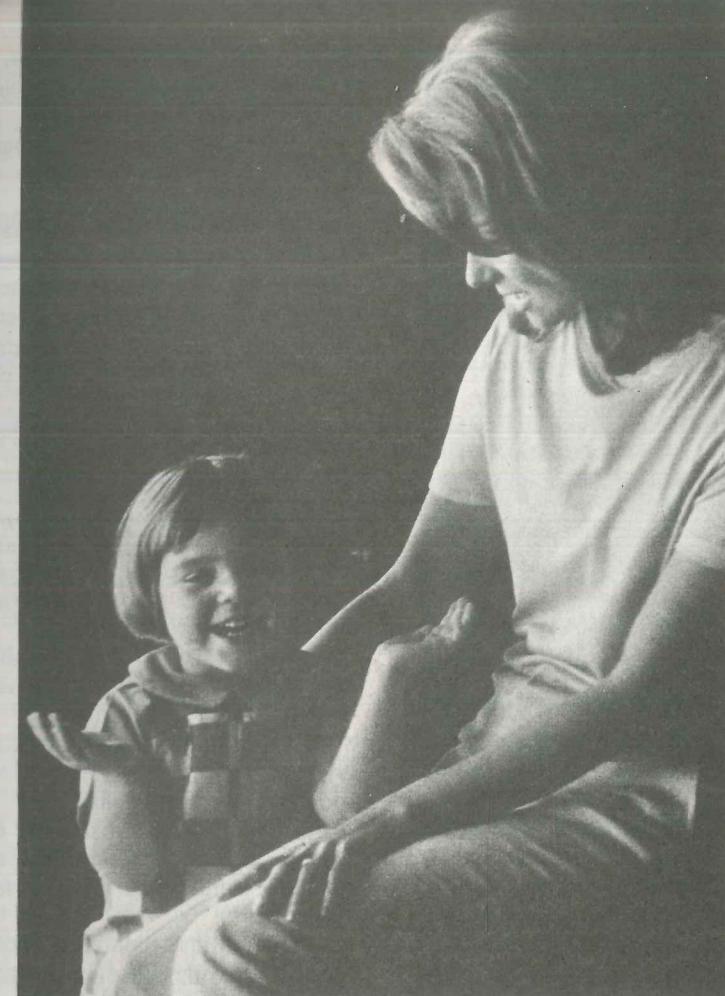
São indiscutíveis as influências do ambiente natural sobre a apresentação física e o regime psicológico dos indivíduos, além das influências do meio psicológico sobre a pessoa, desde o início de sua vida.

Não há, evidentemente, um determinismo absoluto do meio, tal a capacidade do homem em superá-lo, eximir-se dele e, principalmente, de modificá-lo.

São, entretanto, poderosas aquelas influências.

No recém-nascido encontram-se afetividades, extremamente rudimentares, sujeitas a rápido desenvolvimento.

Pouco a pouco, vai a criança despertando de seus longos sonos e assim começa a entrar em contato



Abri Press

mais duradouro com o ambiente.

Diminuem sua reações negativas e definem-se movimentos voluntários, dirigidos aos objetos, que demonstram seu poder de investigação, já despertado.

São, entretanto, evidentes as limitações psicológicas do recém-nascido: o seu cérebro não alcançou, ainda, estruturação completa.

Ao momento do nascimento, o desenvolvimento do cérebro humano é inferior ao dos animais irracionais, embora já existam na criança os ele-

mentos principais para as faculdades psíquicas superiores que irão caracterizar o adulto.

Realmente, o ser humano, ao nascer, é menos protegido, menos apto para sobreviver no ambiente natural que os animais.

Progride, lentamente, mas ganha muito em qualidade. Demonstra logo ser superior. Já ri. Logo pronunciará os primeiros sons representativos de idéias. Aos seis meses poderá sentar-se. Depois irá aprender a se locomover e a indagar a res-

peito do que lhe chama a atenção. Surgem simpatias e antipatias, preferências e repúdios a pessoas e coisas.

Nesta fase de conquistas intelectuais, ampliam-se as influências do ambiente natural sobre a criança.

Sua harmonia psíquica dependerá, muito, das atitudes dos pais e das outras pessoas que vivem no ambiente.

Mães medrosas transmitirão seus receios aos filhos.

Ou, mal orientadas, poderão até ser tentadas a estabelecer, para a criança, vinculações tolas de fenômenos naturais e forças sobrenaturais.

Dizer entre duas cargas de trovoadas que "Deus está zangado!!!!" ou que "isto é castigo de Deus por nossas faltas!!!!", além de ser uma irreverência, pode predispor a criança a angústias mais ou menos duradouras, de resultados imprevisíveis em sua vida ou nas suas convicções religiosas futuras.

A higiene e a ordem no lar, a instrução e harmonia dos pais ou circunstâncias exercerão efeitos favoráveis no desenvolvimento psíquico da criança. O bom ajustamento conjugal e o amor que une os pais serão o fator principal do harmonioso desenvolvimento emocional dos filhos, já na primeira infância.

Que pensa a criança dos adultos

Ao observarmos a influência do comportamento dos circunstâncias na vida da criança, estamos diante da influência, não mais do simples ambiente físico, mas do meio psicológico.

Esta influência ocorre, inclusive, em função da pessoa que a sofre: num mesmo acontecimento duas

pessoas poderão experimentar, simultaneamente, condições psicológicas diversas e até contrárias.

Tal influência coloca os pais e educadores diante de enorme responsabilidade:

- a de proporcionar, à criança, estrutura e condições psicológicas capazes de garantir-lhe eficiência e normalidade no ambiente - físico ou psicológico - uma vez que a vida inteira decorre em ambientes dos quais participa necessariamente.

Se os adultos lhe são familiares, não lhe causam maior ou menor impressão. Aceita-os como são.

Quando ocorre que, por sua insuficiência pessoal, seja incapaz de resolver um problema, recorre ao adulto, certa de que ele poderá satisfazê-la.

Há nessa esperança um elogio implícito ao adulto e até, às vezes, certa benevolência.

Se os adultos fossem o que as crianças supõem que sejam, viveríamos num mundo mágico.

A imaginação da criança completa o desconhecimento das realidades e se ajusta às mais belas fantasias.

Quando os adultos lhe contam histórias maravilhosas, em que bichos conversam, príncipes e princesas encantadas lidam com tesouros e lâmpadas mágicas, não estão abusando da ingenuidade e imaginação da criança, mas respondendo exatamente às suas aspirações, até, necessidades.

E um dos fortes choques morais a que está sujeita a criança é descobrir que o belo, o forte e o rico, nem sempre coincidem com o nobre, o sábio e o bom.

Por admirar as pessoas grandes, as crianças têm o impulso de imitá-las em seus gestos, hábitos, linguagem e reações.

O adulto tem que tomar cuidado na presença da criança e não se iludir com a idéia errada de que ela não pode entender o que presencia.

Relações com irmãos e outras crianças

É comum perceber-se a contrariedade do primogênito à vinda do segundo filho.

Retraimento no apetite, falta de sono, choro frequente e sem motivo aparente são alguns dos sintomas dessa oposição.

Pode chegar a maltratar o irmão mais novo, embora no fundo lhe tenha afeto.

Os pais devem ser vigilantes nessa época de crise.

Evitar manifestações exageradas de carinho e atenções para com o caçula, diante do primogênito, que irão acirrar o espírito de rivalidade que já estará formado.

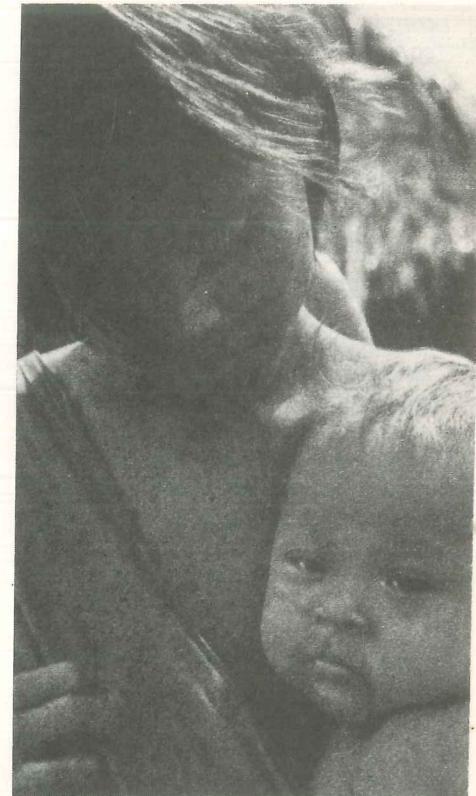
Procurar dividir em partes iguais as suas atenções dando, ao filho mais velho, a segurança de continuar a merecer o carinho dos pais que, até então, lhe era exclusivo.

Já com os amiguinhos não surgem, habitualmente, problemas dessa natureza.

A primeira tendência da criança, depois das curiosidades preliminares satisfeitas, é aproximar-se da outra, estabelecer relações de amizade, muito cordiais e espontâneas. Segue-se a co-participação nas brincadeiras, mas nem sempre dos brinquedos: a idéia de posse costuma ser forte na criança.

A criança deseja toda a atenção das pessoas que a cercam, atenção esta necessária à afirmação do seu "inconfundível" valor pessoal.

Não devem, porém, os pais estimular a criança a superestimar-se,



o que fazem, por exemplo, quando, diante delas, contam, com habitual exagero, aos amigos, suas proezas e habilidades.

Relações com os pais

São as forças de hereditariedade, somadas aos caracteres personalísticos e aos efeitos da educação, que formarão a situação de intimidade, estabilidade e respeito nas relações familiares.

Tais afinidades se desenvolvem desde a mais tenra idade.

O afeto que liga os pais aos filhos é muito diferente de qualquer outro sentimento.

A criança, logo que possa manifestar-se, retribuirá a afeição dos pais

com um agitar de mãos ou um sorriso, por volta do seu 3º mês, quando vir o rosto familiar de seus pais diante de si.

As manifestações anteriores eram inexpressivas, quase exclusivamente instintivas.

A partir de então serão cada vez mais constantes e conscientes as relações entre filhos e pais.

Se, por esse motivo, tornarem-se os pais excessivamente atenciosos, cuidadosos e dedicados à criança, poderão prejudicá-la, colocando-a, cada vez mais, em posição de dependência, aumentando seu sentimento de necessidade, de inferioridade, embora seja positiva e favorável a idéia de segurança que tais atenções paternas sugerem à criança.

Expressões como: "Cuidado! Você vai se machucar", ou "Deixa que eu faço isso; você ainda não sabe fazer" – impedem a criança de realizar as tentativas naturais de treinamento, fazendo que se entregue, cada vez mais à proteção do adulto.

Igualmente prejudiciais são as representações irritadas ou violentas às crianças que não tiveram êxito em suas travessuras: quando cai da escada, ou se machuca ao correr ou, ainda, quando quebra o vidro, jogando bola.

O rigor da repreensão pode fazer a criança tímida, inibida – ou levar a criança à rebeldia e à revolta.

É, portanto, hábil e útil, que os pais permitam as iniciativas da criança, garantindo-lhe os cuidados e instruções não ostensivas, dando-lhe a oportunidade de experimentar a euforia do êxito, para o qual não precisou de ajuda paterna.

Por outro lado, é típico o caso da criança que se aproveita de situações que provoquem o cuidado e o interesse dos pais, de modo a atrair sobre si uma atenção toda especial.

Exemplo: – os pais que, desprevidos, demonstram um interesse exagerado pela alimentação dos filhos, fazendo das refeições um verdadeiro "combate".

A criança obstina-se em recusar o alimento, mostrando-se enfadada tanto mais quanto maior o interesse demonstrado pelos pais.

A aflição que estes demonstram fará a criança se tornar irredutível e caprichosa.

Se os pais simularem o desinteresse e despreocupação, cessará, depois de algum tempo, a resistência e a criança passará a demonstrar o apetite normal.

Às vezes o problema é insuperável, por não conseguirem os pais modificar sua atitude, pois vivem imaginando que seus filhos estão doentes por não quererem comer. Passam a atormentá-los, obrigando-os a se alimentar à força, sob ameaças – ou, ao contrário, em troca de recompensas.

Muitos pais acompanham religiosamente os calendários do desenvolvimento físico da criança. Perdem noites de sono porque a criança ainda não se senta perfeitamente no 6º mês; ou não fica de pé no 9º mês; ou não fala, aos três anos, tão bem quanto o vizinho.

Só um especialista poderá determinar se tais "atrasos" são normais ou anormais; geralmente não justificam a insônia dos pais.

Os castigos e as violências

O impulso de punir os filhos é, às vezes, fruto de convicção paterna de que o castigo é necessário.

É claro que, se a punição física é acidental e se limita a uma palmada de simples efeito moral, o resultado não parece ser de grande importân-

cia.

Mas não se admite, sob o ponto de vista psicológico ou educacional, o espancamento. E isto pode ocorrer quando os pais se descontrolam sob determinadas condições psicológicas.

Se a isto se somar o desejo de atemorizar a criança, completa-se plenamente o erro.

Pior, ainda, se o castigo físico se faz com algum instrumento – chinelão, vara, etc. – que por si só aumenta a humilhação causada pelo castigo.

O drama moral das crianças, vítimas dos processos de punição corporal violenta, supera a simples contrariedade e desgosto decorrente do castigo. Produz uma insuportável condição psicológica em que a vítima ainda reluta contra o juízo negativo que, aos poucos, vai fazendo a respeito dos pais.

E o pior é que, em função da autocritica, passa a julgar-se má. Daí

ao "complexo culposo" há apenas um passo.

Produzem, também terríveis efeitos as cenas de violência entre os pais.

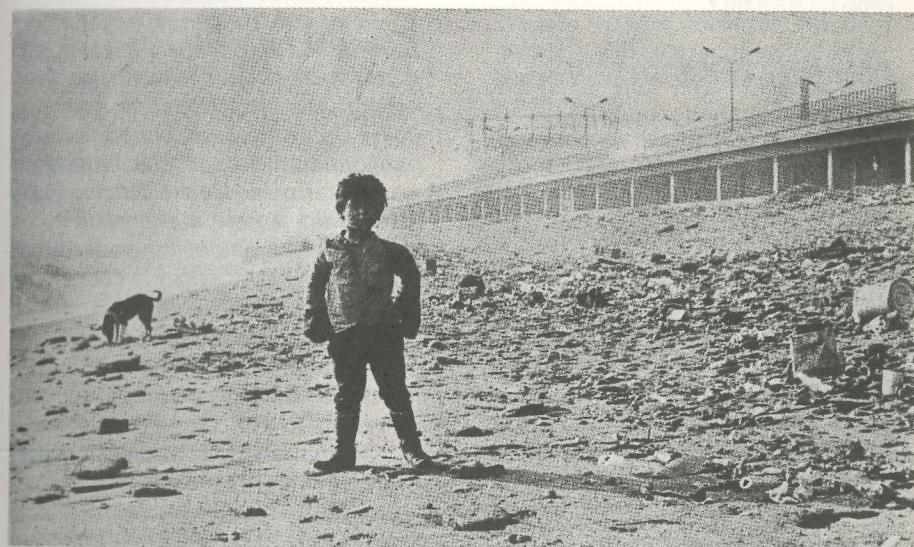
A maioria deles pensa que seu filho não é capaz de compreender e fixar esses fatos desagradáveis.

É um engano grave.

A criança amargura-se diante dos problemas paternos que teste-munha. Sente-se confundida em suas convicções quanto à idéia benévolente que fazia dos próprios pais.

São momentos que se fixarão em sua mente, com repercussões futuras em sua personalidade e no seu comportamento de adulto.

Alguns casos de resistência e angústia, principalmente em relação ao casamento, têm causa em desentendimentos e violências presenciados na infância.



• A maioria absoluta das crianças não dispõem de condições mínimas de alimentação, habitação e convivência familiar para o desenvolvimento harmonioso e equilibrado da personalidade. Que fazemos de concreto para mudar essa situação?

Guia de Leitura dos Evangelhos

Fr. Clodovis M. Boff, O.S.M.

I. Perfil de Cristo no Evangelho de Marcos

Introdução

• É tido como o **primeiro** evangelho escrito (entre 65-70). Mateus e Lucas têm esse evangelho debaixo dos olhos quando escrevem o seu.

• Marcos foi **secretário** de Pedro e redige as memórias deste.

• O estilo é o de um homem do **povo** que escreve para o povo, com uma linguagem rica de detalhes, mas pobre de palavras. Ex.: Mc 8,22-26: o cego de Batsaida.

Cristologia de Marcos

1. Jesus aparece com traços muito humanos

• A figura de Jesus é vista de modo singelo e imediato, sem elaborações doutrinárias maiores. É o Cristo de Pedro.

• Marcos descreve Jesus sentindo toda a gama dos sentimentos humanos:

– compaixão para com o leproso (1,41), seguida de cólera;

– cólera e tristeza frente ao endurecimento dos corações (3,5);

Este guia de leitura é um esquema utilizado pelo autor como teólogo em cursos de cristologia para leigos e agora oferecido aos movimentos para suas atividades de formação.

64

– surpresa com a incredulidade dos nazarenos (6,6);

– irritação com os apóstolos (10,14);

– gemidos e suspiros (7,34 e 8,12);

– abraço às crianças (9,36 e 10,16);

– amor ao jovem rico (10,21).

NB: Esses traços só se encontram em Marcos. Mt e Lc os deixam fora. Eles enfatizam um modelo de Jesus iracundo e severo.

• Mc mostra Jesus tentado: no deserto (1,12-13), por Pedro (8,33), pelos fariseus (8,11 e 12,13), no Jardim das Oliveiras (15,38).

• Jesus aparece também ignorando o dia do fim (13,32), impotente para fazer milagres em Nazaré (6,5), não-competente para conceder os lugares da direita e da esquerda no Reino (10,40), “gritando com voz forte: Eloi, Eloi...” (15,34).

2. Jesus é o homem das multidões

• Há um verdadeiro atropelo das massas em torno de Jesus:

– O povo se apinha nas casas, entupindo até a porta, obrigando o paralítico a descer pelo telhado (2,2);

– Jesus é obrigado a subir numa barca para não ser esmagado pela multidão (3,9; também 4,1. Ver todo 3,7-12);

– O movimento do povo impede Jesus e os discípulos até de comer (6,31; também 3,20). O povo “perseguir” Jesus. O qual é obrigado a fazer o milagre da multiplicação dos pães (6,32-44);

– Jesus vai à casa de Jairo curar-lhe a filha e a “multidão o compõe” de todos os lados (5,21-43, esp. 21,31,38).

– Ver também as massas na Páscoa: entrada de Jesus (11), julgamento perante Pilatos (15).

• Por que esse assédio? É o “carisma” de Jesus, seu poder de atração, sua “autoridade” (1,22 e 27; cf. 11,27-33). Daí a **forte impressão** que Jesus deixa (1,22; 2,12; 5,20; 6,2; 10,26, 11,18; 12,37). Daí também sua **fama** (1,28 e 45; 6,14: “O rei Herodes ouviu falar de Jesus...”).

3. Jesus é o Messias escondido – o Filho do Homem

Ele é o portador do Reino. Por isso **enfrenta Satanás** em luta gigantesca. Esta figura sinistra aparece 12 vezes em Mc. (cf. cap. 1). O Reino de Jesus se contrapõe ao Anti-reino do Diabo (3,22-30).

• Mas surge aqui a questão do “segredo messiânico”. Há uma dúzia de passos em que Jesus proíbe que digam ser ele o Messias (1,25,34,44; 8,26,30 etc.). Só diante do Sinédrio Jesus se declara abertamente o Messias (24,61). As vezes a imposição do segredo messiânico parece meio forçada (5,39-43; 7,36).

• Como explicar isso? Existe aí uma **tensão dialética** entre a proibição e a revelação. Era para educar o povo a superar a idéia de um Messias dominador pela do **Messias das dores**.

• Em vez de Messias, Jesus usa para si o designativo: “Filho do Ho-

mem” (14 vezes. Ver esp. 8,29-31: contraste). É um título messiânico (Dn 7), mas que sublinha o lado humilde do Messias.

• Por isso mesmo, durante sua vida mortal, Jesus aparece como um grande **incompreendido**, mesmo por seus discípulos (4,13,41, etc. Ver esp. 8,14-33). Só a fé pascal abre o “mistério de Jesus”.

4. Jesus é o Filho de Deus

• Essa declaração aparece em 4 momentos fortes: Batismo (1,11), Transfiguração (9,7), Sinédrio (14,62) e Morte (15,39).

• Está no título que abre o livro de Marcos: “Começo da Boa-Nova de JC, Filho de Deus” (1,1). É o núcleo central da fé cristã.

• De fato Jesus não costuma se declarar Filho de Deus, mas se *comporta* como tal: perdoando os pecados (2,5), tratando a Deus de “Abba” (14,36), fazendo milagres em nome próprio, considerando-se o “filho bem-amado” do dono da vinha (12,6).

• Os demônios confessam Jesus como Filho de Deus (3,11; 5,7; 1,24: “o Santo Deus”).

5. Jesus é o Redentor

• Redentor: o que redime, resgata a humanidade. É o sentido soteriológico (salvífico) da morte de Jesus. Essa doutrina será desenvolvida por S. Paulo. Em Marcos só temos alusões, e apenas duas:

– 10,45: “O Filho do Homem veio para... dar a vida em resgate por muitos”;

– 14,24: “Este é o sangue... da Aliança, derramado por muitos”.

II. Perfil de Cristo no Evangelho de Mateus

Introdução

• O autor é o Apóstolo, chamado também Levi (Mt 9,9-13).

• Escreve para os judeus convertidos à fé cristã. Daí suas referências ao Antigo Testamento (mais de 70 vezes!). E também seu vocabulário (Reino dos céus, em vez de Reino de Deus).

Cristologia de Mateus:

1. Jesus é o Messias prometido, o realizador da Esperança humana

* Está no primeiro versículo de Mt: "Livro das origens de J.C., Filho de Davi..." (1,1). Depois vem a ascendência de Jesus, mostrando que ele pertence à árvore genealógica de Davi através de "José, o esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, chamado Cristo" (1,16). Pois era sobre Davi que repousavam as esperanças messiânicas, segundo as promessas de Deus (1Sm 7) e as profecias (22,41-46).

• Mt insiste que Jesus realiza as profecias. Por 10 vezes aparece uma fórmula assim: "A fim de que se cumprisse o que o Senhor tinha dito pelo profeta" (1,22; 2,5.15.17.23; 4,14; etc.).

2. Jesus é o novo Moisés, o Legislador do novo Povo

• Como Moisés fez 5 grandes Discursos no Deserto (segundo o Deuteronômio), assim também Je-

sus, em Mt. O Sermão da Montanha (5-7) é a "nova lei", que lembra a "antiga lei" dada a Moisés sobre a outra montanha - o Sinai (5,1).

• Jesus não vem suprimir, mas realizar, completar e superar a Antiga Lei. Jesus é o "consumador" do A.T. (5,17-20: "Não penseis que eu vim abolir... mas cumprir", etc.). Por isso Mt insiste na validade (relativa) da antiga Lei (23,3: "Fazei o que eles vos dizem"; 24,2: "Orai para que não seja em dia de sábado; etc.).

• Jesus é o soberano, que está acima de tudo. Ele é "o maior":

- maior que os *Profetas* (12,41: Jonas);

- maior do que os *Reis* (12,42: Salomão);

- maior do que *Moisés e a Lei* (5,21, etc.: "ouviste o que foi dito..."; Jesus corrige a Lei: 15,11: puro e impuro; 19,8: divórcio);

- maior do que o *Sábado* (12,8);
- maior do que o *Templo* (12,6).

• Jesus é o **Mestre Supremo**. O Rabino equilibrado e prudente. Ele procura sempre dar o sentido correto da mensagem, esclarecendo as ambiguidades através de pequenos acréscimos. Ex. "pobres de espírito" (5,3); "fome e sede de justiça" (5,6); falar mal, *mentindo* (6,33); O "fermento dos fariseus" é "sua doutrina" (16,12), etc.

• Por sua grandeza misteriosa, Jesus impõe respeito: ao Batista (3,11,14), ao centurião (8,8), à mulher de Pilatos (27,19: "justo"), etc.

3. Jesus é o construtor da Igreja, o verdadeiro Povo de Deus

• Nova Lei - Novo Povo. Primeiro Israel, depois a Igreja.

• Mt é o único que traz a palavra "igreja". E isso por 2 vezes:

- "Sobre esta pedra, edificarei a

minha Igreja" (= novo Povo) (16,18);
- Diga-o à Igreja" (= assembléia reunida) (18,17).

• Ver todo o cap. 18: "Discurso eclesiástico". É a "Regra da Igreja": como os cristãos devem viver em comunidade: amor aos pequenos, correção fraterna, oração em comum e perdão sem limites.

• A Comunidade de Jesus (igreja) substitui a Comunidade dos fariseus (sinagoga). Esta, em vez de acolher o Messias, o rejeitou. Tornou-se uma "figueira estéril" (21,18-19). É como os vinhateiros que foram privados da vinha (21,33-46). Ou os convidados que não compareceram ao banquete do casamento do filho do rei (22,1-14).

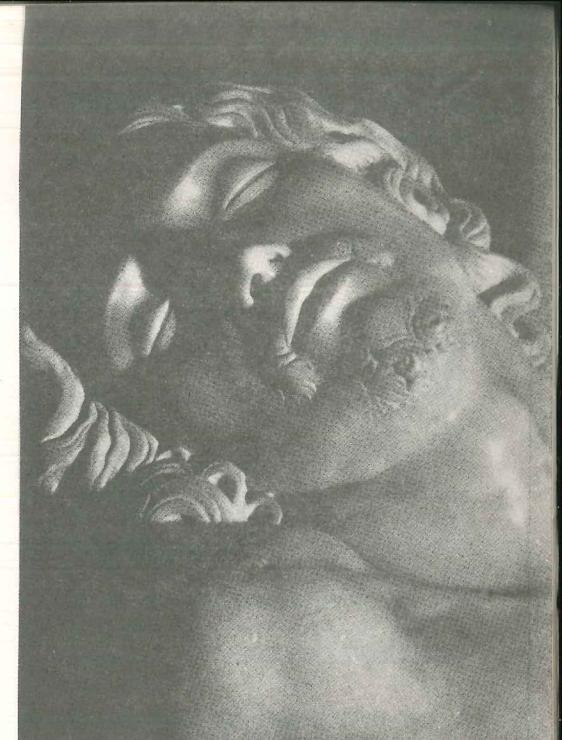
• Por isso o estilo de vida da Igreja está em *contraste* com o da Sinagoga. Ver as *indignadas denúncias* do cap. 23: "Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas" (8 vezes). A Comunidade de Jesus tem 'mestres', etc." (23,8-11).

• Ver também a vigorosa *expulsão do templo* (21,12-17).

4. Jesus é o Salvador dos homens, e Salvador universal

• O nome de "Jesus" (YSH = *Yehosduah* ou na forma abreviada: *Yeshuah*) significa: *Javé salva*. "Tu lhe darás o nome de Jesus porque *salvará* seu povo de seus pecados" (1,21). Na Bíblia, o nome indica a missão. NB: "Salvar" é realizar a vocação e o destino da humanidade, que é a comunhão com a vida divina, na glória de ressurreição.

• Como Salvador, Jesus é também o **juiz escatológico**. Ver 7,22-23; "Muitos me dirão naquele dia... Então eu lhes direi...". Também Mt 25,31-46: "Quando o Filho do Homem vier em sua glória..." A salvação eterna passa pela solidarieda-



de com os "mais pequenos" já neste mundo. Já no texto 10,32-33 ("Quem me confessar diante dos homens..."), Jesus mostra que é necessária igualmente a solidariedade pública com sua pessoa.

• Mas Jesus é o Salvador de **todos** os povos. É o que significa a "estória" teológica (*midrash*) da "visita dos magos" (2,1-12). Ver também as parábolas citadas acima, do "povo" que substitui os vinhateiros (21) e dos que "estavam nas praças de onde partem os caminhos" e que acabaram participando do banquete de casamento real (22). Ver ainda 8,11-12: "Virão muitos do nascente e do poente tomar lugar na festa..." Mais: 15,21-28: a Cananéia.

• Por fim, temos o "Manifesto do Ressuscitado: "Ide, pois, fazei discípulos meus de todos os povos..." (28,18-20). Analisar o texto todo - verdadeiro condensado da cristologia de Mateus.

III. Perfil de Cristo no Evangelho de Lucas

Introdução

• Lucas é um companheiro de Paulo (seção-nós: a partir de Lc 16,10).

• A tradição diz que era médico (Col. 4,14).

• É um cidadino, de formação refinada. Tem o melhor grego do N.T.

• Escreve para os cristãos gregos. Pelos anos 80.

Cristologia de Lucas:

1. Cristo é o Senhor – e é “um senhor”

• Para Lc, Jesus é o Senhor (20 vezes; Mt e Mc: só 1 vez).

O esplendor de sua senhoria divina se reflete em seu porte humano.

Tem algo do “homem divino”, segundo o gosto dos gregos, seus leitores. Para ganhar seus leitores, Lc pinta Jesus como um homem digno, distinto e perfeito. Senhor majestoso, olimpiano (ex. 7,13; 4,20-22).

• Tudo o que podia chocar um grego, Lucas **cortou ou atenuou**:

– compaixão pelo leproso (Lc 5,13);

– carinho pelas crianças (Lc 9,47-48);

– indignação contra os apóstolos (Lc 18,16; comp. c/ Mc 10,21), etc.

• A Paixão de Jesus **não é tão humilhante** como em Marcos:

– no Getsêmani, Jesus se ajoelha, não cai (Lc 22,41);

– não existem cuspes, flagelação e coroação de espinhos;

68

– Jesus, em vez de gritar de modo lancinante, faz uma prece de entrega: “Em tuas mãos...” (Lc 23,46);

– o povo não zomba do agonizante, mas “bate no peito” (23,48);

– Jesus não parece abandonado: “Todos os conhecidos estavam lá, à distância”, homens e mulheres (23,49).

2. Cristo é o homem dos grandes perdões

• Jesus emerge como o “amigo dos homens”. Cheio de mais alta bondade. Ele é o Senhor das Misericórdias.

• As histórias de perdão mais comoventes do N.T. estão em Lc:

– a Pecadora que muito amou (7);

– o rico Zaqueu que se converte e opta pela partilha dos bens (19);

– a parábola do Publicano que foi “justiçado” e não o Fariseu (18);

– a insuperável trilogia do cap. 15: a ovelha desgarrada, a moeda perdida e o filho pródigo.

• Na cruz mesmo, Cristo perdoa o “bom ladrão” (23,43) e aos próprios inimigos, que zombam dele, moribundo: “Pai, perdoai-lhes” (23,34).

3. Cristo é o Messias portador da alegria e do louvor

• Os relatos da infância irradiam alegria. Só no cap. 1 essa palavra ocorre 5 vezes: 1,14.28.44.47.58). Ver também os 4 Cânticos nos 2 primeiros cap.: de Maria, de Zacarias, dos Anjos no Natal e de Simeão.

• No “programa messiânico” de Jesus (4,18-19), nada de “vingança”, como vinha na citação de Isaías 61,2. Lc vê a alegria mesmo no coração de Deus (15,7.10). Jesus também se alegra: 10,17-24.

• Em Lc encontramos palavras iluminosas, como “glorificar” (9 vezes), “bendizer” (13 vezes), “louvar” (3 v.).

• Para Lc, Jesus não é o começo nem o fim da história da salvação, mas seu **meio** (3,1-2: 17,20-21; 19,11). A Salvação começou antes de Jesus e segue depois (atraso da parusia).

4. Cristo é exemplo e mestre de Oração

• Lc apresenta 10 vezes Jesus orando. Ele ora particularmente nos momentos mais importantes de seu ministério:

– no Batismo, início da missão: 3,21;

– na escolha dos Doze: 6,12;

– antes da profissão de fé de Pedro: 9,18;

– na Transfiguração: 9,19;

– antes de ensinar o Pai Nossa: 11,1;

– no Getsêmani: 22,40-48;

– antes de expirar: 23,46.

• E Ele **ensina a rezar**. Ver a “Seção de Perésia”: 11,2-13.

5. Cristo é o libertador dos pobres

• Notar sua “plataforma messiânica” (4,18-19) e a prestação de contas da mesma (7,21-22). Ele é o Messias dos Pobres.

• Proclama os pobres e todos os oprimidos “bem-aventurados” porque o Reino vem para libertá-los (6,20-22). Manda sempre privilegiar os pobres (14,13-14: “Quando deres um banquete...”). Insiste na **esmola**, como expressão de comunhão com os pobres: 11,41; 12,33.

• Ele mesmo nasceu pobre (Evangelho da Infância) e viveu pobre (9,58).

• Jesus é exigente na renúncia aos bens (14,33). Inclusive aos laços afetivos, incluindo a mulher (14,26; 18,29: só de Lc).

• Ele denuncia as **riquezas** como um perigo. Ver as duas importantes seções: 12,13-34 e 16,1-31. Denuncia também a sensualidade o hedonismo (7,25: “vestidos luxuosos”; 8,14: “os prazeres da vida sufocam a Palavra”; 21,34: “a devassidão... torna o coração pesado”).

• Jesus ataca vigorosamente os **ricos** “Ai de vós, ricos..., saciados..., que rideis...”, quando os homens vos elogiam” (6,24-26). Contudo, os ricos podem se salvar, na medida em que partilham seus bens, como Zaqueu (19), algumas mulheres de posição (8,2-3).

6. Cristo e as presenças femininas

• Lc é o evangelista que deu mais espaço às mulheres. Elas aparecem na vida de Jesus pelo menos em uma dúzia de passos:

– Maria, sua mãe: 1,42-35;

– Isabel: 1,25;

– Ana, a profetiza: 2,36;

– a viúva de Naim: 7,11-17;

– a Pecadora amorosa: 7,36-50;

– Madalena, Joana, Suzana e “muitas outras”: 8,2-3;

– Marta e Maria: 10,38-40;

– a anônima que louva Maria: 11,27-28;

– a corcundinha: 13,10-17;

– mulheres no caminho do Calvário: 23,27-31;

– mulheres no sepultamento e na ressurreição: 24,1-11.

– depois temos as mulheres das **parábolas**: a mulher do fermento (13,20-21), a que perdeu a moeda-jóia (15,8-10) e a viúva importuna (18,1-8).

IV. Perfil de Cristo no Evangelho de João

Introdução

• O autor é muito provavelmente (sem certeza total) o apóstolo João.

• Escrito pelos anos 100, João registra, portanto 60 anos de *meditação à luz do Espírito Santo*. "Evangelho espiritual", atualizado criativamente pelo Espírito. Aí Cristo fala não de modo jesuino (como nos Sinóticos), mas joanino. Nele não encontramos: a idéia do **Reino de Deus** (só em 3,35; 18,36), as **tentações** no deserto, o **Sermão da Montanha** e outros Discursos de Jesus (no lugar João põe outros discursos: 5; 17; etc.), muitas **parábolas**, muitos **milagres** (João só tem 7), transfiguração, ceia, agonia do horto, etc.

• Escrito na Ásia Menor (Éfeso) e dirigido a leitores instruídos, influenciados pela **gnose** (= doutrina da salvação pelo conhecimento).

Cristologia de João

1. Jesus é o que há de mais vital: Ele é a VIDA

• O Ev. de João é o mais cristocêntrico de todos. Os Sinóticos falam mais do Reino: João se interessa mais com o Senhor do Reino. Nele Jesus aparece como o **único e absoluto**. Tudo o que é vital na vida do ser humano João o aplica a Jesus:

– a **Vida**: 11,25 ("Eu sou a Resurreição e a Vida"); 16,5 ("Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida"). É Ele que dá a "água" da vida – o Espírito

70

Santo (cap. 4 e 7);

– o **Pão**: 6,35,48;

– a **Luz**: 8,12; 12,34-36 e 46;

– **Outras figuras** de Jesus: **Porta** (10,7,9), **Videira** (15,1,5), **Pastor** (10,11,14). **Rei** (18,37; 12 vezes aparece esse tema).

• Jesus é o **Juizo**: quem o acochea pela Fé já tem a vida e não é condenado; quem o rejeita, já rejeitou a vida e a salvação. É a "escatologia realizada"; o fim já se dá agora (cf. 3,18-21; 13,31-32, etc.).

• Por isso Jesus, obrigado a tomar posição, cria **divisão** (7,43; 9,16,41; 10,19). Em João temos o **dualismo ético** (não metafísico, como na gnose): luzes/trevas, vida/morte.

2. Jesus é o Filho de Deus: Ele é Deus

• Ele é chamado "Filho" por 23 vezes e chama a Deus de "meu Pai" por 35 vezes. No tempo de João a idéia de divindade de Jesus já era adquirida. Jesus está em comunhão única com o Pai. Forma uma coisa só com ele (10,31: "Eu e o Pai somos um"). Assim pode dizer: "Quem me vê vê o Pai" (14, 9; cf. 12,45). "Meu Senhor e meu Deus" – exclama Tomé (20,28).

• Notar também quantas vezes Jesus usa a fórmula "Eu sou" (a Vida, o Pão, a Luz, a Porta, etc.) que lembra o nome de Yahweh ("Eu sou Aquele que é"). E até em forma absoluta: "EU SOU" (8,24,28,58).

• Contudo, ele é sempre "o Filho" numa relação de dependência e obediência ao Pai. Por isso "nada faz sem o Pai" (cap. 5, esp. v. 18 e seg.).

• Os **milagres** de Jesus em João (semeia) apontam para Jesus, enquanto que nos Sinóticos (dynamen) apontam para o Reino (embora não se contraponham). Eles são os

sinais de sua glória (2,11; 11,4; etc.).

• O Cristo de João é todo irradiante de grandeza divina (muito mais que em Lucas). Ele é o "Rei oculto", mesmo processado diante de Pilatos, ao qual responde com a mais alta majestade (18 e 19), e mais ainda a cruz. O Crucificado de João não é o supliciado, mas o entronizado, o "elevado" (3,14; 12,32). Mais que nos milagres, é aí que brilha a glória de Jesus (13,31-32; 17,4). Para João, a cruz = trono.

• Mas a **humanidade** de Jesus não é anulada pela sua **divindade**. João procura sempre manter o laço íntimo de união entre as duas. "E o Verbo se faz Carne" (1,14). E como "carne" Jesus:

– sente cansaço (4,6);
– tem amizade (11,5);
– experimenta comoção e choro (11,35-38);
– perturba-se por Judas (13,21), pela "hora" da paixão (12,27), etc.

• Esse pensamento sintético se mostra também na questão dos **sinais/Mensagem** (ex. cap. 9) e dos **sacramentos/Espírito** (cap. 3 e 6).

Em João esses dois níveis são indissolúveis: sempre vão juntos.

3. Jesus é o grande Revelador: Ele é o VERBO feito Carne

• Os destinatários de João eram particularmente os "gnósticos" da Ásia Menor – que apreciavam um conhecimento secreto (hermetismo) como via de salvação. João lhes apresenta Jesus como o verdadeiro Mestre gnóstico, que conhece a Verdade e a revela ao mundo.

• "A Deus ninguém nunca viu. O Filho Unigênito que está no seio do Pai foi quem no-lo deu a conhecer" (1,18). Cristo é o grande Revelador do Mistério de Deus. É o "Illuminando" e o Iluminador por excelência.

• Por isso Jesus aparece como a "Luz do Mundo" (cap. 8 e 9); como a "Porta" ou o "Caminho" para a Verdade e a Vida (10 e 14).

• Cristo é o "Enviado"; 10,36, etc.). Ele é a face desvelada de Deus: "Quem me vê vê aquele que me enviou" (12,45).

• Isso se dá através da Palavra (7,16-17), dos "sinais" (milagres) (12,37) e sobretudo da "exaltação" na Cruz/Ressurreição (8,28). A Cruz assinala o grande meio-dia da Revelação. É a "hora", preparada e esperada (2,4; 8,20; 12-23,27).

• Qual é resposta dos seres humanos a esse Cristo que é a Vida, o Filho de Deus e o Revelador? Ela se resume nestas duas relações: **fé no Cristo** (para cima) e **Amor aos irmãos** (para os lados).

1º A FÉ, como atitude dinâmica de entrega e seguimento. A fé é o seu único caminho de acesso à Vida. "A obra de Deus é que creais no seu Enviado" (6,29). O objetivo final do evangelho de João é justamente este: "Estes sinais foram contados para que vós CREIAIS que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que crendo, tenhais a VIDA em seu nome" (20,31: primitivo último versículo do Ev. de João; depois veio o apêndice do cap. 21: aparição na beira do lago).

2º O AMOR FRATERNO. Ver 13,34-35 e 15,12-17: "Amai-vos uns aos outros". Isso especialmente na forma de serviço (cf. lava-pés: 13).

V. Perfil de Cristo no Apocalipse

Introdução

• Escrito provavelmente no tempo do imperador Domiciano (81-96), violento perseguidor dos cristãos, porque estes se opunham ao culto imperial (adoração do Imperador e dos deuses romanos).

• A linguagem do Apocalipse (= Ap) é toda tecida de **simbolismo**. Sua mensagem central é infundir a certeza da vitória final de Cristo e, com ele, de seus seguidores. A palavra "vencer" aparece af 15 vezes.

Cristologia do Apocalipse

1. Jesus é o Pantocrátor (Ap 1,5-8)

• Logo no início, Jesus é apresentado em alguns de seus atributos mais importantes:

- "a testemunha fiel" (viu perfeitamente o Plano de Deus e pode revelá-lo, mesmo a preço do sangue - o martírio),

- "o primogênito dentre os mortos" (o Ressuscitado);

- "o Príncipe dos reis da terra" (o Exaltado);

- o Redentor sacrificado (v. 5);

- o Juiz Universal, que virá para o Julgamento (v. 7);

• O v. 8, onde se fala do Pantocrátor (= todo-poderoso), se refere precisamente a Deus Pai. Mas a tradição cristã, como se exprime nos mosaicos bizantinos, viu Cristo no Pantocrátor. Assim temos as imponentes figuras de Cristo Patocrátor nas absides de muitas catedrais céle-

72

bres, como a Basílica de Santa Maria Maior, a de S. Paulo-fora-dos-muros, etc. De fato, como veremos, Cristo no Ap aparece sempre sob figuras vigorosas e triunfantes.

2. Jesus é o Filho do Homem glorioso (1,9-20)

• Ele aparece no meio dos "sete candelabros de ouro". São as igrejas particulares, em sua totalidade (= sete). Cristo "caminha no meio" (2,1) de suas comunidades perseguidas, para lhes infundir alento.

• "Filho do Homem" alude à misteriosa figura de Dn 7, que vem sobre as nuvens do céu. É o Messias rei e juiz do mundo. Seu aspecto era tão impressionante que o Vidente de Patmos "cai como morto".

- túnica longa até os pés = sacerdote;

- peito cingido com cinturão de ouro = rei;

- cabelos brancos como lã ou neve = eternidade;

- olhos como chamas de fogo = vê tudo;

- pés de bronze = firmeza;

- sete estrelas na mão direita = todas as igrejas;

- espada saindo da boca = palavra de Deus (Hb 4,13; Ef 6,17);

- rosto como o sol = majestade.

• **Auto-apresentação cristológica:** "Eu sou o Primeiro e o Último, o Vidente, estive morto... Tenho as chaves da morte..." (v. 18). O Vencedor da morte anima os estraçalhados da perseguição. Ele é o Vivente Eterno. Que dá aos vencidos de hoje a garantia da vitória.

• Em Ap 14, 14-16 aparece de novo a figura do Filho do Homem, mas já com função escatológica, isto é, a de realizar o julgamento final do mundo, representado como uma *coleita* (também em Mt 13,36-43).

3. Jesus é o Cordeiro imolado e vencedor (cap. 5).

• Essa figura aparece num momento patético do Ap.: frente ao choro de impotência e desolação do Vivente, aparece o Cordeiro, que abre o "Livro do Destino do Mundo". É o Revelador e Executor do Sentido da História. Ele é Redentor, Mediador e Senhor da História.

• Cordeiro: lembra o Cordeiro pascal, cujo sangue salvou os Hebreus da destruição (Ex 12) e a figura messiânica do Servo sofredor, comparado a um Cordeiro (Is 53,4.7).

• Notar que o Cordeiro está "no meio do trono", participando da soberania divina do "Sentado" (Deus Pai) (v. 6).

• Notar também que o Cordeiro "estava de pé" e ao mesmo tempo "degolado". É vitorioso (ressuscitado) e imolado na cruz (estigmas).

• Outras referências no Ap.

- 7,14: "(Os salvos) alvejaram suas vestes no sangue do Cordeiro";

- 7,17: Cordeiro-Pastor: "Ele os conduzirá para as fontes...";

- 14,1-5: Apoteose do Cordeiro e dos 144 mil Resgatados da terra;

- 17,14: O Cordeiro, junto com seus fiéis, vence os Perseguidores;

- 19,7-9 e 21,2,9: As núpcias do Cordeiro com a No(i)va Jerusalém;

- 21,22: Cordeiro: o grande Templo vivo da nova Jerusalém;

- 22,1: Cordeiro: Fonte de vida eterna para os Eleitos.

4. Jesus é o Messias do cetro de ferro (12,1,5)

• Alusão ao salmo messiânico 2,9. O "cetro de ferro" é um símbolo duro: indica a **soberania** absoluta do Messias sobre os povos (cf. 2,27 e 19,15). (Em 6,10 Deus é chamado "Déspota santo e verdadeiro").

• Notar o *contraste* entre a enormidade e força do Dragão e a fraqueza da Mulher grávida e do Messias-Criança. Mas o Todo-Poderoso está com esses: este é "arrebatado junto de Deus" (v. 5) e Aquele, protegida (vv. 6,13-16). (Não esquecer o contexto da Igreja perseguida).

• Importa notar que o "Messias de cetro de ferro" faz seus seguidores *participarem* de seu poder soberano (2,26-28: cetro de ferro sobre as nações; 3,21: sentar-se no trono divino; 20,4: tronos do julgamento, como em Mt 19,28: "Sentareis sobre 12 tronos...". Também Ap 22,5.

5. Jesus é o Guerreiro do Cavalo Branco (19,11-21)

• É a "mais poderosa evocação de Cristo em todo o NT" (H.M. Ferret).

• Jesus aqui aparece como o **Messias** vencedor (cor branca = vitória), junto com seus seguidores (cavalaria branca = invencível).

• Ele é a **Palavra de Deus** encarnada (v.13). Sua arma é a força da Palavra de Deus, comparada a uma espada. Com ele vence as forças anti-divinas (v. 21; cf. a Palavra exterminadora de Sab 18,14-15).

• Ele é o **Juiz do Mundo** (executor da Cúlera divina: v. 15; da seu manto tinto de sangue: v. 13 – sangue dos iníciós, não de Cristo!).

• Ele é o **Senhor** (carrega muitos diademas: v. 12 e traz o nome de "Rei dos reis e Senhor dos senhores": v. 16).

• Ele é o **Libertador** de todas as potências de morte na história: os sistemas opressores (besta-fera), as ideologias sedutoras (falso-profeta) (v. 20) e seus aliados (v. 21).

• Enfim, Ele é **misterioso** e **transcendente**, como Javé (v. 12).

Bibliografia recomendada

Existe saída?

Bernhard Häring

Diante do número cada vez maior de separações matrimoniais e do sofrimento que produzem, a Igreja é chamada a mostrar a sua sabedoria e o seu verdadeiro rosto.

B. Häring, professor emérito de teologia moral, depois de mais de 50 anos de ensino e ministério, apresenta um caminho promissor para a Igreja, nessa questão.

Editora: Edições Loyola - Rua 1822, nº 347 - Ipiranga - CEP 04216 - São Paulo-SP - Tel: (011) 914-1922

Entre o desejo e o mistério: novos caminhos da sexualidade

Lucia Ribeiro (Org.)

Uma abordagem aberta, madura e profunda da sexualidade, com perspectivas novas para a compreensão de velhas questões.

O lúcido trabalho de Lucia Ribeiro é complementado com intervenções de Otto Maduro, Carmen Cinira Macedo, Miguel Josan e Frei Betto.

Editora: ISER - Instituto de Estudos da Religião - Lad. Glória, 98 - CEP 22211 - Rio de Janeiro-RJ - Tel.: (021) 265-5747



Vida, Clamor e Esperança

Diversos autores

É o resultado do trabalho coletivo de um grupo de teólogos, pastoralista e pesquisadores sociais da América Latina. Pretende ser uma contribuição para a reflexão dos cristãos depois de 500 anos de evangelização nesta parte do mundo. Comparecem Beozzo, Comblin, Libânia, Mesters, Gustavo Gutierrez, Jon Sobrino, Ana Maria Tepedino, Ivone Gebara, Moser, Clodovis Boff, Betto, Pablo Richard, Maria Clara Bingemer, Luiz Eduardo Wanderley e muitos outros autores, abordando temas de interesse que ultrapassam as comemorações ainda recentes da chegada dos europeus na América.

Editora

Editora: Edições Loyola
Rua 1822 nº 347 - Ipiranga
CEP 04216-000 São Paulo-SP

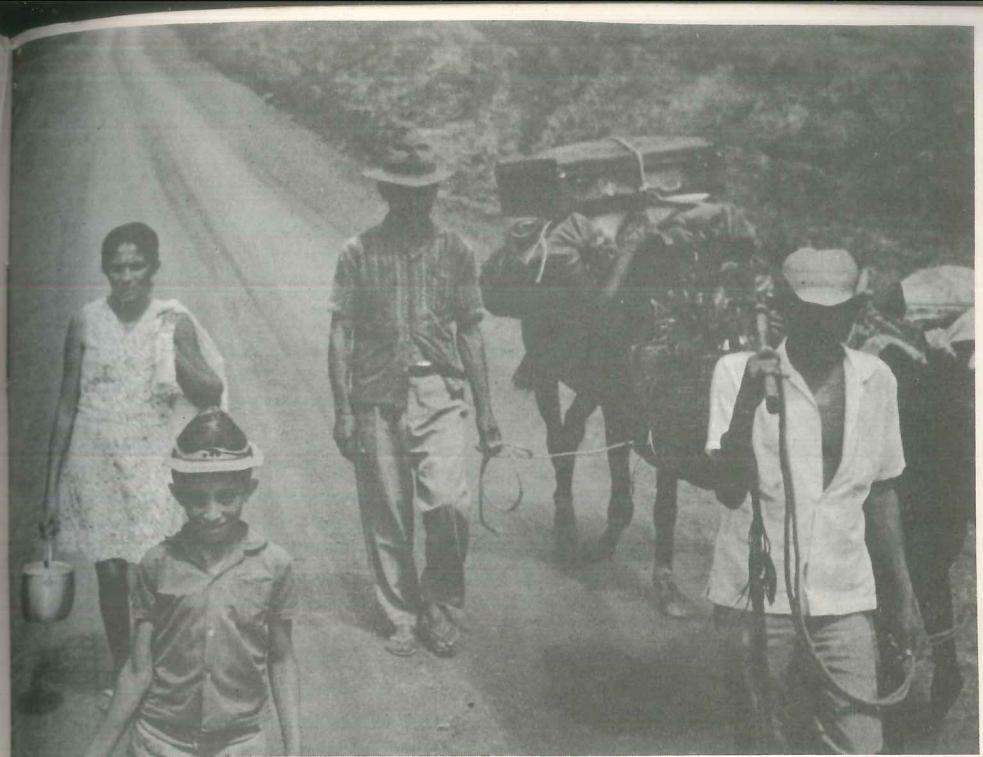
O Assunto é Casamento

Diversos autores

Livro-base para programas de preparação ao casamento, agora inteiramente revisado, em sua 8ª edição. Traz orientações didáticas e metodológicas atualizadas e oferece textos de apoio aos coordenadores dessa atividade, cobrindo os principais temas que geralmente surgem em resposta aos questionamentos e expectativas dos que vão se casar: a pessoa humana, o diálogo, aspectos psicológicos e biológicos, a afetividade, a sexualidade, a maturidade, a procriação, a educação dos filhos, o sacramento, o processo de adaptação para a vida a dois, o compromisso social da família, seus direitos constitucionais, os aspectos jurídicos e demais assuntos de maior interesse.

Editora

Movimento Familiar Cristão
Rua Espírito Santo, 1059/1109
CEP 30160 Belo Horizonte-MG
Tel. (031) 222-5842



Um certo movimento...

José e Beatriz Reis

nhos de solução.

Era uma vez um movimento - movimento familiar cristão. Seu duplo carisma o situava na confluência de duas vertentes: Sendo um movimento familiar era chamado a ocupar-se com a dinâmica da vida das famílias condicionadas pelo mundo de hoje na América Latina e, em nosso caso, no Brasil.

Essa dinâmica familiar está sempre tecida por problemas diversos, alguns mais graves, outros menos, todos eles importantes, todos a exigir um esforço de análise que possibilite a descoberta de possíveis cami-

nhos de solução. Sem nada perder de sua importância, são os problemas familiares, no entanto, na grande maioria das vezes, apenas sintomas, consequência de problemas mais amplos, denominados macro-problemas: problemas sociais, culturais, políticos, econômicos e ideológicos; problemas derivados de processos de mentalização desumanizantes e instrumentalizantes; problemas criados e cultivados com carinho pelos meios de Comunicação Social, quase sempre colocados a serviço do mercado,

centro da civilização capitalista ora vigente.

São, os problemas familiares, metástases de problemas mais profundos, de problemas mais amplos e mais graves.

Preocupar-se apenas então com pequenos problemas familiares, considerando-os como problemas autônomos, empobrecerá logicamente esse movimento, levando-o a agir como alguns médicos incompetentes que se preocupam apenas em curar sintomas esquecendo-se, muitas vezes, de investigar e atacar suas causas mais profundas.

Ignorar no entanto, os problemas-sintomas será adotar a política do avestruz. Sem combater ao mesmo tempo os sintomas e suas respectivas causas, poderá o movimento deixar morrer famílias concretas incapazes, por si mesmas, de localizar e analisar as situações que, pouco a pouco, as desgastam e destroem.

E mais:

Sendo um movimento cristão, sem deixar de ser autenticamente familiar, deverá esse movimento situar-se dentro do plano salvacionista de Deus, não de um modo teórico e abstrato, mas fazendo suas as linhas, hoje, aqui e agora, descobertas e propostas pelo Vaticano II e adaptadas por Medellín e por Puebla, para a América Latina.

Isso significa caminhar com o povo de Deus, assumindo suas perspectivas, seus apelos, seus clamores, seu caminhar concreto, seu posicionamento diante de situações desumanas, seus métodos de evangelização. Significa, ainda, assumir atitude de conversão contínua, de educação permanente, atitude de vigília constante para poder dizer, no momento

oportuno, a palavra exata, a palavra profética, de denúncia e de anúncio.

Processo evolutivo

No começo de sua caminhada, há mais de 40 anos, assumiu o MFC uma atitude familista, preocupando-se sobretudo com os problemas-sintomas, com os problemas intra-familiares: convivência afetiva, diálogo conjugal, planejamento e orçamento familiar.

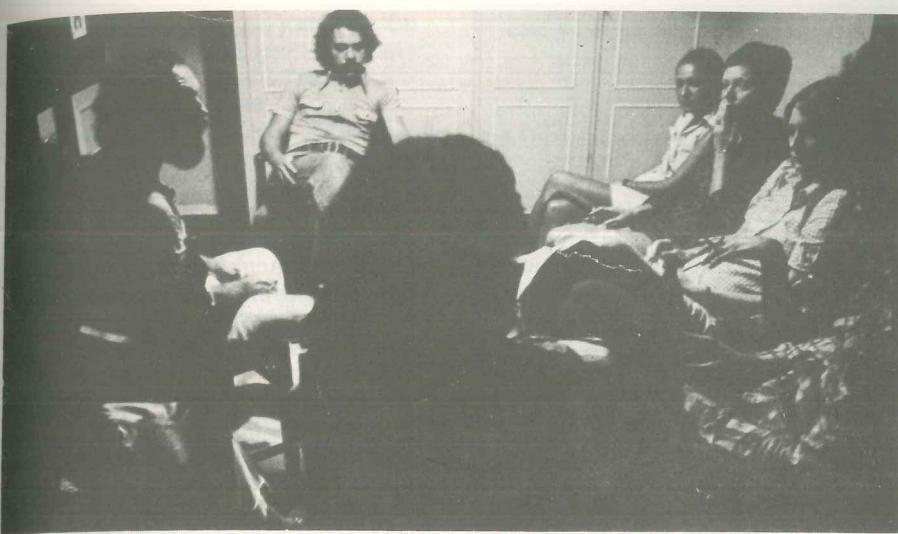
Tempos depois, mais ou menos na década de 60, optou o MFC por preocupar-se com os problemas macro-sociais, descobrindo-os e identificando-os como fonte de grande parte dos pequenos problemas familiares. Foram revistos então, paulatinamente, seus objetivos, seus métodos e instrumentos de trabalho, situando-se assim o movimento dentro de uma perspectiva mais ampla.

Quase ao mesmo tempo descobriu o movimento seu carisma especificamente cristão e procurou exercê-lo, colocando-se no ritmo da caminhada da Igreja Latino-americana.

Nesse processo evolutivo foram ficando mais ou menos esquecidos os problemas tipicamente familiares – problemas-sintomas que, como todo sintoma mal curado, alastram-se pela comunidade, destruindo muitas famílias dentro e fora do MFC.

Perguntamos então:

Será impossível ao MFC assumir o carisma que lhe é próprio, em sua totalidade? Ou será que, para ser um movimento cristão precisa deixar de ser um movimento familiar? A descoberta da dimensão macro-social, com suas exigências e desafios, levará o MFC inevitavelmente a igno-



rar os pequenos, dolorosos, concretos problemas intra-familiares? Denunciar as injustiças, anunciar o mundo novo, supõe ignorar os clamores das famílias que se debatem, que se desestruturam, que se desmancham, por não encontrarem quem lhes estenda a mão?

Seguia um samaritano pela estrada que ia de Jerusalém a Jericó. Devia ter, na cabeça e no coração grandes e importantes problemas a resolver, grandes denúncias a fazer. Devia talvez estar partindo para anunciar algo espantosamente novo.

Sem esquecer sua missão, parou para socorrer, no meio do caminho, alguém que havia sido assaltado por ladrões. Tomou as medidas necessárias, sem perder de vista sua pers-

pectiva global, sem perder o sentido de sua caminhada.

O problema do pobre ferido era apenas sintoma da existência de salteadores, de homens corruptos e assassinos. Mas era um problema que, em si, exigia cuidados especiais.

Interpretação poética? Talvez.

Mas a poesia, algumas vezes, nos ajuda a encontrar o sentido da vida.

MFC: carismas que não se reparam mas se complementam; duplo desafio que, longe de o empobrecer, o faz alargar suas fronteiras, o leva a abrir seu coração. Não se trata de re-negar um carisma para aderir ao outro. Trata-se de viver, em totalidade, a missão que lhe é reservada na comunidade latino-americana.

- *Como é ou como vemos o MFC em nossa cidade e Estado?*
- *O MFC tem sido resposta ao que dele esperamos? Por que?*
- *Estamos comprometidos com a vida e a ação do MFC?*
- *O que está sendo feito para que ele cresça?*
- *Que ações concretas o MFC realiza? Participamos de algumas de suas ações?*
- *Que planos temos para o MFC, para que ele possa vir a ser resposta para as necessidades de mais famílias de nossa cidade?*

Libertaçāo pela fé

Fernando: – Aquele papo que a gente levou sobre Deus e cristianismo não acabou, eu acho.

Maria: – Nós suspendemos a conversa pra ter tempo de pensar nas coisas que o Pedro estava explicando. Ele parou na explicação do plano de Deus. Eu acho que já dava pra continuar. Eu estou interessado. É uma visão das coisas diferente do que ensinaram no catecismo.

Fernando: – Eu também estou interessado.

Maria: – O Pedro explicou que o plano de Deus é a humanização do homem. E isso eu já entendi.

Joana: – Mas como é que o homem vai ser humanizado num mundo que só desumaniza? Querer humanizar o homem sem mudar o mundo é perder tempo com papo furado.

Pedro: – Joana está certa! Por isso, o centro da pregação de Jesus é o Reino de Deus. O que é que vocês acham que é o Reino de Deus? Um Reino com trono, rei e corte real?

Fernando: – Pra mim era isso mesmo. Mas já dá pra perceber que é alguma outra coisa, senão o Pedro não perguntava...

Pedro: – O Reino de Deus é uma forma de os homens se relacionarem entre si com base na justiça e na fraternidade. É uma realidade que vai sendo construída aos poucos. Sempre que se estabelece a justiça onde antes havia injustiça, opressão, dominação e desumanização, a gente diz que houve um sinal do Reino de Deus. Sempre que se manifesta alguma forma de fraternidade, de amor,

onde antes estava presente o ódio, a desconfiança, a competição desenfreada, o desrespeito à dignidade humana, aí nós dizemos que houve um sinal do Reino de Deus.

Fernando: – Mas quando é que os cristãos acham que essa coisa vai acontecer de uma vez por todas?

Pedro: – O cristão sabe que isso vai acontecer, porque é uma promessa de Deus. Mas sabe, também, que será uma longa e lenta caminhada. E mais: sabe, também que o Reino de Deus em plenitude só vai se realizar no final da história, depois da história humana.

Fernando: – Depois do fim do mundo?

Pedro: – Não sabemos como vai ser o fim da história humana. Mas sabemos que vai haver um final feliz. Essa é a certeza do cristão. O Reino de Deus vai se realizar plenamente.

Fernando: – Então... tudo bem! É só a gente esperar...

Carlos: – De braços cruzados, não!

Pedro: – Claro! De braços cruzados, não! O Reino de Deus é uma construção que foi entregue aos homens. Ele tem que ser construído ao longo da história. E pelos homens, com a ajuda de Deus, é claro. Mas com seu esforço de todo dia fazer alguma coisa por essa construção. O Reino vai se construindo com aqueles sinais que eu estava dizendo antes. Pouco a pouco.

Carlos: – E você espera que com esses sinais, só com esses

sinais, o mundo vai mudar? Eu acho que precisa a gente ir mais longe, se meter na política e mexer com as estruturas.

Pedro: – É verdade. Todo sinal de justiça e fraternidade já contribui seguramente para que o Reino de Deus aconteça desde aqui e agora. Mas é preciso acelerar essa construção. E existem caminhos para isso. A política é um dos meios mais importantes.

Fernando: – Em política eu não vou me meter nunca... Só dá ladrão!

Juca: – Política é coisa suja!

Pedro: – Se as coisas não andam muito bem na política é justamente porque tem muita gente que pensa como vocês dois.

Carlos: – Num país como o nosso, qualquer transformação pra que exista mais justiça, só pelo caminho político, Juca!

Pedro: – E tem muitas maneiras de você se meter na política... Ou no partido político, ou nas associações, no diretório acadêmico, no sindicato...

Carlos: – Em qualquer lugar em que você possa se juntar com outra gente que quer as mesmas coisas que você. A união vira força política pra mudar o que está errado. Eu acho que é por aí!

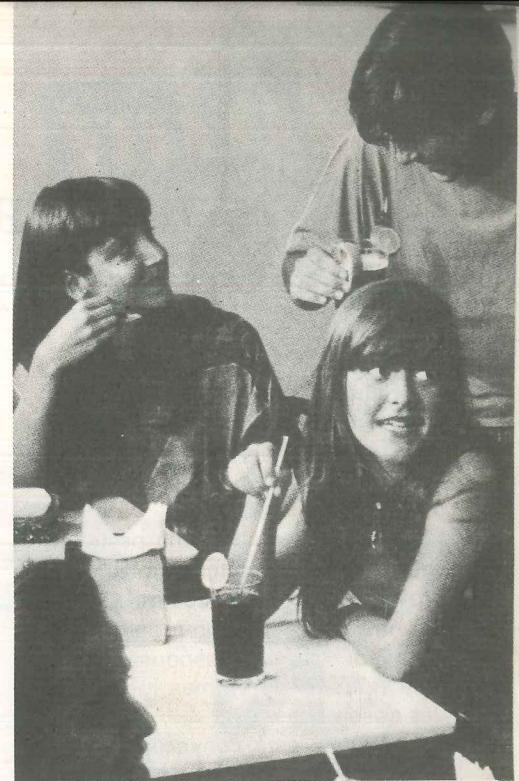
Pedro: – Que é que vocês acham? Que é que isso tudo tem que ver com o Reino de Deus, com cristianismo, fé, Deus, e tudo que a gente estava falando?

Fernando: – Eu acho que entendi!

PERGUNTAS PARA A REUNIÃO:

• Como você julgaria as opiniões e atitudes de Pedro sobre política? E do Fernando? E do Juca? E do Carlos?

• Qual é a sua própria opinião sobre política? Quando é que a política serve para a construção do Reino de Deus?



• Que formas de participação política estão ao seu alcance? Você está disposto a participar?

• O que você acha que poderia fazer concretamente para ajudar a construir um mundo mais justo? Você está disposto a fazer alguma coisa, mesmo pequena, em favor de quem precisa de você? O que podemos fazer juntos?

REFLEXÃO SOBRE A HISTÓRIA DA SALVAÇÃO-LIBERTAÇÃO

"Levantou, então, os olhos para os seus discípulos e disse:

Felizes de vós, que sois pobres, porque o Reino de Deus vos pertence!

Felizes de vós, que agora padecis fome, porque sereis saciados!

Felizes de vós, que agora chorais, porque haveréis de rir!" (Lc 6, 20-21).

ONU convoca mundo para salvar crianças

Relatório de 1992 da UNICEF revela que se os países investissem apenas mais 25 bilhões de dólares, seriam evitadas 13 milhões de mortes!

Mostra que nenhuma peste, encheite, guerra ou terremoto jamais provocou a morte de 250 mil crianças em uma semana. Pois a desnutrição e as doenças são responsáveis por esse número de vítimas infantis todas as semanas.

A ONU está convocando todos os países do mundo, ricos e pobres, a se unirem num esforço mundial para



o combate às causas dessa matança cruel.

Atacar o problema de frente depende mais da vontade política. Porque se trata de estabelecer prioridades nos investimentos dos países. Os 25 bilhões de dólares necessários para salvar essa quantidade fantástica de crianças é uma quantia modesta, se comparada com o que o mundo gasta em outras coisas menos importantes ou inúteis. Só para se ter uma idéia: os europeus gastam 50 bilhões por ano com cigarros! Os americanos gastam em cerveja 31 bilhões anuais e o aeroporto de Hong Kong vai custar 23 bilhões de dólares. É a quinta parte da dívida externa brasileira.

E onde morrem esses milhões de crianças? Apenas na Somália, Bangladesh ou Paquistão? Nada disso. Estão morrendo, também, nas favelas das nossas cidades, nos sertões do nordeste e nos muitos bolsões de miséria do nosso país.

A causa é sempre a mesma: absurdas desigualdades sociais, recessão e desemprego, falta de saneamento básico e de investimentos em saúde e educação.

O combate a essa situação de vergonha deve ser a prioridade do governo e da sociedade civil, do povo que vai descobrindo seus direitos e conquistando a sua cidadania.

(S. & H.A.)

Leia e assine

fato e razão

UMA REVISTA PARA LER
RELER E GUARDAR



Peça os números que faltam na sua coleção

Pedidos de números já editados e assinaturas de números futuros devem ser enviados à Livraria do MFC com cheque em cruzeiros equivalente a 2.50 dólares para cada exemplar e 10 dólares para assinatura dos próximos 4 números.

Livraria MFC

Rua Espírito Santo, 1059/1109
30160 Belo Horizonte-MG

